

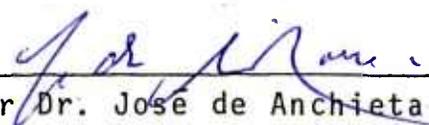
A PALAVRA NA CENA ANALÍTICA

LÚCIO ROBERTO MARZAGÃO

Tese defendida e aprovada pela banca exa  
minadora, constituída dos Senhores:

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr.

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr.

  
\_\_\_\_\_  
Orientador: Professor Dr. José de Anchieta Corrêa

Departamento de Filosofia  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - UFMG

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 1984

LÚCIO ROBERTO MARZAGÃO

A PALAVRA NA CENA ANALÍTICA

Tese apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
BELO HORIZONTE

1984

Minha gratidão a

Lúcia, Cristiana e Raquel

José de Anchieta Corrêa,  
que esperou pacientemente minha trajetória.

Ana Cecília (Gontijo), Célio (Garcia),  
Eduardo (Dias Gontijo), Guido (Antônio  
de Almeida), Jeferson (Machado Pinto),  
Lúcia (Ferreira Marzagão), Maria Célia  
(de Castro Bessa), Renato (Mezan) e Ri-  
va (Schwartzman), colegas e companhei-  
ros queridos.

## FREUD, UM ENIGMA

Quem foi Freud? Um médico? Como, se declaradamente nunca se interessou por medicina? Um filósofo? Como, se reiteradas vezes tomou de seus cuidados afastar a Psicanálise de questões metafísicas? Um literato? Provavelmente, apesar de haver dito que o uso de metáforas para a transmissão de sua teoria era efêmero e chegaria o momento em que a Bioquímica e a Neurologia ocupariam seu lugar. Teria sido Freud alguém como Fernão Dias, que partiu em busca de esmeraldas, desbravou dificuldades, encontrou turmalinas, mas deixou portas abertas para queles que o seguiram?

O que Freud criou? Uma teoria do psiquismo humano que possibilitasse, via aplicação, a solução de problemas sociais e educacionais? Parece que não. Freud não se configurava como alguém engajado. Ao contrário, deteve-se exclusivamente no desenvolvimento das suas especulações teóricas e intelectuais; preocupações de ordem política ou social ou suas opiniões pessoais estão ausentes até mesmo de *Um Estudo Autobiográfico* (FREUD, 1925 [1924]).

Qual o segredo deste homem que três dias antes da morte tolerou a dor de sua doença e, ainda, procurou tomar conhecimento do mundo à sua volta, recusando analgésicos? Qual a sua religião? Judaica, se respondermos de imediato. Mas, ressentido desde a infância, quando na escola o marginalizavam como judeu, preferiu

ser cremado, opondo-se ao ritual judaico. Este ressentimento parece que o acompanhou de Aníbal até a conquista de Roma (RIEFF, 1979).

Um gênio? Sem dúvida. Ao longo da vida criou uma teoria que até hoje nos ocupa e preocupa. Quando tentamos encará-lo como o médico que escreveu a "Psicologia para Neurólogos", escapa à nossa apreciação e definição analisando sonhos como se fossem poemas. Quando queremos apreendê-lo como filósofo, dá de ombros e diz que se limitou a Schopenhauer e Nietzsche. Quando entendemos que estamos diante de um teórico frio que comparou sua prática com uma cirurgia, encontramos um homem dócil e sereno, que se entusiasmava e defendia a humanidade de seus pacientes.

Seria alguém encerrado numa torre de marfim, isolado de todos? Não, certamente. Basta que leiamos suas cartas, que escreveu às centenas. Quando invadimos sua intimidade constatamos que sua genialidade como cientista não se diluiu sequer nas cartas aos amigos. Um profeta? Tudo indica que também não. Sua obra o atesta. É difícil recordar qualquer passagem de seus textos que contenha caráter dogmático ou exortativo, pelo contrário, nunca se apegou às suas especulações como verdades imutáveis.

Uma pessoa jocosa e brincalhona? Parece que sim. Especialmente quando disse que o que se opõe ao jogo é a realidade e não a seriedade. ROAZEN (1978) relata que alguém, tendo furtado um livro da obra de Freud numa livraria, teve como pena sugerida pelo juiz, ler toda a obra. Quando Freud soube, riu.

Estamos discutindo a obra deste homem e algumas de suas possíveis interpretações. Para nós, trata-se de um gênio que traz consigo a versatilidade e a firmeza; ambigüidade e clareza; humildade e orgulho. Tais atributos impregnaram sua obra, legado que nos faculta tentar compreendê-lo sem nenhuma esperança de esgotá-lo.

## INDICE

<u>FREUD: UM ENIGMA</u>		(i)
<u>INTRODUÇÃO</u>		1
<u>PRIMEIRA PARTE</u>	-	<u>PSICANÁLISE: SEUS LIMITES E VIZINHANÇAS</u> 8
CAPÍTULO I	-	O CERRADO, 9
		a) Psicanálise e Psicoterapia, 10
		b) Teorias da Personalidade, 22
CAPÍTULO II	-	A PALAVRA INSTRUMENTAL E A PALAVRA ANALÍCA 27
<u>SEGUNDA PARTE</u>	-	<u>AS "NATURWISSENSCHAFTEN" OBSEDAM A PSICANÁLISE</u> 35
CAPÍTULO I	-	A SEMENTEIRA, 36
CAPÍTULO II	-	PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA, 41
CAPÍTULO III	-	PSICANÁLISE, CIÊNCIA NATURAL E LINGUAGEM, 54

<u>TERCEIRA PARTE</u>	-	<u>A PSICANÁLISE, AFINAL, RONDA SUA ÓRBITA:</u>	66
		<u>A LINGUAGEM</u>	
CAPÍTULO I	-	ENTRE QUATRO PAREDES?,	67
CAPÍTULO II	-	FENOMENOLOGIA, LINGUAGEM E PSICANÁLISE,	71
		a) A Linguagem da Fenomenologia,	72
		b) A Fenomenologia da Linguagem,	74
		c) Psicanálise e Fenomenologia,	78
CAPÍTULO III	-	A PSICANÁLISE DE JACQUES LACAN,	82
		a) Um Novo Paradigma?,	83
		b) Lacan e o Estruturalismo,	86
		c) De Freud a Lacan,	88
		d) O que Ouviria Lacan?,	94
CAPÍTULO IV	-	A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA PSICOSSOCIAL,	98
		a) Os Freudo-Marxistas,	100
		b) Sobre a Dialética Natureza-Cultura e a Linguagem,	101
		c) A Linguagem como Trabalho e como Merca- do,	104
		d) A Filosofia da Linguagem Ordinária,	105
		e) Psicanálise e Filosofia Analítica da Lin- guagem,	109
<u>CONCLUSÃO</u>			111
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>			114

## INTRODUÇÃO

Este trabalho toma como ponto de partida uma constatação: todo filósofo que pretenda se dedicar àquelas questões mais controversas do Saber, inevitavelmente, terá de se defrontar com indagações e desafios que começaram a ser postos desde o início deste século pela Psicanálise. Por outro lado, qualquer estudioso de Psicanálise que procure refletir criticamente, compreender e situar sua prática ou teoria, também, indubitavelmente, se verá frente à necessidade de apreciação de noções filosóficas. É claro que o chamamento e reconhecimento da Psicanálise pela Filosofia não se fez, nem se faz, sem alguma relutância e ceticismo (POLITZER, 1975). As questões postas, bem como as respostas declaradas inexistentes a partir de Freud, forçaram os filósofos a despertarem mais uma vez do sono dogmático. Energética ou Hermenêutica (cf. RICOEUR, 1977; 1978)? Em contrapartida não encontramos nenhuma dificuldade em identificar estudiosos de Psicanálise, especialmente dentre aqueles envolvidos com a prática sistemática, portando uma concepção de prática filosófica ingênua e equivocada: pensam uma prática arrancada de seu contexto histórico. Como seria possível filosofar sem fazer história?

É verdade que durante as últimas décadas assistimos a um saudável e arejado resgate destas aporias. Mas é necessário admitir que a aproximação destas duas áreas de conhecimento, como já

aludi acima, tem sido problemática. MEZAN (1984) argumenta que a simples inclusão da partícula e unindo Psicanálise e Filosofia exigiria, de saída, uma confrontação entre ambas, bem como, implicitamente, admitiria que estas disciplinas se situam num mesmo registro teórico. Este autor prefere tratar o tema de forma mais estratégica e resgatar as afinidades possíveis ou, quem sabe as dissonâncias, a partir da análise de textos, que por si mesma acabaria por demonstrar a adequação ou não do tema. Esta perspectiva nos remete a dois trabalhos publicados sobre o assunto com intervalo de aproximadamente 70 anos.

No primeiro deles FERENCZI (1912), comentando um texto publicado pelo professor J.J. Putnan, da Universidade de Harvard, sob o título *O Significado das Idéias e Treino Filosóficos no Desenvolvimento do Movimento Psicanalítico*, deixa clara a dificuldade da Psicanálise, naquele momento, de aceitar ou acolher a Filosofia e diz que os assuntos filosóficos fazem parte do campo de observação da Psicanálise. A opinião de Ferenczi não difere, convenhamos, da de FREUD (1913) quando fala de filosofia. Volto, porém, a FERENCZI (1912):

Vou procurar demonstrar, por exemplo, que não é de todo impossível nem inteiramente estéril aplicar o ponto de vista psicológico às condições de aparição dos sistemas filosóficos. (pág. 227) (1).

Provocativo, diz também que a Psicanálise ocupa uma metaposição em relação à Filosofia, aos contos de fadas e às lendas, que o Materialismo enquanto tema filosófico é mera projeção - a matéria pensa por mim - e que o Solipcismo é o mecanismo de introjeção! (pág. 227). Em resumo, uma hábil exclusão da possibilidade de reflexão filosófica da Psicanálise.

No segundo trabalho, DAYAN (1979), de maneira inteiramente consequente e gozando do distanciamento crítico de 70 anos de história, se dedica a admitir a interpelação feita à Filosofia pela

---

(1) Todas as citações em língua estrangeira deste trabalho foram por mim traduzidas. Consequentemente, assumo a responsabilidade pelo teor dessas traduções.

Psicanálise através "deste monstro conceptual: O sujeito do inconsciente" (pág. 77). Discute o aparecimento da Psicanálise na França de após-guerra, onde predominavam as discussões fenomenológicas, quando subitamente o sujeito é deposto.

Estes breves comentários e referências visam demonstrar a pertinência da aproximação das áreas Psicanálise e Filosofia. Entretanto, opto por outro recurso.

O leitor desta dissertação que não transite com relativa fluência pela Filosofia ou pela Psicanálise certamente será levado, nesta altura, a indagar: quais são as razões e problemas que justificam um texto sobre estas áreas? Quais as suas relações e pontos em comum? Vejamos.

A Psicanálise, enquanto método de investigação, prática terapêutica e teoria do psiquismo, (1) carece de uma articulação epistemológica que dê sentido e unidade compreensivos a esses três níveis. Afirmo, entretanto, que a maioria das investigações realizadas em Psicanálise ao longo dos últimos 80 anos, a prática terapêutica desenvolvida, bem como a(s) teoria(s) do psiquismo apresentadas à comunidade científica foram articuladas sob uma concepção de conhecimento fortemente impregnada da tradição das Ciências Naturais. Esse vício e transplante metodológicos e suas consequências resumem uma epistemologia das Ciências Naturais aplicadas à compreensão da Psicanálise. Discutirei que esse enfoque - que, é claro, tem sido crescentemente contestado, especialmente após a obra de Jacques Lacan - é inteiramente equivocada. A Psicanálise e seus conceitos carecem de lentes epistemológicas que não reduzam seu campo fenomênico, tal como vem ocorrendo. Este trabalho pretende apresentar alternativas, valendo-se de desenvolvimentos recentes no campo da Filosofia da Linguagem.

Quais as relações e pontos comuns entre Psicanálise e Filosofia? Naturalmente encontraremos vários. Entretanto, quero deixar claro que não é objetivo deste trabalho estabelecer ligações entre essas disciplinas através de análises e debates metateóricos. Em

---

(1) Cf. FREUD, (1923 [1922]), V. XVIII, pág. 287.

outras palavras, fogem do meu objetivo a aproximação ou distanciamento de conceitos psicanalíticos e temática filosófica, como, por exemplo, o conceito de superego e moral.

Abstenho-me, também, de analisar em profundidade as dificuldades surgidas quando a Filosofia da Consciência pretendeu haver encontrado o método filosófico por excelência (Fenomenologia) ou quando a Psicanálise tomou ares de *Weltanschauung*.

/ Pretendo explorar criticamente questões que surgem na *práxis* psicanalítica e demonstrar que ela é o ponto de ligação fundamental entre Filosofia e Psicanálise. / Esse ponto de convergência entre disciplinas aparentemente díspares ou competitivas é a *língua-gem*.

A *práxis* psicanalítica transcorre desde seus primórdios numa cena onde têm lugar interlocuções. Por outro lado, insisto que a *práxis* filosófica, se faz - também de forma inegável - via linguagem (1). É evidente que a convergência mencionada não pretende homogeneizar ou identificar os discursos filosófico e psicanalítico, negando-lhes suas especificidades e diferenças. Oportunamente essas particularidades serão esclarecidas.

O espaço originário de toda e qualquer reflexão de natureza especulativa, conceptual, teórica ou filosófica é o discurso. Sabe-se disso no que respeita à Psicanálise, e o mesmo pode-se dizer da Filosofia. Por essas razões, considero desnecessárias refe-

---

(1) A Linguagem, reconheço, tem sido utilizada pelos especialistas como instrumento de articulação de concepções epistemológicas diferentes. No presente trabalho considero a linguagem como fenômeno *em si mesmo*. É importante salientar que o mesmo argumento que utilizo para justificar a propriedade de uma dissertação que aproxime Psicanálise e Filosofia - ou mais especificamente Epistemologia - é válido para as chamadas Ciências Humanas. Outra questão importante: Vou tratar exclusivamente da linguagem enquanto comunicação linguística digital, por duas razões principais. Primeiro porque a Psicanálise lida com essa forma de comunicação e segundo porque todas as outras formas de comunicação são redutíveis à fala e não o contrário. Além disso, admitir na cena analítica a presença exclusiva da comunicação analógica implica consentir a possibilidade de uma comunicação que se faça via sintoma, o que considero um contra-senso. Não se trata de negar a infinita gama de fenômenos comunicacionais analógicos presentes na cena analítica; trata-se de afirmar que sua manifestação plena se faz pela palavra sempre escorregadia. Transmutar as emoções em palavras é um trabalho de poeta ou de analista-analisando.

rências históricas exaustivas. Pretendo, entretanto, demonstrar que a linguagem se vincula, ao *nível* rigorosamente *conceptual*, a essas áreas, e não me satisfaço com remissivas históricas. Insisto num reexame da Psicanálise, via outras alternativas epistemológicas, na medida em que os modelos que são frequentemente apresentados com o intuito de dar-lhe cientificidade derivam de uma perspectiva proveniente das Ciências Naturais; tal situação parece inteiramente equivocada.

Sustento que a Psicanálise deverá ser analisada a partir de seu dado primordial: a *palavra*, por este motivo, exige uma construção epistemológica, bem como um método de análise de seus fenômenos diverso.

Ao longo deste texto serão encontradas referências ora a Freud, ora à Psicanálise. Leve-se em conta que meu propósito não é a análise ou reflexão detalhadas da obra de Freud, mas resgatar nela aspectos e circunstâncias históricas e metodológicas que fundaram os chamados Movimentos Psicanalíticos ou Psicanálises (1). Discutirei textos, comentários e excertos de Freud e de autores que o seguiram. Tomarei como foco central o fato de que a concepção da Psicanálise resultou numa grande diversidade de interpretações. Essas interpretações, ou até mesmo distorções, foram observadas no início do século através das clássicas dissidências. Atualmente, sabe-se que tais querelas se constituem como fenômenos incontestáveis e cotidianos. Grosseiramente atribuo a ambigüidade (2) que impregna a obra de Freud a razões inerentes à sua própria formação intelectual e profissional, bem como à inevitável exposição a que se submete todo criador e sua obra.

Apontar para aspectos do próprio texto freudiano e, em seguida, lançar mão de outros autores não significa que identifique biunivocamente Freud com a Psicanálise. Não penso também que as interpretações posteriores foram decorrência de "avanços científicos"; contento-me em registrar que tratarei do assunto tendo em

---

(1) Utilizo-me do termo Psicanálises porque estou convencido de que, se interpreto a teoria freudiana através de lentes mecanicistas, obtenho uma Psicanálise; se o faço numa perspectiva estrutural, obtenho outra. Assim por diante.  
 (2) "Nem naquela época, nem mesmo depois, senti qualquer predileção particular pela carreira de médico". (FREUD, 1925 [1924], pág. 18).

vista que o pensamento de Freud não poderia, como é evidente em sua obra, ser encarado segundo a perspectiva de um desenvolvimento monolítico. Essa afirmação é, a meu ver, igualmente válida para a Psicanálise pós-Freud. Desde os primeiros textos publicados por Freud, encontramos exegeses suficientemente diversas que provavelmente justificam as afirmações acima. Em nenhum momento pretende-se obter via dissecação dos textos psicanalíticos - de Freud ou outros autores - a sua verdade. Pelo contrário, procurar alcançar a *verdade* tem relações muito tênues com a Psicanálise. O termo "verdade", quer se refira a uma realidade ou se refira a uma proposição, levanta questões de natureza metafísica e/ou epistemológica. É conhecida a complexidade envolvida no debate concernente a essas questões. Este trabalho não pretende discutir a adequação ou conformidade da verdade de um enunciado, ou proferimento, com a realidade. Meu interesse se liga, como veremos, aos proferimentos que têm lugar na cena analítica.

Em resumo, esta dissertação vai argumentar que a Psicanálise e a linguagem possuem ligações inextricáveis e que essas ligações se concretizam de maneira inequívoca na cena analítica. Considerando-se as dificuldades para estudo desta cena como lugar de produção da linguagem, proponho a Filosofia - especialmente aquela tradicionalmente voltada para a linguagem - como acólito imprescindível. Entretanto, antes e também paralelamente ao desenvolvimento do meu argumento, discuto com detalhes a Psicanálise e suas fronteiras e vizinhanças (psicoterapias, teorias da personalidade, psicologia e psiquiatria) e, ainda, a sedução sofrida pela teoria freudiana para se render aos estatutos de cientificidade exigidos pela ciência oficial positivista. Tomo o aparecimento da Psicanálise nos EUA como ilustração. Finalmente, apresento uma discussão ampla daquelas grandes e promissoras contribuições da Psicanálise ou daqueles momentos onde a linguagem se defronta com ela: a Fenomenologia, a Psicanálise de Jacques Lacan e a compreensão da teoria freudiana com amplitude maior do que aquela encontrada nos consultórios, ou seja, visando articulá-la com a sociedade através da linguagem.

Este texto não se apresenta ao leitor de maneira linear, como se espera de um texto acadêmico. Escolhi apresentar os problemas

que me preocupam e desafiam sob a forma de espiral ou redemoinho. Conseqüentemente, desde o início, na minha opinião inevitavelmente, aludo a questões, conceitos e temas que serão *retomados* e discutidos pormenorizadamente ao longo de todo o trabalho. Procurei evitar, assim procedendo, excesso de notas ou inclusão de justificativas desviantes do assunto específico sob tratamento. Penso que o problema central - *a palavra na cena analítica* - estará definido em seus contornos, limitações e promessas ao final desta dissertação.

\* \* \*

## PRIMEIRA PARTE

### PSICANÁLISE: SEUS LIMITES E VIZINHANÇAS

... pessoas de fora, que não estão ligadas à Psicanálise, são tão incapazes de perceber as diferenças entre os pontos de vista de dois psicanalistas, quanto os europeus de fazer distinção entre as caras de dois chineses. (FREUD, 1914, Vol. XIV, pág. 65)

## CAPÍTULO I

### O CERRADO

Parece-me impossível no momento atual discutir Psicanálise sem referir criteriosamente o que se entende sejam suas implicações epistemológicas. Assiste-se diariamente a uma tendência a utilizar o termo Psicanálise diante de qualquer conteúdo ou atividade que se pretenda valorizar. Apesar de reconhecer as ligações entre Psicanálise, Literatura e todas as outras Artes, considero 'essa análise e comparação conceptual cabível apenas quando o escopo das propostas de Freud e seus discípulos for evidenciado e esclarecido. Proponho ainda que esse escopo leve em conta não somente a delimitação e definição de conceitos clássicos, mas principalmente suas implicações epistemológicas. Insisto que a Psicanálise e seus conceitos não devem ser compulsados quando não for apresentada uma clara justificativa de seu alcance.

Pretendo situar a Psicanálise em relação a indagações provindas de disciplinas que cotidianamente a seguem de perto: Filosofia, Psicoterapia, Psicologia, Psiquiatria, Teorias da Personalidade. Essa proximidade, a meu ver, se deve a razões plausíveis e a outras inteiramente circunstanciais. Como já discuti brevemente na introdução, as ligações entre Psicanálise e Filosofia, ainda que há alguns anos fossem consideradas suspeitas, atualmente, é ine-

vitável reconhecer, são oportunas.

Quanto aos alegados parentescos com a Psicoterapia, as Teorias' da Personalidade, a Psicologia e a Psiquiatria, considero indevidos, na medida em que se fundamentam numa incompreensão do que seja Psicanálise e na conveniência de prestigiar aquelas áreas, acasalando-as com a proposta freudiana.

A menção feita acima a essas disciplinas, algumas das quais efetivamente podem ser consideradas limítrofes com a Psicanálise, tem por objetivo afastar qualquer possibilidade de identificação simplista. A tentativa de tratamento conceptual e pragmático idêntico, p. ex., à Psicanálise e às Psicoterapias é clara e lamentável entre os profissionais da área. As Teorias da Personalidade, quando procuram utilizar a tópica freudiana visando uma teoria do desenvolvimento ou um aparato diagnóstico, acabam por trivializar noções e conceitos freudianos. Quanto à Psicologia e Psiquiatria, considero que são disciplinas onde a influência do método científico mecanicista é evidente na maioria das vezes; outras vezes, apresenta-se travestida. Daí minha tentativa de cautela para adentrar um cerrado espinhoso.

#### a) Psicanálise e Psicoterapia

Aqueles estudiosos envolvidos com essas disciplinas imediatamente indagariam, com justeza, como situar de forma consistente e coerente uma terceira prática que surgiu há várias décadas e que suscita não só interesse como polêmica, na medida em que, seja por parte de profissionais, seja por parte de leigos, somos inquiridos sobre a definição de seu lugar: as *Psicoterapias*. À primeira vista poderia responder apressadamente, dizendo que Psicoterapia é uma forma de Psicanálise; ou ainda, que a Psicanálise é uma forma de Psicoterapia. Penso, entretanto, que as identificações recíprocas são no mínimo perigosas.

Conforme afirmou o próprio FREUD (1905 [1904]), a psicoterapia não constitui, de forma alguma, um novo tratamento para distúrbios psíquicos. Qualquer pesquisa bibliográfica mais

cuidadosa demonstra que o uso de métodos psicoterápicos, isolada ou conjuntamente com remédios ou mezinhas, é antigo e se apresenta sob as mais variadas formas. Entretanto, o aparecimento da Psicanálise favoreceu um visível interesse dos médicos ou paramédicos nos distúrbios nervosos; como consequência, constata-se ao longo dos últimos 80 anos uma literal explosão de novas técnicas para tratamento de doenças até então negligenciadas ou rotuladas como "nervosas". É forçoso, no entanto, tentar uma clara e nítida diferenciação entre as práticas psicoterápicas e analíticas. Não pretendo propor uma discussão original, desde que tais distinções são frequentes e se utilizam de critérios também diversos. Antecipo que a distinção que pretendo fazer apoia-se numa análise das práticas psicoterapêuticas e psicanalíticas em si mesmas, valendo-me de intuições já presentes na obra de Freud, assim como dos desenvolvimentos mais recentes ocorridos nas releituras da Psicanálise.

Uma dificuldade como essa, ou seja, diferenciar Psicanálise de Psicoterapia, exige, a meu ver, como recurso inicial, a utilização do dicionário. Eis como LAPLANCHE e PONTALIS (1970) definem os verbetes em questão:

PSICANÁLISE: Disciplina fundada por Freud e na qual, com ele, podemos distinguir três níveis:

A) Um método de investigação (...) do significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (...) de um indivíduo.

B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação (...) e especificado pela interpretação controlada da resistência, da Transferência e do Desejo.

C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico da investigação e de tratamento". (pág. 495).

PSICOTERAPIA: A) No sentido lato, qualquer método de tratamento das desordens psíquicas ou corporais que utili-

ze meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre o terapeuta e o doente; a hipnose, a sugestão, a reeducação psicológica, a persuasão, etc.; neste sentido, a psicanálise é uma forma de psicoterapia:

B) Num sentido mais restrito, a psicanálise é muitas vezes contraposta às diversas formas de psicoterapia, e isto por uma série de razões, nomeadamente a função primacial da interpretação do conflito inconsciente e a análise da transferência tendente à resolução' deste.

C) Sob o nome de "psicoterapia analítica" entende-se uma forma de psicoterapia que se apoia nos princípios teóricos e técnicos da psicanálise, sem todavia realizar as condições de um tratamento psicanalítico rigoroso (pág. 506).

Os autores acima, pelo simples fato de arrolarem os dois verbetes, admitem, é claro, tratar-se de práticas diversas. Ao mesmo tempo, e devemos levar em consideração a consulta, não me parece que as diferenças *qualitativas* tenham sido suficientemente enfatizadas.

As concepções de Psicanálise e Psicoterapia demonstram-se elásticas através do exame de sua história. Às vezes identificam-se, outras vezes tendem a se opor radicalmente; e naturalmente, encontram fases de convivência amigável.

Argumento que a Psicanálise trouxe como conseqüências fatos que envolveram uma revisão (necessária ou não) que vai desde sistemas educacionais até a própria concepção de ser humano. Como ocorre com qualquer modismo ou fato novo, as pessoas se definem em relação a ele, ora identificando-se, ora opondo-se. A identificação, varia desde uma apreciação crítica consistente até o fanatismo; a oposição, por sua vez, caminha da negação à guerra declarada através da invenção de métodos alternativos. Isso ocorreu no caso da Psicanálise. A título de ilustração, vou referir-me a algumas técnicas ou orientações psicoterapêuticas que surgiram a meu ver com o

intuito de se contrapor à Psicanálise ou, às vezes, simplificá-la (!).

Um dos autores mais conhecidos, pelo menos em nosso meio, que se propôs a investigar formas alternativas à Psicanálise foi ROGERS (1961, 1973). Esse autor se coloca como humanista e procura desenvolver "instrumentais" que contribuam para uma maior tranquilidade mental do homem moderno. Utilizando-se de uma grande perspicácia somada à formação obtida numa sociedade ávida por resultados visíveis, elaborou uma série de reflexões ou síntese pessoais, as quais tentou referendar através de pesquisas. Nessa mesma perspectiva, ou seja, visando emprestar respeitabilidade clínica a vivências pessoais, encontramos outro terapeuta humanista, SHOSTROM (1967), que propõe que os problemas humanos se resumem ao fato de as pessoas serem manipuladoras. Segundo ele, a partir do instante em que for feita uma escolha entre a manipulação e a auto-realização, os problemas estarão resolvidos.

O aparecimento dessas "escolas" de psicoterapia e sua confusão e mesclagem com a Psicanálise trouxeram como consequência a oposição de alguns teóricos brilhantes, como, por exemplo, EYSENCK (1964), que propunha técnicas baseadas em princípios de condicionamento, alegando que a psicoterapia de nada adianta.

Não é minha intenção pensar o processo psicoterapêutico segundo dimensões humanistas ou não-humanistas, nem mesmo sugerir quaisquer oposições análogas que possam ser aventadas ou inventadas. Argumento que as psicoterapias acima não levam em consideração um aspecto fundamental da Psicanálise - e é claro, existem outros - que é a Transferência. Conseqüentemente, todas elas, rapidamente, se convertem em práticas pedagógicas ou de aconselhamento onde o terapeuta, munido de uma teoria sobre o ser humano, atua positivamente, usando técnicas. Além disso, pressupõe que sabe algo sobre o que disse, diz ou pensa o cliente.

Apesar dos mal-entendidos apontados acima, considero de bom

alvitre basear minha distinção num texto sobre Psicoterapia e Psicanálise do próprio FREUD (1905 [1904]), em que inapelavelmente afirma:

Há, na realidade, a maior antítese possível entre técnica sugestiva e analítica - a mesma antítese que, com relação às belas artes, o grande Leonardo da Vinci resumiu nas fórmulas "per via di porre e per via de levare". A pintura, afirma Leonardo, opera "per via di porre", pois ela aplica uma substância - partículas de cor - onde nada existia antes, na tela incolar; a escultura, contudo, processa-se "per via di levare", visto que retira do bloco de pedra tudo o que oculta a superfície da estátua nela contida. (pág. 270).

Fica a pergunta: O que distingue a técnica sugestiva da técnica analítica? As complicações surgem, especialmente quando se leva em conta que tanto a Psicoterapia (pelo menos em sua maioria), quanto a Psicanálise se concretizam, na prática, via interlocução.

A resposta para esta indagação resume grande parte dos objetivos desta dissertação e, por isso, solicito ao leitor que permaneça atento à minha argumentação, e, ao mesmo tempo, tolere minhas digressões. As diferenças entre Psicanálise e Psicoterapia tendem a ficar claras no momento em que apontamos a inclusão explícita ou implícita do verbo *aprender* junto das práticas psicoterápicas e eliminamos o propósito pedagógico, em se tratando de Psicanálise. Como já foi dito, a "psicoterapia se constitui num agregado baseado em noções e imperativos não-teóricos sobre o comportamento, experiências sobre a eficácia de certas intervenções, estímulos, sugestões, exortações, etc. Em suma, de certas técnicas de influenciamento em vista de fins dados (educacionais, religiosos, adaptativos, etc.)" (ALMEIDA, 1984).

As aproximações entre Psicanálise e psicoterapias são fundadas no circunstancial. Ora, como o próprio Freud afirmou (FREUD, 1923 [1922], XVIII, pág. 287), a Psicanálise pode

ser definida como *terapêutica*, como *método de investigação* e como *teoria*. A insistência na *terapêutica* rapidamente transforma-se num corpo rígido de manobras que num curto espaço ' de tempo demonstrar-se-ia descartável. Se encaro a Psicanálise enquanto *Método de Investigação*, suponho que defino -me pela negligência frente ao sofrimento humano; e, finalmente, se a entendo exclusivamente como *Teoria*, assisto à sua condenação ao gabinete; neste caso seu destino em nada difere do de Sísifo. Em outras palavras, a insistência exclusiva no as pecto terapêutico da Psicanálise condená-la-ia, a meu ver, ' mais cedo ou mais tarde, a um receituário estereotipado de técnicas. Elaborar uma teoria exclusiva sobre as neuroses pa rece-me limitado, se levarmos em conta a amplitude das desco bertas de Freud. E, finalmente, não vejo como levar a cabo uma investigação sem levar em conta o contexto histórico onde têm lugar seus fenômenos. É fundamental o estabelecimento de canais onde esses três níveis de reflexão possam fluir li vrementemente e avaliar a Psicanálise e, principalmente, sua amplitude de ação. Neste ponto, gostaria de firmar posição pes soal diante das diferenças existentes entre Psicanálise e Psicoterapia, valendo-se da Filosofia como divisor de alternativas.

Antes de mais nada é importante proceder a um rastreamento histórico do surgimento das duas primeiras. A Psicanálise, em poucas palavras, surgiu a partir das indagações teimosas de um jovem médico frente a fenômenos para os quais a Medicina da época não oferecia explicações convincentes. Tínhamos em Freud um claro interesse acadêmico do qual a *terapêutica* era uma consequência; nesse momento, prevaleciam o *método* e a *teoria* (cf. FREUD, 1923 [1922], V. XVIII, pág. 287). É notável o fato de que curiosamente as grandes descobertas da Psicanálise de então, derivam mais dos fracassos terapêuticos ' do que dos seus sucessos (1). A Psicanálise contemporânea processa uma avaliação percentual de quanto e como se constitui como *terapêutica*, *metodologia* e *teoria*. Empreitada inútil. Felizmente as definições e estudos que buscam separar os ele mentos do tripé logo se demonstram extemporâneas; em outras

(1) Cf., p. ex., os casos tratados por Freud e discutidos em *Estudos sobre Histeria* e o caso Dora, que consolidam o conceito de transferência.

palavras, as relações são pouco palpáveis, bem como o caráter definidor de qualquer deles.

As psicoterapias, sejam aquelas que se pretendem herdeiras do pensamento de Freud, ou as portadoras de linguagens alternativas, nunca perderam de vista sua sub-missão *terapêutica, metodológica ou teórica*; às vezes são definidas adotando critérios de brevidade e superioridade técnica não convincentes. As psicoterapias, inequivocamente, sempre se deixaram encantar pela terapêutica (ou cura), tomando como pano-de-fundo sua eficiência. Ora, como avaliarmos a *eficiência* de um processo se não tomarmos as exigências e expectativas adaptativas da cultura como ponto de partida? As psicoterapias tendem a situar seus propósitos a partir de uma sociedade que, em primeira mão, define onde deseja que seus participantes estejam; daí, as intermináveis e asfixiantes discussões sobre normalidade e anormalidade.

As técnicas psicoterapêuticas tendem a se apresentar com uma preocupação de acesso ao conhecimento intelectual, que só é atingido se caminhamos com método, passo a passo. Além disso, seu atrelamento à noção de teoria é inteiramente empírico-racional. A teoria é obtida via pesquisas e controle de variáveis e deve iluminar a prática. Consequentemente as pesquisas são orientadas segundo uma filosofia naturalista e encontram plena acolhida dentro de uma articulação epistemológica positivista.

Quanto às psicoterapias analíticas, a seu modo, interpretam a terapêutica proposta por Freud como *cura adaptativa ao meio social*, o método de investigação como *técnica aplicada* e a teoria como *estrutura conceptual hipotético-dedutiva*. E considero fundamental e necessário deixar claro que a Psicanálise não se define *exclusivamente* enquanto Terapêutica, que busca a "cura" através de técnicas apoiadas numa teoria hipotético-dedutiva. É evidente que Freud, ao criar os conceitos fundamentais de sua teoria, simultaneamente criou condições para sua investigação e exeqüibilidade: a associação livre, os sonhos, os lapsos, etc. Entretanto, a Psicanálise

não pode ser definida partindo-se exclusivamente da pressuposta equivalência ponto-por-ponto de seus princípios teóricos fundamentais com as suas condições de aplicação clínica. A Psicanálise teria sua justificativa de existência extremamente limitada se a concebêssemos *exclusivamente* como terapêutica (1). Considero fundamental que entendamos a teoria inicialmente proposta por Freud como uma invejável alternativa de reflexão sobre a sociedade. Conforme LAPLANCHE e PONTALIS (1970), o método de investigação psicanalítico e sua interpretação "pode estender-se a produções humanas para as quais se não dispõe de associações livres" (pág. 495).

Sustento juntamente com ROUANET (1983) que a Psicanálise enquanto disciplina que investiga o psiquismo e suas manifestações aparentemente irracionais pode apresentar alternativas para a compreensão de fenômenos tais como a ascensão legal de Hitler ao poder, a revolução russa do proletariado - apesar da importância reduzida desse mesmo proletariado - e o golpe militar brasileiro de 1964, em que coube ao povo o papel de mero espectador conformado e atônito.

\* \* \*

A Psicanálise, desde Freud, nunca encarou a questão metodológica em seu sentido etimológico estrito: a indecisão e a súbita mudança de rumo se constituem na marca indelével do pensamento psicanalítico; o método reside, muitas vezes, na falta de método. Obviamente, a menção à falta de método não deve sugerir anarquia ou a instauração do improvisado, mas despojar a teoria de qualquer condimento técnico-positivista. Refiro-me a LECLAIRE (1977), quando lucidamente afirma:

Somente uma teoria verdadeira pode provocar uma formalização que mantenha, sem reduzi-lo, o domínio da singularidade. A dificuldade sempre nova da psicanálise, que nenhuma instituição poderá jamais resolver, consiste no fato de se expor, já à degradação de uma sistematização fechada, já à anarquia dos processos intuitivos. A teoria da

---

(1) Cf. discussão na terceira parte deste trabalho

Psicanálise deve manter-se atenta simultaneamente a esses dois escolhos , tanto para evitá-los quanto para por eles se guiar. (pág. 23).

Evidentemente não se trata de negar descobertas sedimentadas, mas de indagar seu entrelaçamento teórico, e demonstrar que a própria história do pensamento psicanalítico atesta sua fecundidade heurística; sabe-se que a partir de seus conceitos clássicos pode-se, tal como numa análise combinatória, construir várias Psicanálises. Ora, quem sabe o destino da Psicanálise reside em poder se dar também a interpretação; afinal, não surgiu ela própria desse exercício?

A definição do posicionamento da Psicanálise frente ao conhecimento torna oportuno, também, lembrar algumas colocações' pertinentes de MANNONI (1982) a respeito da questão:

Foi por ter sabido dar destaque à impotência do médico e ao valor de seus próprios pacientes (...) é que Freud pôde arrancar a análise ao olhar médico e das práticas psiquiátricas. Rompeu com o modo de pensar científico de sua época ao construir um instrumento de análise e não um instrumento de conhecimento do objeto. (pág. 18-19).

E mais:

O perigo das instituições, em matéria de análise, é ter como efeito o enrijecimento da teoria que se transforma num corpo doutrinário imutável que só permite aos alunos uma pura re-produção (...). A teoria, nesse momento, serve-lhe de defesa ou de abrigo: ele espera dela aplicação prática, exatamente como na medicina. (pág. 24).

E finalmente:

O desejo do analista encontrar em seu paciente matéria para o progresso da ciência analítica pode criar uma situação "perversa" ou "louca". (pág. 29).

As diferenças entre as Psicanálises e as Psicoterapias, dessa maneira, não podem ser negadas e muito menos minimizadas. Es

sas diferenças não podem ser estabelecidas, a partir de uma perspectiva de bom senso e elitista do tipo Psicanálise-Mais-Profunda. A verdadeira possibilidade distintiva reside na indagação sobre as molduras epistemológicas das duas práticas. Considero desnorteantes textos que passam ao largo dessas preocupações e caem no lugar comum. A título de ilustração, valho-me de um texto que tenta fazer tal distinção, usando critérios no mínimo incompreensíveis. Trata-se de LANGS (1973), que se propõe listar as principais dimensões da Psicoterapia e contrastá-las com aquelas da Psicanálise. Diz que, *quanto aos objetivos*, "a Psicoterapia busca a resolução dos sintomas; a estabilidade adaptativa; mudanças estruturais e da personalidade - dentro de certos limites. A Psicanálise busca a total revisão da personalidade". *Quanto ao método*, "a Psicoterapia se aproxima da associação livre. A Psicanálise se utiliza da associação livre". *Quanto à ênfase*, "a Psicoterapia enfatiza a situação de vida do cliente; em segunda instância, a relação terapêutica. A Psicanálise enfatiza a relação terapêutica; em segunda instância, a situação de vida do cliente". *Quanto às características*, "a Psicoterapia se realiza face-a-face e as sessões ocorrem entre uma a três vezes por semana. A Psicanálise se utiliza do divã; o analista se situa fora do campo de visão do paciente e as sessões ocorrem entre quatro a cinco vezes por semana". (pág. 34).

Estas distinções são triviais (número de sessões), secundárias (analista fora do campo de visão), equivocadas (aproximação de associação livre) ou equivocantes (situação de vida *versus* relação terapêutica). Afirmando que o verdadeiro critério que distingue Psicanálise e Psicoterapia passa por uma reflexão epistemológica; a trilogia inicialmente proposta por Freud (Terapêutica-Investigação-Teoria) vem se travestindo ao longo das últimas décadas, ora de uma Pedagogia Convencional (Psicoterapia) ora de uma disciplina marginal (Psicanálise) que coloca entre parênteses as verdades e convicções perenes da comunidade e as nossas próprias.

Discuto neste momento as questões acima e sugiro que esta re

flexão epistemológica inevitavelmente possibilitará a distinção entre as áreas. As Psicoterapias, sem exceção, se fundamentam em técnicas derivadas da Pedagogia Convencional e tomam a *performance* como ideal social; conseqüentemente reproduzem ideologias (cf. BOURDIEU & PASSERON, 1975). Sua eficiência, rigor e coerência interna alcançaram seu ápice nas terapias comportamentais; convencem menos quando se cognominam terapias humanistas, onde o furor pedagógico é menos evidente ou palpável (psicoterapias rogerianas e/ou centradas, gestalterapia, grupos de encontro, análise transacional, etc). A Psicanálise, por outro lado, se constitui como ciência psicossocial (1) que se realiza como fenômeno dialético que abriga inseparavelmente a Natureza e a Cultura, tendo como objeto o Inconsciente apreendido através da linguagem. Não me refiro à linguagem que instrumentaliza ou instrui uma prática, mas àquela que demonstra a subjetividade através da instituição social. Neste caso a psicoterapia, como consequência de sua concepção de linguagem, que toma as relações humanas como fato bruto, opõe-se à Psicanálise, que as toma como fato institucional (2). A Psicoterapia busca subsídios' na Psicologia Geral, Pedagogia e Psiquiatria; a Psicanálise se presentifica no drama e na poesia que atravessam a existência cotidiana. Enfim, penso que é muito oportuna a distinção segundo a qual a Psicoterapia está interessada no *desejo de saber*; a Psicanálise, no *saber sobre o desejo*.

Indiscutivelmente não faltam tentativas de aproximação e "integração" WACHTEL (1977) realiza esforço respeitável nessa

---

(1) Cf. discussão na terceira parte, capítulo IV, deste trabalho.

(2) Neste ponto valho-me da distinção proposta por SEARLE (1980) entre *atos brutos* e *atos sociais*. Quando digo, que "os corpos se atraem com força inversamente proporcional ao quadrado das distâncias e diretamente proporcional ao produto de suas massas", estou falando de um conhecimento essencialmente físico onde se supõe que simples observações empíricas registram experiências sensoriais. Entretanto, quando digo que o "Brasil luta pelas diretas" os eventos físicos e sensações brutas contam apenas como partes, e em contraste com um pano-de-fundo institucional: Pressupõem um sistema de regras constitutivas' que caracteriza estes fatos como humanos. Em outras palavras, obviamente, o jogo-de-xadrez não pode ser descrito, apenas, como movimento de peças sobre um tabuleiro: são necessárias regras constitutivas que o definam como fato institucional. Muitos dos problemas encontrados nas pesquisas em ciências sociais decorrem deste equívoco.

direção, discutindo Psicanálise e Análise do Comportamento e aproximando a Dessensibilização Sistemática do *setting* analítico (onde ocorreria a redução da ansiedade através da exposição à situação ansiogênica). Este lugar relaciona ainda reforço com interpretação. SLOANE et alii (1975) procuram comparar as psicoterapias dinâmicas com a terapia comportamental e estudam, dentre outras variáveis, os sintomas que surgiram no ambiente escolar (desempenho acadêmico), no trabalho (dificuldades de ajustamento), na família de origem (dificuldades com pais e irmãos), entre colegas, na família atual (dificuldades com a esposa e filhos, sexuais (conflitos com homossexualidade e impotência), etc. Por esta razão, insisto : como avaliar os resultados das Psicoterapias e Psicanálise ou compará-las, sem cair na armadilha do dado positivo? Há pouco mencionei vários autores, declaradamente humanistas, e que a meu ver também buscam referendar seus resultados utilizando-se do mesmo marco epistemológico, e suas conclusões e "prescrições" são positivistas.

Como consequência, o fenômeno terapêutico é homogeneizado para poder ser partilhado pela comunidade científica; e isto somente pode ocorrer se hipóteses de pesquisa são testadas. Dessa forma, é possível encontrar textos onde são apresentadas hipóteses e propostas para pesquisas em *Psicoterapia e Psicologia da Mudança do Comportamento* do tipo: "A resistência, na psicoterapia, reduz-se na proporção em que se reduz a ameaça da comunicação terapêutica"; "recomendam-se psicoterapias ativas para aqueles pacientes que se apresentam inicialmente sem experiência em introspecção" (GOLDSTEIN et alii, 1966, pág. 451-2).

Procurei discutir e justificar as diferenças que existem entre Psicoterapia e Psicanálise, salientando que essas diferenças infelizmente tendem a se fazer as custas de estereótipos culturais (p. ex. divã) ou ideológicos ("a Psicanálise é mais profunda"). Em seguida serão discutidas as teorias da personalidade. Como será demonstrado, seu encaminhamento no sentido da reflexão é, a meu ver, idêntico àquele das psico-

terapias.

\* \* \*

## b) Teorias da Personalidade

O comprometimento das Psicoterapias com o conhecimento objetivo trouxe como consequência, a meu ver, um problema, que chama-me a atenção: a proliferação das Teorias da Personalidade. A simplificação segundo o estabelecimento de tipos, categorias ou estilos das múltiplas e infinitas formas de manifestação do comportamento humano sempre tem sido buscada pelos estudiosos da personalidade. Naturalmente os dados e perfis obtidos resultam das preferências e/ou tendências teóricas do pesquisador. Aliás, a divisão dos seres humanos em estilos ou segundo traços ou unidades básicas tem uma longa história. Desde HIPÓCRATES (400 A.C.) estamos acostumados a ouvir que os seres humanos podem ser classificados segundo tipos ou temperamentos fundamentais: melancólico, sanguíneo, colérico e fleumático. Desde então é freqüente encontrar classificações diversas, feitas por Jung (extrovertidos e introvertidos), Kretschmer (astênico, atlético e pícnico), Eysenck (introversão-neuroticismo *versus* extroversão-neuroticismo) e vários outros.

Por mais sugestivas que essas classificações se nos apresentem, é notável seu comportamento com uma perspectiva naturalista do ser humano. Conseqüentemente, afinada com os objetivos próprios dessa postura.

Vejamos, por exemplo, o que ALLPORT (1958) propõe:

A natureza humana, como toda a natureza, parece ser composta de estruturas relativamente estáveis. O sucesso da ciência psicológica, conseqüentemente, como o de qualquer outra ciência, depende em grande parte da habilidade em identificar as estruturas principais, as sub-estruturas e as micro-estruturas (elementos) que compõem seu universo. (pág. 250).

Em seu livro sobre teorias da personalidade, HALL e LINDZEY (1966) buscam uma definição da personalidade e discutem diversos autores que participam da mesma empreitada científica. Elaboram um quadro de requisitos ideais a serem cumpridos pela teoria da personalidade que aspira à cientificidade. Segundo eles, as teorias devem, p. ex., possuir postulados (sintaxe teórica) e suas definições devem ser empíricas. Neste contexto, como vemos, não causa nenhuma dissonância a definição proposta por Cattell (citada por HALL e LINDZEY, 1966):

Personalidade é aquilo que permite pre-  
dizer o que uma pessoa fará em determi-  
nada situação. (pág. 434 - grifo do au-  
tor).

As teorias da personalidade, ou suas variantes, são obviamente voltadas para o controle e a predição. Tais ambições são conhecidas e pertencem à proposta científico-natural. Encontram-se, dentre as variantes, tentativas de mensuração de valores, crenças e atitudes que no final das contas se inscrevem ou estão imersas na mesma perspectiva, a despeito das boas intenções científicas. ROKEACH (1972), p. ex.; empreende, juntamente com colegas, um programa de pesquisas objetivando conhecer "a organização e modificação das crenças" ou "a natureza das atitudes". Conclui seu estudo com um apêndice onde são discutidas as aplicações das pesquisas realizadas no campo da propaganda (!). O mesmo autor, numa antologia (ROKEACH, 1960), se propõe a investigar a natureza dos sistemas de crenças e os sistemas de personalidade. Utiliza-se de vários recursos para investigar a formação de crenças, tomando como variáveis a experiência passada, sistemas perceptuais, sistemas musicais, etc. Ao final de seu texto, num dos apêndices, apresenta a famosa "Escala F", também conhecida como a "Escala Fascista" ou, ainda, a "Escala da Personalidade Autoritária", destinada a medir etnocentrismo, anti-semitismo e conservadorismo político. Parece-me importante perguntar onde se situaria na Escala F o aplicador da Escala F?

Existem muitos motivos adicionais que poderiam ser alegados para o fracasso retumbante das chamadas teorias científicas da personalidade; entretanto, considero que o motivo primordial reside na naturalização ou coisificação das infinitas manifestações do ser humano pretendendo, assim, torná-lo "apreensível", controlável e "estável".

Curiosamente, a maioria das Teorias da Personalidade surgiram e surgem nos EUA, a partir de conceitos psicanalíticos ora reinterpretados, ora negados. Desnecessário dizer que essas teorias se propõem exclusivamente a instrumentalizar o cientista (positivista) e capacitá-lo para intervenções e mudanças bem-sucedidas, seja ao nível da relação terapêutica, seja ao nível da sociedade.

Como ilustração vejamos algumas considerações sugestivas e claras de HOLLAND (1979):

... os teóricos americanos da personalidade que se alimentam de idéias de outras culturas, especialmente da Europa, freqüentemente fazem uma leitura incorreta, uma interpretação incorreta - enfim, abusam dessas idéias. Fazem isso inconscientemente, de modo que a idéia se amolde aos seus próprios pressupostos culturais básicos, os quais valorizam um individualismo otimista, auto-confiante, sadio e religioso (embora de modo não obsessivo). (...) Não podem ver ou confrontar a realidade que lhes é apresentada porque ela contradiz seus conceitos de si próprios. Eles recuam para uma visão mais positiva: mas, para mostrar que incorporaram as outras idéias, generalizam a análise de modo a colocarem os conceitos ameaçadores num contexto geral mais positivo. (pág. 16).

É ainda HOLLAND (1979) quem observa que as Teorias da Personalidade tentam reinterpretar e refundir as contribuições de Freud, Husserl e Marx de maneira defensiva: "esses teóricos estão preocupados principalmente com a individualidade única (...). Defendem o indivíduo único, contra as teorias do eu social". (pág. 23).

Os teóricos da personalidade que mais se alinham dentro dessa perspectiva *a-social*, positiva e positivista são G. H. Mead, Sullivan, Erikson, Allport, Jourard, Maslow, Rogers e Kelly. E, todos eles têm a ambição de erigir, a partir de sua teoria, um sistema terapêutico de ajustamento.

Caso essa percepção sobre a maioria das teorias da personalidade seja correta, é possível entender as razões que justificam a recorrência dos estudos e a avaliação dos resultados das Psicoterapias e/ou da Psicanálise. De imediato, ficará evidente que esses estudos só puderam ser realizados a partir de pressupostos epistemológicos positivistas. Conseqüentemente, os estudos comparativos entre as Psicoterapias e a Psicanálise só se viabilizam se definem segundo parâmetros ditados e promulgados pela Cultura. Esses estudos são possíveis somente quando compreendemos a Psicanálise à luz de uma prática na qual o conhecimento propicie a reificação do outro na cena analítica.

Finalmente, as pesquisas realizadas visando-se o estabelecimento de correlações estatísticas entre a teoria psicanalítica e seus conceitos, e traços de personalidade me parecem estereis. A opinião de ROUANET (1983) a respeito é extremamente convidativa à reflexão:

A estereotipia fornece um esquema cognitivo da teoria da personalidade que permite organizar a complexidade do real, reduzindo-o a categorias compreensíveis. Levada ao extremo, transforma-se numa entidade clínica - a estereotipia. É a forma "paranóica" de percepção do mundo, caracterizada pela impossibilidade patológica de estabelecer um contato genuíno com o real. (pág. 193).

\* \* \*

Procuro discutir a Psicanálise interpretada sob dois ângulos referenciais principais: como uma *práxis* que historicamente escapa à compreensão do positivismo e como disciplina

que tem como lugar inequívoco de surgimento a interlocução . Obviamente deixo de lado aspectos conceptuais importantes e fundamentais, tais como o Inconsciente, Édipo, Repetição , Transferência, etc. Optei por concentrar minha atenção, no momento, no fenômeno terapêutico derivado da interlocução em si mesma. Considero pertinente a discussão sobre teorias da personalidade, por achar que, da mesma forma que as psicoterapias, elas escamoteiam o objetivo principal da *práxis* psicanalítica na medida em que se assentam num positivismo disfarçado e renunciam ao valor da *práxis* da interlocução.

Os mal-entendidos correntes sobre Psicanálise, insisto, derivam de uma concepção e implantação inadequada de uma moldura epistemológica que toma o objeto da teoria freudiana, busca apreendê-lo ou teorizar sobre ele, valendo-se de uma perspectiva naturalista. Em outras palavras, os fenômenos psicanalíticos têm sido alçados a um nível teórico no qual a razão que preside, epistemologicamente, a construção da teoria provém das exigências das Ciências Naturais, ou que a construção das teorias nas psicoterapias ou modelos da personalidade se orientam por um modelo positivista de ação terapêutica. Pensar a Psicanálise da mesma maneira é um grande equívoco. Parece-me também claro que, se a Psicanálise for presidida por um estatuto epistemológico positivista, se nivelará a uma mera estratégia terapêutico-pedagógica.

Esta discussão propõe a retirada, do âmbito desta dissertação, tanto das psicoterapias - sob as suas mais variadas mutações - quanto das teorias da personalidade, sempre imbuídas do propósito, visível ou implícito, de intervenção e controle ' via construção de modelos de ação sobre o outro.

Antes da discussão detalhada da sedução e redução sofridas ' pela Psicanálise a partir dos modelos naturalistas, afirmo, no capítulo seguinte, que, se considero a *práxis* psicanalítica como interlocução, nada mais razoável do que tentar explicitar as alternativas que existem, distinguindo o que denomiño palavra instrumental e palavra analítica.

## CAPÍTULO II

### A PALAVRA INSTRUMENTAL E A PALAVRA ANALÍTICA

Este capítulo anuncia sob forma ainda não conceptual ou detalhada, o ponto crucial deste trabalho. Faço-o neste momento por acreditar que possibilitará ao leitor uma primeira apreensão de meu argumento central e lhe permitirá prosseguir sua leitura, antecipando-lhe quais questões proponho-me discutir.

Visando aproximar Psicanálise e Filosofia cuidei de desbastar o objeto de minha reflexão diferenciando a Psicanálise das Psicoterapias. Tomei como divisor de alternativas questões epistemológicas em lugar das distinções clássicas; afirmei de forma explícita, que a linguagem apresenta subsídios consistentes para a necessária distinção: existe uma linguagem comprometida com o *arêtê* (Psicoterapias, e Teorias da Personalidade) e uma linguagem interessada no *alêtheia*. A terceira parte desta dissertação será dedicada ao argumento central: *a palavra na cena analítica*. Por enquanto, contento-me com alusões a ela.

Não podemos negar que o proferimento de uma sentença pode ser concebido ou articulado ao nível epistemológico sob diferentes maneiras. Quando ouço: "Está fazendo frio!", posso analisar esse proferimento tomando seus elementos ou partes constitutivas (sin

tagma verbal e nominal) como objeto (sintaxe); posso também estudá-lo verificando a conformidade ou não desses elementos com a realidade (semântica); mas é fundamental e necessário estar aten-to ao fato de que a frase se dirige a mim e visa produzir um 'efeito (pragmática). "Levanto-me e fecho a janela" (1). Argumento que o proferimento "Está fazendo frio" pode estar inteiramente impregnado de metáforas e metonímias e querer dizer, p. ex., "Por favor, olhe para mim!".

A palavra instrumental é aquela que propicia e/ou cataliza a *reprodução* (ou repetição) de uma ação. A palavra analítica é aquela que tão somente produz reflexão sobre si mesma ou se explicita sem ação.

A vida cotidiana apresenta exemplos de um estilo e outro de linguagem. As Ciências Naturais, p. ex., não podem prescindir da técnica, desde que ela *reproduz* o conhecimento. Consideremos esta prescrição:

A cova para o plantio de uma fruteira deve ter 60cm de fundo. A terra que de la saiu é jogada fora. Os primeiros 25 cm do fundo da cova são cheios de terra gorda, misturada com raízes, caules e folhas secas raspadas da superfície do chão. Sobre essa camada de terra é colocada a muda de raízes nuas. Em seguida, a cova é completada com misturas de terra mais 2 latas de esterco, mais 2K de pó de osso, mais 2K de cinza. (SHIZUTO, 1973).

É fácil constatar a instrumentalidade e propriedade do exemplo 'citado. Argumento que nas Psicoterapias tal fato *também* ocorre e tende a ser escamoteado. O terapeuta *instrui* o cliente, ocupando, sem cerimônia, o lugar do Saber. Vejamos como exemplo uma sessão de psicoterapia gestáltica. Sugiro que se exercitem, procurando extrair das interlocuções o mesmo caráter instrumental 'presente na prescrição acima.

Judy: Posso perguntar, Dr. Perls, por

---

(1) Cf. a classificação de MORRIS (1964).

que ... ah ... o senhor sabe, sempre dizem que a gente tem sonhos simbólicos. Eu nunca tive. Eu .../Fritz: E não sei o que são símbolos./ Eu revivia traumas. Bem, eu nunca sonhei nada que fosse imaginário. Eu passei por traumas que já tinha experimentado na realidade. E foi exatamente da mesma maneira. Qual é o significado disto? Ah! nos últimos anos eu tive ... mudou ... sabe, eu não sonho mais com isso, mas ...

Fritz: Eu não estou recebendo mensagem alguma. Você está querendo dizer ' alguma coisa mas eu não entendo ... Você pode me fazer o favor de subir aqui?

J: Se o senhor não me fizer falar sobre o sonho. Eu não me lembro muito bem dele ...

F: Eu posso ouvi-la ... você está dizendo frases e eu gostaria de captar a mensagem.

J: (Nervosa.) Deixe eu me fortificar' com um cigarro antes de ir. alguém tem um fósforo? (Alguém lhe dá fogo enquanto ela sobe na plataforma.) Obrigada.

F: E o que é isso aí? (Fritz aponta para os fósforos que ela estava segurando na mão o tempo todo; ela ri.) E o que é isso aí? Você vê ...

J: Eu li *Sex and the Single Girl* (Sexo e a Moça Solteira) e lá dizia para nunca levar os próprios fósforos ...

F: (Delicadamente.) Fique quieta. Ela está apenas manipulando o ambiente para receber apoio. Ela leva os seus próprios fósforos, mas precisa sugar vocês para tomarem conta dela. Esta já é a primeira mensagem ...

J: É?

F: É? Você está perguntando para mim?

J: (Convidativa, com pose e controle.) O espetáculo é seu, Doutor.

F: (Para o grupo.) Vocês notaram a virada? O espetáculo é meu. Eu quero algo dela.

J: (Risada nervosa, levemente em pânico.) Eu não acho que você vai conseguir.

F:Então, o palco está armado. Eu quero algo dela. Eu não vou conseguir.

J: Eu ouvi falar de você.

F: Ela está me atraindo, para depois poder fechar a armadilha.

J: Que armadilha, a minha ou a sua?

F: Por favor, transforme esta pergunta

numa afirmação.

J: Transformar a armadilha numa afirmação?

Hum ... Quem é que vai sair ganhando, eu ou você?

F: Esta é uma ilustração muito boa. É isto que chamamos de caçador de ursos. Ela está fazendo o jogo de caçador. Preparando a armadilha e esperando que você caia, e então ... psst!...

J: Eu não sou manhosa ... (Fritz começa a acender um cigarro, mas intencionalmente risca o fósforo de modo que ele não acenda - fazendo o jogo de Judy.) (Muito riso.)

J: Você precisa de apoio, Doutor - você não consegue acender seu cigarro sozinho? (Fritz continua a riscar o fósforo sem que ele se acenda ... finalmente Judy lhe acende o cigarro ... Fritz parece aborrecido, fecha os olhos e finge dormir.)

J: Você está respirando muito fundo para alguém que está dormindo ... (Fritz continua com os olhos fechados.) ...

J: Não me faça chutá-lo! (Risadas fortes.)

F: Muito bem. Muito obrigado. (PERLS, 1976, pág. 176-7).

Neste ponto é necessário ilustrar o que chamei de palavra analítica. Pretendo fazê-lo utilizando-me de argumentos que, suspeito, serão questionáveis para alguns leitores, mas espero, ao final da dissertação, demonstrá-los de maneira cabal. Considerem o poema abaixo:

Penetra surdamente no reino das palavras. Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavra e o seu poder de silêncio.

Não forces o poema a desprender-se do limbo.

Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
 Não adules o poema. Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço. (DRUMMOND, 1943-1945).

Esse fragmento de poema está renunciando ao dicionário. Nele encontramos a "parole parlée" preñe de metáforas; a partir dele estabelecemos uma ponte para dizer que a palavra analítica surge 'desse limbo.

Consideramos agora o texto abaixo, extraído também da literatura (JOYCE, 1966) (1), que, mais uma vez me atrevo a considerar como possível ilustração da palavra analítica.

sim eu penso que ele tornou eles um pouquinho mais duros chupando eles tanto tempo que ele me fez ficar com sêde tetéias é como ele chama êles eu tive de rir sim este aqui pelo menos fica 'durinho de bico por qualquer coisa eu vou dar um jeito para ele fazer de novo e vou tomar ovos batidos com marsala para fazer eles ficarem cheios para ele como é que é curiosa a maneira de todas essas veias e coisas é feita 2 iguais gêmeos eles são considerados como representantes da beleza colocados em cima como aquelas estátuas no museu uma delas fingindo esconder ele com a mão dela tão bonitos é claro comparado com o homem como se parece com seus dois sacos cheios e a outra coisa dele pendurada pra fora dele ou te espetando pra cima como um cabide não é admirar que se esconde isso com uma folha de repolho a mulher é a beleza é claro isso está admitido quando ele disse 'que eu podia posar para um retrato nua num certo sujeito rico da rua Holles quando ele perdeu o emprego no Helys e eu estava vendendo a roupa da gente e dedilhando no café palace será que eu ia ficar como aquele banho da ninfa 'com meus cabelos soltos sim só que ela é mais novinha ou um pouco parecida 'com aquela porca de puta daquela foto espanhola que ele tem as ninfas costumavam andar assim é o que eu perguntei

---

(1) Marion, personagem de *Ulisses*, faz uma "associação livre" ao longo de 50 páginas. Este é um fragmento.

a ele aquele imundo de montanhês dos Camerons atrás do mercado de carne ou aquele outro de espantalho de cabelos de fogo atrás da árvore onde a estátua do peixe ficava. (pág. 810).

Proponho-me compreender a Psicanálise a partir dessas formas diversas de registros da realidade. No primeiro caso, vamos encontrar exemplos convincentes - histórica, filosófica e epistemologicamente respeitáveis. Entretanto, argumentar que o universo de fenômenos ao qual pertence a Psicanálise e sua matéria-prima, ' que é a linguagem, somente ganha em inteligibilidade se postulamos que os exemplos literários não reproduzem uma realidade sensível, mas produzem eles mesmos uma nova realidade: evanescente, alusiva, escorregadia, singular e por isto mesmo fascinante.

Os exemplos apresentados, ainda que interessantes, pecam, é claro, por serem intuitivos. É necessário, desde que estamos falando de enfoques epistemológicos diversos (a linguagem como instrumento e a linguagem como vocação), que tenhamos condições de apresentar reflexões e fundamentos consistentes oriundos da literatura especializada.

Invoco a linguagem como objeto de estudo e, ao mesmo tempo cotejo-a com a Psicanálise. É no mínimo curioso que a Psicanálise - tendo surgido quando Elisabeth Von R. pleiteou o direito à fala - fosse ao longo dos anos perdendo de vista o fenômeno que a marcava de forma indelével como prática distintiva de outras (Medicina Psiquiátrica, aconselhamento, etc.). Em outros termos, foi criada uma teoria e uma prática onde cada vez menos a linguagem' ou a palavra tinham lugar, exceção feita à obra de Jacques Lacan.

Conseqüentemente, quando enfatizo o papel da linguagem, sugiro sua preeminência e, ao mesmo tempo, atrevo-me a afirmar que a linguagem enquanto objeto frontal da Psicanálise se aproxima da linguagem poética, fico obrigado a justificar essa ousadia segundo critérios não intuitivos. É evidente que quando enfatizo o aspecto poético no discurso analítico não estou prescindindo sua marca fundamental: a transferência. Não é meu interesse no caso.

A epistemologia naturalista, ao procurar abranger e compreender o fenômeno analítico, acabou por criar um hiato pronunciado entre sua *teoria* e *práxis*. A teoria acomodou-se a uma mecânica do psiquismo e a prática a uma mera instância de observação controlada daquilo que era antecipado pela teoria. Mesmo quando alguns teóricos perceberam o papel da linguagem na cena analítica tentavam apreendê-la à luz de pressupostos naturalistas: estudavam-na como coisa (KOLANSKY, 1967; DAHL et alli, 1978).

Nossa pedra de toque é a seguinte: os proferimentos que têm lugar numa cena analítica são usados, e aqui firmamo-nos em AUSTIN (1962), num sentido perlocucionário (1). Quando alguém diz "Eu sinto frio", posso compreender o proferimento como uma estrutura sintagmática (sintaxe), mas, em se tratando da *práxis* analítica, é evidente que estamos diante de uma demanda. Vejamos outro caso:

"A rigidez de meu marido me faz abandoná-lo"

Esse proferimento ou enunciado, também frequentemente ouvido pelos analistas, afirma que por causa de X (a rigidez ...) alguém decidiu P (abandoná-lo). Neste caso, a relação que se estabelece entre X e P é, ainda que pretensamente causal ou baseada em suas "observações e discernimentos objetivos", dirigida ao analista. Ora, em última instância, essa pessoa apõe X a P ao sabor do Desejo/Demanda e não em função de uma objetividade. É evidente que o discurso analítico se ocupe de enunciados e/ou proferimentos perlocucionários. Não há lugar nos proferimentos de uma sessão analítica para indagações da ordem do verdadeiro (V) ou falso (F), nem mesmo constatativas. Tais proferimentos são, sempre, performativos: *dirigem-se a alguém (o terapeuta)*. Qual o papel ou função do analista? Este se define como tal quando, diante da ação discursiva do cliente sobre ele (analista), profere a *interpretação*. Caso responda à ação discursiva do cliente, incitando ou catalizando quaisquer formas de ação, a análise perde sua característica essencial; ou a palavra analítica perde o lugar para a palavra instrumental.

---

(1) Essa noção será discutida detalhadamente na terceira parte, capítulo IV.

Em seguida apresento argumentos de que a Psicanálise sucumbiu às seduções das Ciências Naturais e conseqüentemente documentarei a montagem do seu discurso cientificista, tomando como referência alguns autores significativos (cf. HARTMANN, 1927; RAPAPORT, 1982).

A dificuldade que regula esta discussão e ao mesmo tempo se constitui como seu fio condutor são as tentativas empreendidas por Freud e principalmente por parte daqueles que o seguiram para compreender o estatuto epistemológico da Psicanálise e seu objeto. Situo, nesta dissertação, a linguagem ou interlocução como ponto da partida.

\* \* \*

## SEGUNDA PARTE

### AS NATURWISSENSCHAFTEN OBSEDAM A PSICANÁLISE

... a psicanálise advoga o direito da psicologia a explicar e a construir hipóteses. Insiste que esta sua tarefa, como das outras ciências naturais, é o estudo dos processos mentais e das leis que regem a atividade mental (...) a meta da psicanálise não é a compreensão do psíquico mas a explicação de suas relações causais. (HARTMANN, 1927, pág. 326).

## CAPÍTULO I

### A SEMENTEIRA

Durante o período medieval a filosofia batizou a obra de Aristóteles. Isso possibilitou a fermentação daquelas questões que saíram para fora dos mosteiros no século XVII. Os problemas filosóficos fundamentais da Idade Moderna, como por exemplo, o empirismo, os universais e particulares, etc., tiveram seu berço na Idade Média. Mas concordamos com LENOBLE (1957) que o século XVII presenciou uma revolução na concepção de conhecimento. O conhecimento, então qualitativo, começou a se definir cada vez mais através de referentes quantitativos. Em outras palavras, a empresa - bem-sucedida - que dava ênfase exclusiva à quantidade passou a assombrar quaisquer preocupações com problemas julgados qualitativos. Estes eram tomados como "subjetivos", "impalpáveis" e "de pouca utilidade prática". Como se verá ao longo de toda esta dissertação, meu objetivo constitui-se exata e precisamente em recolocar a importância da qualidade da interlocução analítica. No entanto, independente daqueles aspectos qualitativos inerentes às manifestações dos fenômenos, tinha início o imperialismo da Física. MARCUSE (1973), motivado por fatores de ordem cultural e política, discutiu amplamente essa revolução pro-quantitativo mas fuge, nesse momento de nossa temática. Esta mudança focal trouxe como consequência uma atrofia e uma crítica sistemã

tica das causas finais e formais na compreensão dos fenômenos da natureza e uma ênfase crescente nas causas materiais e eficientes. O distanciamento e a observação do desenvolvimento obtido pelas ciências da natureza demonstra seu inegável sucesso, bem como a efetivação do Empirismo e Racionalismo como métodos científicos por excelência. O universo foi matematizado e Galileu, quando propõe a intuição, a dedução matemática e a verificação empírica como únicos momentos relevantes na busca do conhecimento sobre a natureza, decreta, o fim de quaisquer especulações de ordem teleológica. Abandona-se a essência em prol da medida-lei. A acentuada dicotomização da relação *Sujeito-Objeto* trazia como fantasia a possibilidade de o ser humano se apropriar da natureza e assim resolver as mazelas da humanidade; era evidente o desencanto com as soluções até então oferecidas pela lógica escolástica. Disse Galileu:

É claro que a lógica nos ensina conhecer se as conclusões ou demonstrações já descobertas são válidas; mas não se pode afirmar que nos ensine como encontrar demonstrações e conclusões válidas.

O desenvolvimento da Ciência Moderna, conseqüentemente, deu-se ao longo de dois grandes eixos: o Empirismo Inglês, através de Bacon, Locke, Berkeley, Hume, e a Filosofia Continental (de um lado a obra de Galileu e, de outro, o pensamento de Descartes).

O *Cogito* Cartesiano inaugura formalmente o dualismo mente-corpo, *Sujeito-Objeto*, que comandará todo projeto científico subsequente. As divergências entre o Empirismo Inglês, que nega as idéias inatas, e a tentativa de recuperação da metafísica por Descartes não impediram o crescimento geométrico das ciências positivas. ' As postulações dualistas de Descartes são interpretadas pela Ciência Moderna como aval que autoriza a negligência no trato com a mente e dá plena propulsão às pesquisas sobre o corpo ou à reificação do mental. Em certo momento pode-se dizer que essa reificação da mente coincide com a própria definição da Psicanálise / Psicologia, na medida em que a Psicologia se mostrava ambivalente e flertava com as Ciências Biológicas, e a Psicanálise identificava-se como ciência dos instintos e necessidades.

É claro que manifestamente o sucesso das ciências positivas impediu a reflexão filosófica em direção à consciência; é possível dizer que podia, e ainda hoje pode, ser considerada como inconcebível e inviável a extrapolação do método *empírico-racional* para a esfera do Comportamento Humano, da História e da Sociologia. Entretanto, o germe que instava por uma metafísica continuava presente, no início timidamente, e mais tarde restauraria o papel da consciência na reflexão filosófica.

A pressuposição de um *ethos* depressivo é possível: a Ciência Moderna abria possibilidade para o homem se apropriar da natureza e paralela e ironicamente derramava sobre suas costas toda responsabilidade de senhor do universo e responsável pelas próprias ações. BACON (1561-1626) praticamente inaugura com sua obra essa tendência, criticando o passado escolástico, propondo um *Novum Organum*, e lançando os fundamentos do Empirismo. Lembremo-nos de alguns de seus aforismos:

## I

O homem, ministro e intérprete da natureza, faz e entende tanto quando constata, pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe nem pode mais. (pág. 19).

## XII

A lógica tal como é hoje usada mais vale para consolidar e perpetuar erros fundados em noções vulgares, que para a indagação da verdade, de sorte que é mais danosa que útil. (pág. 21).

## XXXVI

Resta-nos um único e simples método, para alcançar os nossos intentos: é levar os homens aos próprios fatos particulares e às suas séries e ordens, a fim de que eles, por si mesmos, se sintam obrigados a renunciar às suas emoções e comecem a habituar-se ao trato direto das coisas. (pág. 26).

Estas afirmações, contidas no *Novum Organum*, podem ser contrastadas com as de Descartes, que, em lugar de "buscar o princípio

originário de todas as coisas" nas próprias coisas, formula a noção de *idéias inatas* que emprestava à Razão a capacidade última de organizar os dados sensíveis. Propõe um método que possibilita o Conhecimento, mas que em nenhum momento despreza a Razão. Nas *Meditações* (11) DESCARTES, afirma que os órgãos dos sentidos podem enganar e somente a Razão produzirá Conhecimento. Procura ilustrar quando menciona o pedaço de cera que independentemente dos vários estados físicos é captada pela Razão, todo o tempo, enquanto cera. Mais tarde, o debate entre o Empirismo e o Racionalismo tem continuidade em LOCKE (1632-1704) no seu *Ensaio acerca do Entendimento Humano* quando observamos um clima polêmico no próprio título do Livro I: *Nem os Princípios nem as Idéias são Inatas*; todo o capítulo I desta obra é dedicado a refutar o Racionalismo Cartesiano. O clima descrito bem como suas aporias se constituíam no solo onde deveriam ser alicerçadas não apenas as Ciências Naturais, mas a Psicologia e a Psiquiatria. É importante registrar que a constituição dessas disciplinas provocou grande impacto sobre a Psicanálise, como será discutido ainda nesta parte.

\* \* \*

O século XVII inaugurou uma nova e singular maneira de pensar a realidade; considerou-se que

o espírito ainda se deparava com alternativas irreconciliáveis. Mas um novo instrumento, o pensar científico, transportou a outro nível a questão do homem e do seu universo (...). A razão matemática é o traço de união entre o homem e o universo, chave da compreensão da ordem cósmica e da ordem moral. (HEGENBERG, 1965). (pág. 5).

A Física, como locomotiva, propicia um arrebatador desenvolvimento das Ciências da Natureza; torna-se o ideal de modelo científico que regeria como referencial todas as Ciências, desde que oferecia para a humanidade suas conquistas inegáveis na Mecânica, Termodinâmica, Astronomia e Eletricidade.

Tornou-se difícil nortear a reflexão sobre a natureza do conheci

mento e do Saber sem a presença modelar da Física como ciência - mãe. O universo estava definitivamente submerso na objetividade' e afogado pelas evidências do método então utilizado para desvendar a natureza. É conseqüente imaginar que a feliz união do Empirismo com o Racionalismo produzisse o Método Hipotético-Dedutivo onde, através da busca de dados na realidade e da constante e sistemática tentativa de confrontação desses dados em um quadro teórico coerente, fizesse surgir a noção de *Teoria Científica*.

O homem de Ciência corre atrás dos fenômenos, contabilizados como dados, e confronta-os com um quadro teórico; esse movimento 'indutivo dá margem a reformulações que, em seguida, ditam novas formas e fórmulas de alcance e obtenção de novos dados dedutivamente. Esse jogo de vai-e-vem caracterizou e caracteriza a Ciência Moderna e consagrou a idéia de *Teoria Científica*.

Diante da hipótese: "O calor dilata os corpos" é suficiente que se atribua às dimensões *calor* e *dilatação* uma operacionalidade, ou seja, o calor será aferido, via graus Celsius, e a dilatação' através de centímetros: forneço determinada quantidade de calor a um corpo e verifico sua dilatação em centímetros; levanto um eixo cartesiano entre essas variáveis (independente e dependente) e encontro a razão matemática entre elas. Passo a dispor de relações que justificam um construto teórico da terminologia que me possibilita *prever* e *controlar* a dilatação dos corpos. As implicações desse modelo exigem que o calor e a dilatação sejam objetivados de forma que a comunidade científica concorde que graus Celsius e centímetro são medidas de calor e dilatação; quanto mais bem estabelecida e aceita esta relação, maior generalidade; o conceito passa a ser definido pelo conjunto de manipulações transmissíveis; a essa correlação chamamos *operacionismo*. A partir 'deste ponto admite-se e convive-se com o determinismo fisicalista.

\* \* \*

## CAPÍTULO II

### PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA

A Psicologia Contemporânea ilustra com eloquência as questões polêmicas acima referidas. A posição behaviorista, proposta por SKINNER (1967), é a grande representante da vertente empirista. Este autor, em uma de suas principais obras, denominada *Ciência e Comportamento Humano*, faz afirmações claramente semelhantes àquelas do Empirismo Inglês, e insere-se numa tradição positivista. Considerem-se algumas delas:

A Ciência é mais que a mera descrição dos acontecimentos à medida que ocorrem. É uma tentativa de descobrir ordem, de mostrar que certos acontecimentos estão ordenadamente relacionados com outros. Nenhuma tecnologia prática pode basear-se na Ciência até que estas relações tenham sido descobertas. (pág. 13).

A Psicologia está inteiramente investida da tentativa de aplicação produtiva do mesmo método das Ciências da Natureza; o homem, após haver se apropriado da natureza, volta-se para si mesmo, utilizando-se do mesmo instrumental metodológico; o sujeito torna-se objeto. A exortação de SKINNER (1967) é baconiana:

O cientista pode influir sobre o com-

portamento no ato de o observar e analisar, e deve certamente levar em consideração esta influência, mas o comportamento pode ser também observado com um mínimo de interação entre o objeto e o cientista; este é o modo pelo qual, naturalmente, tenta começar. (pág. 21).

As propostas de Skinner e de seus seguidores influenciaram o desenvolvimento da Psicologia que tomou o Sujeito como Objeto sobre o qual deveriam ser aplicadas técnicas de modificação e/ou adaptação.

A postura francamente empiricista - ou se preferirem: positivista (1) - de Skinner, encontrou forte oposição nas últimas décadas por parte de um cientista que restabelece corajosa e abertamente a velha questão sobre o Racionalismo. Trata-se do conhecido lingüista CHOMSKY (1973), que, dadas as íntimas relações existentes entre linguagem, Psicologia e Psicanálise, fez sérias críticas à posição de Skinner. Afirma que este, em suas incursões teóricas sobre a linguagem, tão somente tratou de "performances". Chomsky, está interessado na "competência lingüística" e esta, conclui, não é apreendida via análise de "performance". Afirma também:

A honestidade obriga-nos a admitir que, tal como Descartes, há três séculos atrás, estamos longe hoje em dia de entender exatamente aquilo que permite a um ser humano falar de modo inovador, livre do controle de estímulos e também adequada e coerentemente. Este é um problema sério que o psicólogo e biologista têm de enfrentar, em última instância, e não pode ser eliminado invocando-se o "hábito", o "condicionamento" ou a "seleção natural". (pág. 26).

Pode-se, na verdade, discutir indefinidamente sobre a suspeita de que os fantasmas do Empirismo e do Racionalismo pairam até hoje sobre a Psicologia.

---

(1) Entendemos por empirismo a doutrina que afirma que todo o conhecimento provém da experiência; entendemos por positivismo a postura científica que se contenta com responder o *como* e aspira, a partir daí, controlar os fatos da natureza.

Desde a criação do primeiro laboratório de Psicologia Experimental, por Wilhelm Wundt, sob as exigências explícitas ou implícitas de equiparação dos métodos e estatutos epistemológicos utilizados pela Psicologia àquelas da Física, a nova Ciência angustiadamente passou a mendigar sua participação no Clube das Ciências. A idéia de *Teoria* passou a coincidir com aquela esposada pela Física: os fenômenos psicológicos deveriam ser "convertidos" a variáveis mensuráveis. Os textos especulativos foram abandonados e as hipóteses - cujas respostas provavelmente já eram conhecidas - levadas ao laboratório. Foram publicados dezenas de textos introdutórios à metodologia científica que pretendiam redimir a Psicologia de sua herança especulativa. Dessa maneira, a nova Ciência, desde que aspire se constituir como Ciência, deverá "proporcionar explicação objetiva, fáctica e empírica do mundo" (MARX & HILLIX, 1967, pág. 15), deverá se interessar pela predição e controle de variáveis, no controle *ativo* que exerce o observador sobre seu objeto; toda e qualquer *Teoria* ou *Sistema* psicológicos passam a responder por critérios de cientificidade, como, por exemplo, os referidos por MARX & HILLIX (1967, pág. 63):

- I. O Sistema deve incluir uma definição do campo da Psicologia.
- II. O Sistema deve tornar seus postulados explícitos.
- III. O Sistema deve especificar a natureza dos dados a serem estudados.
- IV. O Sistema deve posicionar-se frente ao problema Mente-Corpo.
- V. O Sistema deve explicar a organização dos dados e sua conexão.
- VI. O Sistema deve propiciar meios de seleção de seus dados.

Em resumo, as publicações vinham e vêm constantemente trazendo como mensagem principal o respeito da Psicologia e dos psicólogos aos cânones da Ciência Natural; naturalmente encontramos autores que não se aproximam das postulações behavioristas mais radicais, como exemplificamos acima, mas todos têm como anseio a Psicologia como Ciência Natural, os fatos psicológicos *contingentes* a outros e a intervenção ativa sobre os fenômenos como fim último.

Gradativamente tem lugar o escavamento de um fosso que começa a distanciar a Psicologia de uma nova disciplina que, embora surgi-

da num contexto clínico e médico, atraía a atenção, ora desconfiada, ora entusiasmada, dos intelectuais: a *Psicanálise*. Os teóricos da Psicologia desde então tenderam a tomar uma das duas atitudes: rejeitar sumariamente as questões que vinham sendo colocadas pela Psicanálise (EYSENCK & RACHMAN, 1965; WOLPE, 1958) ou procurar desesperadamente integrá-la no seio de seu programa de pesquisas sem ferir as exigências da Ciência oficial (DOLLARD & MILLER, 1950).

### O Grande Equívoco: o Expurgo da Distorção

A década de 40 encontrou nos EUA o palco de um incomensurável desenvolvimento da Psicologia, sendo esta definida e praticada principalmente como Ciência Natural. Como é próprio desta perspectiva epistemológica, a Psicologia foi analisada, o que equivale a dizer que foi decomposta em partes, pretendendo-se, assim, tornar viável seu estudo e especialização. Surgiram periódicos altamente especializados onde os pesquisadores podiam publicar suas pesquisas igualmente especializadas. Um ponto comum entre essas pesquisas residia no enfoque epistemológico que as justificava: o homem pode ser *objeto* de estudo científico-natural e, como decorrência disto manipulado. Era o mínimo que se poderia obter deste projeto, resguardadas obviamente as boas intenções sempre alegadas pela "ciência neutra". A Psicologia foi retalhada, curiosamente, em áreas não apenas diferentes como dificilmente integráveis. O conhecimento obtido pelas pesquisas publicadas alcança um alto grau de sofisticação; surgem a Psicologia do Trabalho, a Psicologia da Motricidade, a Psicologia Social, a Psicologia dos Processos Sensoriais e Psicofísicos, a Psicologia da Aprendizagem, a Psicologia da Personalidade.

Coincidentemente, na mesma década de 40, a Psicanálise encontra-se plenamente enraizada naquele país, decorridos 30 anos da visita de Freud. Nessa mesma década, Heinz Hartmann, acadêmico e psicanalista, criava escola e formava discípulos fiéis. Essa linha de reflexão pode aproximar áreas então pesquisadas pela Psicologia com algumas propostas de Hartmann, dentre outras, as que demonstram cabalmente a existência de um projeto comum que seria transformar a Psicanálise em Ciência Natural e, simultaneamente, a Psicologia numa área respeitada pelas instituições cien-

tíficas e financiadoras das pesquisas das Ciências mais avançadas. HARTMANN (1939) não parecia ter dúvidas destas vinculações. Pelo contrário, encarregava-se de justificá-las a qualquer custo. É claro que procurava também salientar as limitações da Psicologia frente ao método psicanalítico para compreender certos aspectos do comportamento. Entretanto, a idéia da Psicanálise e Psicologia tomadas como Ciências Naturais permanece de forma inequívoca e clara:

... ainda mais importante para a teoria da interpretação são aqueles casos em que as conexões causais de elementos e os critérios para tais conexões são devidamente estabelecidos. (pág. 58).

Logo em seguida, no mesmo texto, encontra-se um posicionamento lúcido em relação às finalidades da teoria psicanalítica:

... devemos limitar a nossa teoria à explicação das relações concretas das funções mentais com os processos e realizações sintéticos e de adaptação. Mas nada disso altera a nossa prática, nem as finalidades da terapia psicanalítica (...): ajudar os homens a realizarem uma melhor síntese funcional e melhores relações com o meio. (pág. 74).

Este era o panorama que se demonstrou fecundo para estudos que aproximavam a teoria psicanalítica de teorias do desenvolvimento e da Psicologia Geral. Contudo, meu objeto específico nesta seção é apontar para uma ocorrência curiosa, que considero um *lapso da Psicologia da década de 40*.

ALLPORT & POSTMAN (1947) debruçam-se então sobre uma questão conhecida: a disseminação de boatos e seus mecanismos. Antes de discutirmos a natureza profundamente ideológica desse projeto, que ilustra provavelmente vários outros existentes na época, proponho que se faça uma pequena digressão calcada naquele texto, com o objetivo de, conectar e apontar aquilo que denominamos *o lapso da década de 40*.

Considere-se a seguinte situação *quasi-experimental*: alguém é so

licitado por um experimentador para observar com atenção um quadro durante 5 minutos. Trata-se na verdade do célebre quadro de GIOTTO, conhecido como "A Fuga para o Egito". Pede-se-lhe, então, que, decorridos 5 minutos, relate aquilo que viu com detalhes. Ressalta-se que o relato será gravado. Encontramos o seguinte:

Uma obra maravilhosa ... expressiva. Me parece um quadro alegre e triste. Observo a Virgem Maria em cima de um burrinho que leva no colo o Menino Jesus. Ele se agarra ao peito da mãe, José, desconfiado e um pouco à frente, volta seus olhos e cabeça para eles protegendo-os. Um anjo faz o mesmo: protege-os. Outras pessoas, mais quatro, acompanham a fuga. Não há bagagem: é uma fuga. Interessante que é uma fuga diferente: mostra a luz do dia. É toda uma história simples e comovente contada numa só cena.

O relato acima, como foi dito, foi gravado e, agora sem a presença da tela, ouvido por uma pessoa que por sua vez era instruída a ouvir atentamente. Deveria re-passá-lo para outra. É claro, sem a presença do quadro. Vejamos um dos relatos posteriores:

Um quadro maravilhoso ... é triste e alegre ... a mãe de Jesus está fugindo do Egito com Ele e com São José ... a cavalo. Jesus tem medo por isto está agarrado nos braços da sua mãe. José também tem medo; fica olhando para não ser seguido. Um anjo está junto com eles. Tem mais pessoas. Foi durante o dia.

Logo em seguida à obtenção deste relato, como anteriormente, uma outra pessoa que ouvia a descrição acima, por sua vez relatou - a para outro ouvinte:

Era um quadro. Triste e alegre. São José está fugindo ... acho que da Mãe de Jesus?! Tem um cavalo que protege tudo. Um anjo também.

Um dos próximos ouvintes relatou os seguintes fatos do referido quadro:

Sei lá. Um quadro que disseram que é muito triste e alegre ao mesmo tempo. São José está sendo perseguido. Parece que Jesus e sua mãe também. Ele está a cavalo e o anjo também.

Evidentemente defrontamo-nos com a magia da interpretação dos "fatos" e sua comunicação. Tais efeitos eram pesquisados pelos psicólogos e estas pesquisas, na minha opinião, visavam através de análises cuidadosas compreender os mecanismos que promoviam e controlavam as óbvias distorções acima descritas. Após o exame exaustivo de relatos similares, os pesquisadores *descobriram* que tais distorções ou transformações (em suas palavras) apresentavam três características principais. a) *Nívelamento* por um empobrecimento de detalhes; b) *Exacerbação* de alguns aspectos, dramatizando-os; c) *Assimilação* por alteração de detalhes em função da pessoa que relatou o fato.

Neste ponto penso que é necessário e prudente voltar ao curso principal do meu argumento, tomando como pano-de-fundo as interpretações que as interpretações feitas da obra de GIOTTO propiciaram.

A Psicologia Social, pelo menos naquele momento de suas pesquisas, trazia embutida dentro de seu projeto *neutro* uma questão ideológica que perpassa provavelmente todas as pesquisas em Psicologia Geral realizadas dentro do marco referencial naturalista: tornar as relações humanas controláveis e manipuláveis. O caso acima apresentado foi escolhido por se tratar de uma situação que envolve a interlocução entre pessoas que *dizem estar comunicando fatos*. Ora, nesse caso específico, qual o mecanismo ideológico presente? Sem dúvida, o controle das comunicações humanas, conhecendo e manipulando seus mecanismos e, conseqüentemente, visando obter uma *comunicação perfeita e asséptica*; ou, ainda, idealmente próxima do computador. Não discuto se este ideal deva ou não ser perseguido, nem se será alcançado. Afirmando, porém, com convicção, que os subsídios dessas descobertas para a Psicanálise foram acolhidos nos EUA e argumento que este foi o grande equívoco ou lapso. Por quê?

Foi dito que a comunicação que teve lugar entre as pessoas so-

breu processos de nivelamento, exacerbação e assimilação. Não há dúvida. Afirmo, entretanto, que esses processos, não são variáveis a serem controladas. Pelo contrário, são ocorrências de uma interlocução onde o elemento fundamental era exata e precisamente a interpretação que, afortunadamente, nos presenteava fatos. Estes, agora sem dúvida, dirigiam nosso olhar para aquele que vê o mundo como vê, e não como um quadro teria pretendido mostrar. Lembremo-nos de alguns detalhes luminosos e candentes: no segundo relato o quadro/realidade já se tornou triste e alegre; o burrinho virou cavalo; Jesus que se agarra ao peito da mãe passa, por esta razão, a ter medo; idem para José, cujo olhar desconfiado transforma-se em medo de estar sendo seguido; no último relato considerado, São José está sendo perseguido, Jesus e sua mãe também; não se sabe quem está a cavalo, mas certamente o anjo está!

Poder-se-ia compreensivelmente ponderar ou objetar que as pesquisas efetuadas por ALLPORT & POSTMAN (1947) envolvem um número relativamente grande de pessoas antes que a distorção se configure. Isso não ocorre numa cena analítica onde desde sempre encontramos apenas duas pessoas. Ledo engano, pois nessa cena analítica - qualquer pessoa que a tenha vivido o sabe - existe Legião!

O lixo dessas transformações exigia da Psicologia Social o expurgo e a assepsia. Em outros termos, antes de os homens se comunicarem é preciso controlar suas interlocuções, pois elas estão sujeitas a processos que impedem a verdadeira comunicação. Essa foi e é a grande ingenuidade. O que é lixo para a Psicologia da Comunicação é matéria-prima definidora do ser humano ou *Homo Loquens*. Se as pessoas distorcem, expurgam, nivelam, exacerbam e assimilam, estas são questões fundamentais para a Psicanálise. Não se trata de adaptar as pessoas ao meio ou espaço de interlocução onde habitam, promovendo a limpeza daquilo que possuem de mais intrínseco: o direito de distorcer, e mais, de distorcer as próprias distorções. Nesse espaço de belas incertezas e contradições nasce a Psicanálise. Por essa razão as relações e contribuições mútuas entre a Psicologia Geral, e suas subdivisões, com a Psicanálise são equivocadas ou perigosamente intrometidas. A Psicologia Geral terminava onde a Psicanálise começa.

O que, em resumo, pretendo dizer quando me utilizo da expressão

*lapso dos anos 40?*

As pesquisas realizadas sob a mesma regência metodológica acima mencionada revelam que, em última instância, escondiam atrás e através de suas três observações - nivelamento, exacerbação e as similação sobre a transmissão dos fatos - mecanismos escamoteados. Na minha opinião, as tentativas de identificar esses fenômenos aspiram, a curto prazo a eliminá-los, ou seja, tornar a distorção - marca inevitável da comunicação humana e onde o inconsciente faz sua presença marcante - mínima ou inexistente. Enfim, tornar a comunicação asséptica e objetiva, despida de sua humanidade. Este é o grande lapso.

\* \* \*

O panorama e a perspectiva matematizantes, inevitavelmente, atraíram também para a Física e seu modelo as Ciências mais próximas: a Química e a Biologia. A Química correspondeu plenamente às exigências; a Biologia encontrou dificuldades, mas dissolveu-as, eliminando-as do rol de suas preocupações; afinal, os resultados obtidos por Claude Bernard e sua fisiologia experimental justificavam a naturalização da vida. A Medicina logo apresentou seus avanços - *in vivo* e *in vitro* - e passou a fazer parte do respeitável cortejo das Ciências Naturais.

A rigor algumas áreas da Medicina se mostraram rebeldes ou refratárias à metodologia utilizada, mas alegava-se que as dificuldades emanavam do objeto de estudo e não do método. Dentre esses focos de resistência nos interessa, especialmente, a Psiquiatria ou, etimologicamente falando, *o amoldamento do psíquico*.

É evidente e notável que toda a história da Psiquiatria está passada pela dicotomia Corpo-Mente, e suas pesquisas são programadas com o intuito de dirimir dúvidas sobre a etiologia *corporal* ou *mental* de determinada doença. Se o chamado comportamento bizarro é resultado do demônio, seu tratamento estaria sob o domínio das Ciências do espírito ou da mente; se é o resultado de uma disfunção, seja hormonal ou cerebral, então seria atribuição da Ciência do corpo ou Medicina. A invenção da doença mental é

recente e encontrou na descoberta da causa da paralisia geral progressiva (PGP) e sua cura eventual o sucesso do ponto de vista médico-orgânico, como podemos constatar pela monumental obra de FOUCAULT (1978). Um fator de ênfase adicional ao ponto de vista médico foi a etiologia e tratamento do retardo mental. O abandono das reflexões pertinentes às Ciências do espírito passou a ser regido pelo lema: "Nenhum pensamento distorcido sem que exista uma molécula distorcida" (ABOOD, 1960, pág. 91).

Da mesma forma que a Psicologia buscava meios de se afirmar como Ciência nos círculos acadêmicos, a Psiquiatria, empurrada pelo prestígio e sucesso da Medicina, impunha-se como Ciência e profissão, fundamentando-se no modelo naturalista e biológico de explicação dos problemas emocionais. No que diz respeito ao diagnóstico, tratamento, pesquisas e questões comunitárias, a Psiquiatria passou a se utilizar das mesmas técnicas da Psicologia; entretanto, havia uma área privativa dos médicos: o uso de medicamentos, eletrochoques e várias formas de psicocirurgia.

Na medida em que o desenvolvimento das pesquisas científico-naturais em Psicologia começaram a proliferar e consideradas dentro desse aspecto epistemológico naturalista mostrar sua pertinência -, teve início, na minha opinião, um movimento eclético e benevolente da Psiquiatria em relação à Psicologia e vice-versa.

Desta maneira, é extramamente curioso verificar que FERNANDEZ (1977), por exemplo, num texto conhecido por psiquiatras e psicólogos, dedica um capítulo ao conceito de personalidade. Depois de defrontar-se com algumas dificuldades para conciliar o que denomina aspecto psico-sociológico com os aspectos hereditários, opta por uma solução muito pouco esclarecedora:

Os conceitos de caráter e temperamento se contrapõem e, ao mesmo tempo, se complementam: o caráter é fundamentalmente uma entidade psico-sociológica, que é condicionada pela influência dos fatores *adquiridos* vivenciais, e o temperamento é fundamentalmente *hereditário* e biológico. (pág. 173).

Temos aqui uma definição extremamente evasiva no que diz respeito

to aos problemas epistemológicos e, ao mesmo tempo, conciliatória. Aliás, a utilização de termos não-definidos com o objetivo de acertar as arestas é freqüente. Fernandez supõe que a Psicologia já possui um conhecimento exaustivo do psiquismo - exceto algumas concessões que faz à humildade científica - e acredita que o mesmo ocorre com a Psiquiatria. Como resultado, obtém uma "saldada" onde convivem pacificamente antigos teóricos da personalidade, como Kretschmer, pesquisadores behavioristas, como Eysenck, psicanalistas como Lagache e filósofos como Merleau-Ponty. Suspeito que autores como Fernandez tendem a confundir o rigor científico e conceptual com mera catalogação de autores provenientes das mais diversas origens e interesses, acreditando que tal atitude pseudo-enciclopédica e destituída de critério ilumine ou mesmo encaminhe a reflexão crítica. Em outro texto de FERNANDEZ (1976) é incômodo constatar que no capítulo em que define o método psiquiátrico escreve:

A psiquiatria é uma ciência empírica' híbrida, integrada por duas vertentes: a vertente científico-natural e a vertente científico-cultural. (pág. 61).

Este capítulo arrola de maneira absolutamente eclética autores que, na minha opinião, não foram compreendidos: Bachelar, Bergson, Binswanger, Bernard, Bleger, Boss, DeWaelhens, Dilthey, Piaget. Em resumo, as aproximações e conciliações teóricas são ditadas por uma ausência total de senso crítico e infladas por uma falsa erudição; fatores que, a meu ver, confundem ou tendem a confundir os estudiosos e sobretudo os iniciantes.

A psiquiatria, durante as últimas décadas, como podemos observar, esteve caminhando lado a lado da Psicologia. Suas afinidades não eram nem são compreensíveis como "mutirão" científico, mas antes como questão "conjugal" não resolvida, resultando num espólio respeitável e litigioso. Tanto a Psiquiatria como a Psicologia, no final das contas, vinham fundamentalmente amparadas pelo mesmo modelo epistemológico científico-natural; como naturalizar o corpo ou a mente e todas as suas manifestações ou criações?

A submissão da Psiquiatria ao modelo científico-natural não pode

ser prolongada por causa das dificuldades surgidas no próprio 'elenco de perturbações emocionais. A prática que envolvia um diagnóstico, uma etiologia, um tratamento e um prognóstico logo se revelou um caixilho estreito para a compreensão daquelas enfermidades; conseqüentemente assistimos, a partir da Alemanha com JASPERS (1973), a uma tentativa de reaproximar a Psiquiatria da Filosofia. O trabalho de Jaspers - um minucioso levantamento de descrições calcadas na observação de perturbações emocionais, tomando o Primeiro Husserl como ponto de partida - criou dentre os estudiosos de Psiquiatria a ilusão da possibilidade de elaborar um modelo das enfermidades mentais. Tal modelo pretendia, por um lado, se utilizar da Fenomenologia, e, por outro, tal como fez Lineu na Botânica, cadastrar sistematicamente essas enfermidades. A partir de então, temos assistido ao esforço da Psiquiatria no sentido de interpretar seus dados à luz da Fenomenologia. Na prática, entretanto, encontramos uma cisão evidente, na medida em que a manutenção e radicalização dessa interpretação põe em cheque não apenas a disciplina psiquiátrica - que pretende se apresentar como corpo de postulações coerentes e interligadas - como a sua própria instituição. Julgo oportuno comentar, a esse respeito, o texto de LANTERI-LAURA (1981), quando, criticando, focaliza sua atenção sobre os problemas levantados pela Psiquiatria Fenomenológica ou pela atitude fenomenológica na Psiquiatria. Logo no início indaga em que medida a adoção radical da postura fenomenológica, à maneira kantiana, afeta os fundamentos do saber psiquiátrico. Dessa maneira, por exemplo,

para descrever a experiência de tempo vivida na depressão (...) visando-se 'definir acuradamente a consciência alucinatória, não podemos colocar o saber psiquiátrico entre parênteses, mas pelo contrário temos que aceitá-lo como está e não questionar sua posição (...). Desde que este saber é suspenso o termo alucinação perde todo o sentido possível e não se sabe o que resta para ser descrito. (pág. 55).

Diante desse paradoxo, a Psiquiatria Fenomenológica, na medida em que se exerce, tomando necessariamente o próprio saber psiquiátrico como pano-de-fundo, afasta-se da Fenomenologia, ado-

tando um empirismo sutil em substituição àquele empirismo primitivo. Seguem-se à obra de Jaspers vários autores que surgiram visando acomodar a perspectiva naturalista e organicista da Psiquiatria vigente com algumas pitadas de reflexão filosófica (TIZON, 1978). Alguns autores alemães chegaram até à Espanha e a Psiquiatria espanhola não relutou em acolher o organicismo e a Fenomenologia, comprometendo-se com posições nitidamente naturalistas, chegando em Heidegger e passando por Husserl (FERNANDEZ, 1976)!

A discussão das posições ocupadas na história pela Psicologia e pela Psiquiatria justifica e apresenta sucintamente o panorama dessas disciplinas no final do século XIX. Não há dúvida, entretanto, de que essas concepções e contradições ainda impregnam profundamente as práticas dos psicólogos e psiquiatras contemporâneos.

\* \* \*

## CAPÍTULO III

## PSICANÁLISE, CIÊNCIA NATURAL E LINGUAGEM

A ambigüidade de Freud e sua intuição criadora possibilitam entrever desde suas primeiras publicações uma grande variedade de referenciais epistemológicos. Encontramos logo na introdução de sua "Psicologia para Neurólogos":

A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco. (FREUD, 1950 [1895]) (pág. 395).

A partir dessa proposta Freud caminha, no texto, procurando resolutamente alicerçar cientificamente a Psicologia ou o estudo dos processos mentais utiliza-se da expressão *teorema* e debate-se com a necessidade de conciliar os problemas da quantidade e da qualidade dos fenômenos. A luta, nesse momento, para justificar sua Ciência persiste e nos conduz até seu clássico texto *A Interpretação dos Sonhos*. O conhecido receio de Freud de uma volta a um ponto de vista metafísico da natureza, metafísica que viesse a tutelar a mente, parece justificar sua insistência no marco

no marco naturalista. Absolutamente dominado pelo dualismo cartesiano, não lhe parece possível fugir da mente, metafisicamente concebida, sem enfatizar o corpo. Diferentemente da psiquiatria da época, dizia que "se no momento não podemos ver além do mental, isto não é motivo para negar-lhe a existência" (FREUD, 1900, Vol. IV, pág. 44). É provocativo observar que mesmo, quando afirmava a existência da mente, buscava enquadrá-la e sujeitá-la a um estatuto naturalista. Parece-nos que, para Freud, o abstrato poderia perigosamente se confundir com o metafísico.

As tentativas teóricas de Freud de explicar o psiquismo já se apresentavam naquela época impregnadas de possibilidades de crítica epistemológica, mas acabavam via de regra por desembocar em uma perspectiva claramente naturalista. No conhecido capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900-1901), logo após tecer considerações nada positivistas sobre um sonho que teve aos dezenove anos em visita à Inglaterra, procura explicar *temporal e espacialmente* o aparelho psíquico:

Toda a nossa atividade psíquica inicia-se a partir de estímulos (internos ou externos) e termina em enervações. Por conseguinte, atribuímos uma extremidade sensória e uma extremidade motora ao aparelho. Na extremidade sensória, fica um sistema que recebe percepções; na extremidade motora fica outro, que abre o portão de acesso à atividade motora. Os processos psíquicos, em geral, avançam da extremidade perceptual para a extremidade motora. (pág. 573).

Estas descrição e explicação, tomadas isoladamente, em nada diferem de afirmações recentes do behaviorismo psicofisiológico. A ânsia de Freud em localizar temporal e espacialmente os fenômenos com os quais vinha tratando, denuncia seu comprometimento com o racionalismo cartesiano. A ambigüidade epistemológica de Freud, contribuiu para que em suas obras acabasse tentando servir a dois senhores. Assim, depois de ter sofrido sanções da Ciência oficial, passou a escrever textos que ora davam satisfação aos modelos naturalistas vigentes, ora elaboravam sobre sonhos adotando uma postura hermenêutica, ora supunham estruturas que determinam o discurso e os sintomas; finalmente se utilizaram do

conceito central de transferência para compreender a "falsa ligação" que se estabelece na cena analítica. Este cadinho conceptual e fenomênico possibilitou o gradativo aglutinamento de psiquiatras, psicólogos e outros profissionais junto de Freud. A psiquiatria e a Psicologia se interessavam pela alternativa sugerida pela Psicanálise e esta buscava a oportunidade de reconhecimento pelo saber oficial. Este acordo "político" tem seu coroamento em 1909, quando Freud é convidado por Stanley Hall para proferir palestras na Universidade de Clark, nos Estados Unidos. Era clara, para Freud, a necessidade de difusão de suas idéias no meio acadêmico e universitário americano. Lançou mão de embaixadores, dentre eles, inicialmente, Carl Gustav Jung e posteriormente Heinz Hartmann. É bem verdade que Freud, mais tarde, mudou de opinião:

Pois não consideramos absolutamente conveniente para a psicanálise ser devorada pela medicina e encontrar seu último lugar de repouso num livro de texto de psiquiatria sob a epígrafe "Métodos de Tratamento", juntamente com procedimentos tais como sugestão hipnótica, auto-sugestão e persuasão, que, nascidas da nossa ignorância, têm de agradecer a indolência e a covardia da humanidade por seus efeitos efêmeros. (FREUD, 1926, Vol. XX, pág. 280).

Daí em diante, se era claro para Freud que seu acordo velado visava a divulgação da Psicanálise em terra respeitada não se pode dizer o mesmo da parte de seus discípulos, que passaram a conceber as descobertas psicanalíticas como necessitando de abrigo, ora da Psicologia Natural, ora da Medicina Psiquiátrica. Se na Europa a Psiquiatria procurou se revestir de forma pouco convincente, à época, de algumas noções fenomenológicas, a Psicanálise nos Estados Unidos desenvolveu esforços para responder às exigências da Ciência "normal". Ganha força nos Estados Unidos uma Psicanálise inteiramente comandada por uma perspectiva científico-natural.

Conta-se que na noite de domingo, 27 de agosto de 1908, Freud, Jung e Ferenczi aproximaram-se do Porto de Nova York após viagem de uma semana, vindos de Bremem. Ao avistarem a Estátua da

Liberdade, Jung teria dito: Estamos na América! Ao que Freud res-  
pondeu: Venho trazer-lhes a peste!

Suspeito que, para Freud, ter cruzado no navio com um cabineiro' que lia *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e pisar nos Estados ' Unidos eram fatos por demais significativos: seu trabalho começa-  
va finalmente a ser reconhecido pelo mundo. A América era, a par-  
tir de então, politicamente, importante para Freud. Emocionalmen-  
te, entretanto, sabe-se que provocava-lhe distúrbios digestivos. A compreensão da visita de Freud aos Estados Unidos liga-se a  
dois fatos: sua ambigüidade epistemológica (energética ou herme-  
nêutica) em relação ao estatuto de cientificidade da nova Ciên-  
cia e sua ambição pessoal de reconhecimento por parte do mundo'  
intelectual, acadêmico e científico. Esse projeto pessoal conta-  
va com a visão prática e com o poder de divulgação de idéias do  
povo americano.

Freud, que havia acolhido desde cedo os referenciais naturalis-  
tas de Brücke e Helmholtz, abandonado as pesquisas para sobrevi-  
ver, encontrado a histeria via Charcot, engavetado sua "Psicolo-  
gia para Neurólogos" e lamentado para Fliess seu desencanto com  
a "neurótica", ainda se apresentava dividido em relação ao obje-  
to da Psicanálise.

Constitui-se como momento importante da história da Psicanálise'  
sua visita aos Estados Unidos, principalmente quando sabemos que  
Freud lá esteve juntamente com Jung, um psiquiatra de renome - e  
a convite de Stanley Hall, psicólogo fundador da Psicologia Expe-  
rimental nos EUA. A Psicanálise seria reconhecida, mas pagaria '  
um preço: correria o risco constante de vir a ser despejada de  
sua própria casa pela Psiquiatria Naturalista ou pela Psicologia  
Acadêmica. Curiosa e rapidamente *The Journal of Abnormal Psychol-  
ogy* passou a publicar textos sobre Psicanálise.

Anos mais tarde (1920) Freud conheceu um outro psiquiatra: Heinz  
Hartmann. Apesar de a Psicanálise neste momento estar precindin-  
do de aval,

Hartmann representava o universo da '  
psiquiatria acadêmica e era o não-ju-

com o qual Freud poderia contar para impedir que a Psicanálise se reduzisse a uma questão exclusivamente judaica (...). Em virtude de estar ligado à clínica psiquiátrica da Universidade de Viena, Hartmann pareceu suspeito a Freud (...). Além disso, Hartmann possuía uma mente por demais acadêmica para o gosto de Freud. Ofereceu-se, entretanto, para treiná-lo de graça. (ROAZEN, 1978, pág. 573).

Através de Heinz Hartmann foi resgatado nos EUA todo o projeto naturalista de Freud, Hartmann imigrou e fundou o importante periódico *The Psychoanalytic Study of the Child* em 1945.

Façamos uma pequena ressalva: não seria justo circunscrever o naturalismo da Psicanálise apenas a sua versão americana, principalmente se levamos em conta que os grandes representantes da Psicanálise nesse momento eram europeus que, tal como Hartmann, haviam imigrado para os EUA. Um fato merecedor de registro é que os teóricos começavam a observar o que é chamado de *dupla pertinência* da teoria psicanalítica, ou seja, viam-se frente a fenômenos que sugeriam um esquema explicativo biologizante e ao mesmo tempo ressaltavam seu caráter social. Tal fato suscitou uma visão por parte dos estudiosos, que passaram a ancorar suas pesquisas e reflexões, ora na direção da cultura e política, ora na direção do conhecimento dos substratos biológicos do psiquismo. Observamos que as tentativas realizadas no sentido de articulação do binômio Natureza x Cultura vinham quase sempre acompanhadas de um viés positivista; seja quando se buscavam, as "constantes culturais", seja quando a Biologia dava as cartas. Curioso que esta constatação é possível mesmo dentre aqueles autores conhecidos como Freudo-marxistas, como Bernfeld, Fenichel, Reich e Fromm.

Entretanto, o mergulho *acrítico* da teoria psicanalítica em águas positivistas se deu inegavelmente nos EUA. A Psicanálise deveria apresentar em seu passaporte de entrada nos EUA o carimbo: Ciência Natural.

As tentativas de construção de uma Psicanálise Científica gera-

ram hiato cada vez mais pronunciado entre suas teoria e prática. A comunidade psicanalítica americana, movida por críticas intensas à Metapsicologia, realizou em 1959 na Universidade de Nova York um simpósio onde se faziam presentes psicanalistas e filósofos. Estava em questão o "status" científico da Psicanálise. Este simpósio foi editado por Sidney Hook sob o título *Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy*. O texto de RAPAPORT (1982), incluído nessa coletânea, constitui-se, em parte, numa tentativa de responder algumas das críticas levantadas, especialmente, no que diz respeito à cientificidade da teoria psicanalítica, e é consequência desse simpósio.

É curioso observar que até aquele momento não se fazia nenhuma distinção entre teoria clínica e Metapsicologia. Tal distinção ' mais tarde tornou-se muito conhecida. Os cientistas e/ou filósofos conhecedores do sistema de trocas científico presente nas Ciências Naturais, obviamente faziam coro e cobravam da Psicanálise a satisfação daqueles requisitos mínimos necessários para que uma disciplina pudesse ser considerada científica. Criticavam a Psicanálise tomando como ponto de partida a tradição empírica e positivista da Filosofia da Ciência: é inconcebível uma teoria que não explique fenômenos observáveis, empiricamente testáveis, ou ainda, não falsificáveis, segundo uma posição popperiana. Os psicanalistas, visivelmente incomodados com tais críticas, procuravam refutá-las, considerando a posição proposta pelos críticos como provenientes de uma perspectiva behaviorista.

Diante do hiato criado entre a teoria e a prática, pode-se observar o acirramento de posições dentre aqueles que pensavam a Psicanálise enquanto *clínica* (G. Klien) e aqueles que concebiam-na como *teoria* (Hartmann, Rapaport).

Diante dessa situação, alguns autores buscam manter o estatuto epistemológico da Psicanálise como Ciência Natural, a qualquer ' custo, argumentando que

é a Metapsicologia que permite uma multiplicidade de observações manterem-se juntas e coerentes, de maneira convincente. (LOTTO, 1982, pág. 477).

(...) O grande valor da Metapsicologia reside na perspectiva que ela oferece de escapar às dificuldades vitais do paciente num contexto mais amplo do que seria possível através de uma teoria puramente psicológica. (LOTTO, 1982, pág. 477).

E MEISSNER (1981) completa: "para mim, Metapsicologia é a teoria da Psicanálise. (pág. 936).

É importante ressaltar que as tentativas de solução das questões acima propostas permeiam constantemente a Psicanálise sob os mais diversos nomes: Psicanálise x Neuropsicologia, Psicanálise x Ciência, Compreensão x Explicação, e assim por diante. Não ocorre aos teóricos que o estatuto epistemológico da Psicanálise não é regulado pelas mesmas regras que regem as Ciências Naturais e que defini-la como tal é deformá-la, na medida em que a Psicanálise tem como matéria-prima a interlocução.

\* \* \*

As grandes dificuldades encontradas pelos teóricos da Psicanálise parecem residir, no final das contas, no estabelecimento de um modelo de apreensão dos fenômenos emergentes na situação analítica. Esses fenômenos acabam em curto prazo por extrapolar e ameaçar o modelo postulado frente a sua infinidade de manifestações. A busca de amparo junto à reflexão filosófica teve início desde cedo, a despeito das ambivalências, por parte de Freud, sobre as relações entre Filosofia e Psicanálise (ASSOUN, 1978).

Hartmann reunia, para Freud, as condições acadêmicas necessárias para assumir funções de embaixador da teoria psicanalítica principalmente nos EUA. É também claro que a formação filosófica do médico Heinz Hartmann e seu contato com a Filosofia alemã poderiam facilitar a resolução de incompatibilidade já existente entre o saber filosófico e os postulados ou conceitos da Psicanálise. Assim, por exemplo, HARTMANN (1927) publicou pela primeira vez um texto sob o título "Verstehen und Erklaren" (Compreensão e Explicação), no qual firmava posição e debatia o papel da Psicanálise como Ciência e procurava, ao mesmo tempo, justificar

proposições hermenêuticas (Dilthey e outros) num plano secundário em relação à amplitude da teoria psicanalítica.

Hartmann possuía condições de tentar resolver os problemas vividos pela emergência da Psicologia como Ciência Natural. Como médico e psiquiatra e ainda professor, parecia conhecer os trabalhos recentes dos filósofos alemães sobre Fenomenologia e insistia na cientificidade do dado psicanalítico. Disse HARTMANN (1927):

... as estruturas significativas irreais, tais como o significado das palavras, o conteúdo dos juízos, etc., não representam de forma nenhuma processos que ocorrem através do tempo na vida não corporal dos indivíduos, e por esta razão devem ser excluídos do campo da Psicologia. (pág. 322-323).

Hartmann começa procurando definir o campo da Psicologia como Ciência da realidade. Para ele, a linguagem é tão somente um instrumento e:

é através do significado e sentido das palavras e frases que nos guiamos até os processos mentais daquele que comunica. Aquilo que se revela mediante a linguagem e escrita, juntamente com os movimentos e gestos expressivos, constitui a ponte mais importante para o conhecimento do outro. (pág. 322).

O seu propósito explícito de conhecer os processos mentais daquele que comunica mantém a dicotomia corpo-alma e lança este projeto numa vertente empírico-racional que define sua Ciência como estudo de Neurobiologia ou como Psicologia dos reflexos ou comportamentos molares. A partir desse momento chega a ser impressionante a dificuldade encontrada para redefinir a Psicanálise 'no sentido de retirar a ênfase nos estados mentais e entendê-la' a partir de seu dado fundante: a linguagem.

A reflexão psicanalítica orientada para os estudos sobre linguagem poderia desfazer equívocos e vícios das abordagens empírico-racionais como foi oportunamente intuído por LEVENSON (1978):

O que é que reside dentro de nós e ao mesmo tempo está entre nós; o que é que é intrinsecamente meu mas é, também, intrinsecamente seu? O que é que já nos é dado e a despeito disto é construído por nós? (pág. 52).

A aceitação desse desafio impediria a procura de apreensão do fenômeno lingüístico, seja por meios empíricos, seja pela razão ou combinação moderna dessas filosofias, seria necessário tomar a linguagem como condição de possibilidade efetivamente unificadora da dicotomia cartesiana. Suponho que sob o domínio da filosofia naturalista a linguagem, pretendia-se, seria estudada como reificação do mental. Assim, evitava-se seu caráter evanescente, criativo e poético, excessivamente incômodo.

Hartmann fundou, nos EUA, o periódico *The Psychoanalytic Study of the Child*. Reitero a omissão da Psicanálise, nessa fase, frente ao universo fenomênico propiciado pela linguagem. A título de ilustração, realizei uma grosseira e curiosa investigação dos textos publicados pelo periódico acima mencionado durante 30 anos (1945-1975). Considerei os resultados como indicativos desta tendência da Psicanálise em negligenciar a linguagem como sua matéria-prima. Ao longo dos 30 anos mencionados, o periódico publicou por volta de 640 artigos, comentários, estudos de caso, etc.

As palavras e expressões *lingüística*, *linguagem*, *verbalização* e *comunicação verbal* somente aparecem em aproximadamente 10 textos, ou seja, em pouco mais de 1% das publicações. Mesmo nesses casos, a linguagem é tomada, principalmente, como instrumento que informa sobre a mente e a ela dá acesso.

Em alguns trabalhos, por exemplo EISSLER (1968), que retoma o antigo problema de Compreensão e Explicação, a Psicanálise é um instrumento de análise literária. GROSSMAN e SIMON (1969) discutem as influências e entraves do antropomorfismo na constituição da Psicanálise científica e acabam por admitir que os dados clínicos são antropomórficos, na medida em que a vida introspectiva é antropomórfica. Enfim, parece-me que o antropomorfismo é uma versão

modernizada da dicotomia corpo-mente. EDELSON (1977) procura, insistentemente, aproximar Freud e Chomsky, esquecendo-se de que as propostas de Chomsky visam igualmente naturalizar a linguagem. Chomsky sem dúvida promove a linguagem, porém ao mesmo tempo dá-lhe um golpe mortal quando insiste no inatismo e a-historiciza o fenômeno lingüístico. Edelson está convencido de que a linguagem é definidora do universo de fenômenos com o qual lida a Psicanálise e tenta dar-lhe um caráter científico, via gramática gerativa-transformacional de Chomsky. Nesse caso, o máximo de conhecimento obtido é similar àquele do anatomista que conhece profundamente as cordas vocais e órgãos fonadores, mas que perde de vista a fala como fenômeno vivo, tal como se apresenta no cotidiano.

É interessante observar, finalmente, que o mesmo periódico publicou uma crítica às tentativas de Edelson, assinada MAHONY e SINGH (1975). Esta crítica não se dirige aos limites das propostas de Chomsky para o estudo da Psicanálise e seus fenômenos, mas considera as explorações de Edelson especulativas e sugere que "seu conteúdo deve ser submetido a um escrutínio sério, desde que esta é a única forma de validação empírica dessas hipóteses" (pág. 240).

As investidas da Psicanálise ao procurar constituir-se como Ciência Natural deram margem a muitas especulações, especialmente quando se percebe que seu objeto de estudo não se sujeita aos modelos científicos vigentes. O mesmo autor acima referido (EDELSON, 1977) desenvolveu uma intensa cruzada crítica em defesa da Psicanálise como Ciência, a despeito de se fundamentar em modelos lingüísticos. Baseando-se em Bertrand Russell e outros, estabelece alguns cânones que asseguram a cientificidade da Psicanálise e, ao mesmo tempo, inclui em seu universo a linguagem. Diz ele que a Psicanálise é uma Ciência, desde que não confundamos "mecanicismo" com "científico"; desde que não confundamos descoberta de conhecimentos com processos de confirmação e verificação; desde que aceitemos que a irracionalidade pode ser estudada racionalmente; desde que a Psicanálise não seja considerada incompatível com uma concepção humanista do homem e da Ciência; desde que a Ciência não seja confundida com tecnologia; desde que saibamos que "explicação" não implica em "determinismo"; e,

finalmente, desde que levemos em conta que as pesquisas clínicas de caso único são válidas para a confirmação de a teoria científica.

Após a leitura do texto de Edelson fica a impressão de que sua concepção de Ciência é extremamente elástica para poder abrigar a Psicanálise e ao mesmo tempo extremamente estreita para dar margem à inclusão de questões de ordem ideológica (1). Parece que a grande dificuldade que se coloca aos teóricos da Psicanálise em suas polêmicas em torno da teoria clínica e da Metapsicologia consiste exatamente na indefinição do objeto da Psicanálise, por um lado, e na negligência, por outro lado, em relação à dialética Natureza/Cultura. Observa-se que, ao longo de sua história, os estudiosos tendem num certo momento a enfatizar o pólo natureza (Fenichel) e subseqüentemente a Cultura (Horney). A abordagem desses pólos se fez quase sempre adotando-se, ingenuamente, uma postura ou lente epistemológica naturalista, inclusive dentre aqueles teóricos, tais como Reich, que traziam atrás de si uma concepção marxista do homem. A superação desse hiato somente será possível se tomarmos o fenômeno clínico/psicanalítico tal como se nos apresenta - sob a forma de interlocução. Se na interlocução inegavelmente coexistem de forma dialética a Natureza e a Cultura, (2) pode-se ter condições de articular teoricamente essas dimensões, tomando como alavancas as noções de Desejo e De-

---

(1) Nesse contexto específico estamos lidando com a expressão *ordem ideológica* ou *ideologia*, mas, ao mesmo tempo, queremos evitar ambigüidades devidas às múltiplas interpretações desses termos na literatura. A própria definição de ideologia corre o risco de estar sendo propiciada por uma outra ideologia; ou, uma definição não pode *criar* seu objeto?

Entretanto, com o intuito anunciado acima, entendo que ideologia consiste num sistema de representações sobre um fenômeno perfeitamente coerente e fechado, de tal forma que se apresenta refratário a toda objeção vinda da realidade; tal sistema recebe a adesão acrítica de uma pessoa ou grupo: A Ciência clássica, por exemplo, se coloca numa posição ideológica quando afirma que a razão é suprema, que o conhecimento dela proveniente libertará a humanidade, que o universo é ordenado, que essa ordem pode ser descoberta e expressa objetivamente, que a verdade só é acessível à Ciência de forma empiricamente verificável, que a observação e a experimentação são os únicos meios válidos da descoberta da Ciência e que por sua vez, são sempre independentes do observador. Enfim, concordando com Lévi-Strauss, LEVENSON (1978) define ideologia como um sistema de crenças que explica o passado, define o presente e prevê o futuro (!).

(2) Da mesma maneira que ideologia, a dialética suscita várias acepções. No caso, refiro-me à constante *tensão* entre Pulsão e Cultura, onde o momentâneo privilégio de um polo cria condição para um forçoso retorno ao outro, tornando-se impossível estudá-los isoladamente, enquanto biólogos ou antropólogos.

manda já propostas por Lacan.

\* \* \*

## TERCEIRA PARTE

### A PSICANÁLISE, AFINAL, RONDA SUA ÓRBITA: A LINGUAGEM

(...) a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente : fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.

Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Nela, infalivelmente duas rubricas se delineiam: a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição. (BARTHES, 1980, pág. 14).

## CAPÍTULO I

### ENTRE QUATRO PAREDES?

> Se tomarmos as obras completas de Freud, encontraremos freqüentemente referências à linguagem. Sem dúvida a edição *standard* de suas obras completas registra em pelos menos dezoito de seus vinte-e-três volumes a expressão *associação livre*. No capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900-1901) é possível tomar a seção que trata dos processos primário e secundário como alicerces para os argumentos que se seguem sobre a importância da linguagem na Psicanálise.

Freud disse que o aparelho psíquico funciona através de duas maneiras: há o processo primário - quando a energia pulsional possui toda a liberdade (princípio do prazer), é atemporal, atópica, e não possui barreiras em seus deslocamentos - e o processo secundário - quando a energia pulsional está "presa", apresentando-se controlada, e as representações são "postas à prova" pelo princípio da realidade. Com isso, Freud estava colocando na minha opinião, o problema fundamental que nos ocupa: a palavra. Exceto para aqueles autores agregados a uma Psicanálise tradicional é impossível negar que o fenômeno lingüístico se situe exata e precisamente no nexó dialético que se estabelece nesse ponto que funda a Psicanálise. A carne se faz verbo: instaura-se o

FORT-DA. Quanto à omissão da Psicanálise, em alguns meios, em relação à linguagem, WILDEN (1972) se refere a ela causticamente:

A Psicanálise tradicional não tem se ocupado de problemas lingüísticos ou semióticos. Apesar de se constituir na "cura-pela-fala", a despeito de todas as discussões de Freud sobre linguagem e a despeito das metáforas gráficas e semióticas que impregnam toda sua obra, o simbolismo do sonho e do sintoma não tem sido geralmente considerado como ' uma questão de COMUNICAÇÃO. Isto, em parte, é o resultado da teoria do conflito intrapsíquico, em parte resultado das próprias contradições de Freud sobre o assunto, e em parte o resultado da simples ignorância dos textos . (pág. 31).

Esta dissertação recoloca o problema da importância fundamental da linguagem na Psicanálise e aponta aqueles autores que de forma criativa vêm retomando a questão.

Valho-me das contribuições desses autores, mesmo quando seu interesse pela Psicanálise possa ser aparentemente periférico. Em outras palavras, utilizo-me das intuições de vários autores, ligados ou não à Psicanálise, que me emprestam fundamentos para esta dissertação.

Uma consequência, a meu ver óbvia, decorrente da aproximação entre Psicanálise e linguagem é fazer ruir os muros que encerram a Psicanálise entre quatro paredes. Conseqüentemente, pode-se esperar dela demonstração de amplitude maior e menor circunscrição à terapêutica, de onde surgiu no início deste século.

Nesta parte discuto a superação, por parte da Psicanálise, do naturalismo. Essa superação, na verdade ainda em curso, se faz a meu ver através de três grandes movimentos históricos, os quais considero não só extremamente significativos como intimamente relacionados entre si. O primeiro foi propiciado pela crítica radical empreendida por Husserl às Ciências, quando denunciou a Crise por elas vivida, na medida em que naturalizaram a consciência. Disse, então, HUSSERL (1935 [1973]):

Ofuscados pelo naturalismo (por mais ' que eles próprios o combatam verbalmente), os homens da ciência do espírito ocuparam-se inteiramente da colocação do problema da ciência do espírito universal e pura (...) a fim de obter a partir daí explicações científicas num sentido absolutamente conclusivo. (pág. 139).

Quando mergulhava no naturalismo e fisicalismo, a Psicanálise começou a ser interpelada pela Fenomenologia, que exigia a reconsideração do Sujeito e da História na teoria freudiana. É verdade, também, que a Psicanálise retrucou, cobrando da Fenomenologia ' sua ambição desmedida e apresentando-lhe o Inconsciente. A partir de então essas disciplinas nunca mais deixaram de se perturbarem reciprocamente.

Como se sabe, o termo *Fenomenologia* foi usado pela primeira vez no século XVIII, pela escola de Christian Wolff, na Alemanha. J. J. Lambert, discípulo de Wolff, usou-o para designar a teoria e a crítica das "aparências", especialmente as percepções sensoriais. Para ele, a Fenomenologia constituía um ramo específico da Epistemologia. A partir de Hegel, o termo adquiriu um significado mais complexo, pois, como se sabe, sua obra principal é intitulada *Fenomenologia do Espírito*. Entretanto, "o verdadeiro iniciador desse movimento e efetivação do conceito devia ser E. Husserl, quem deu um conteúdo novo a uma palavra já antiga" (DARTIQUES, 1973, pág. 13).

Mas o que interessa neste segundo movimento, que consistiu basicamente numa crítica radical ao naturalismo por parte da Fenomenologia é o que considero a reinterpretação realizada por Merleau-Ponty. Este, mesmo reconhecendo que a Fenomenologia é o estudo das essências - a essência da percepção ou a essência da consciência - diz que "o pensamento não é nada 'interior', ele não existe fora do mundo e fora das palavras" (MERLEAU-PONTY, 1971 [1945], pág. 193).

Enfim, a Fenomenologia inegavelmente mergulha no universo lingüístico, via Merleau-Ponty. E, se estou tratando de Psicanálise e linguagem, é fundamental despir o projeto fenomenológico de

suas definições remotas, de quando buscava essências, mas resgatá-lo como alternativa de reflexão sobre a linguagem.

O segundo movimento surgiu dentro da própria Psicanálise. Jacques Lacan, ressaltando e denunciando a cada momento os desvios ocorridos na interpretação do texto freudiano, inclinándolo para o behaviorismo, rompeu sua afiliação com a Associação Internacional de Psicanálise e de maneira não sô convincente como consistente' criou escola, fama, discípulos e devotos. Promoveu uma re-leitura da obra de Freud, tomando como alicerce os conceitos freudianos fundamentais e os achados da lingüística estrutural.

Finalmente, o terceiro movimento se interessou primordialmente ' em examinar a atividade política à luz da teoria das neuroses de Freud, ao mesmo tempo que recolocou o problema do nexó *Teoria-Práxis*. Nesse ponto, a partir de Adorno, Benjamim e Horkheimer , entre outros, e culminando com o trabalho de Habermas, defronta-se com o propósito de desenvolver uma teoria não subjetivista da subjetividade. Tomarei como pontos de referência, neste movimento, o trabalho de vários autores, aparentemente sem ligação entre si. Tal ligação é inteiramente de minha responsabilidade. ' Considero-a, porém, imprescindível, desde que viso a articulação entre Psicanálise e Teoria da Sociedade.

\* \* \*

## CAPÍTULO II

### FENOMENOLOGIA, LINGUAGEM E PSICANÁLISE

Da mesma forma que Husserl, referindo-se à Ciência, eu gostaria de dizer que a Psicanálise viveu ou vive sua *Crise*, e mais, que a superação dessa crise, é gradativa e teve início com o resgate da obra do próprio Husserl, que, sem relação direta com a Psicanálise, criou condições de reflexão sobre os caminhos e descaminhos das Ciências (Psicanálise e outras). Curiosamente, as relações mais próximas que as pessoas de Freud e Husserl mantiveram, como se sabe, foram através de conferências ministradas por Brentano sobre Filosofia e Psicologia na Universidade de Viena: Freud esteve presente às conferências por volta de 1874 e Husserl dez anos depois.

Qual a razão que, apesar das aparentes antinomias, me leva a discutir a Fenomenologia neste trabalho?

Em primeiro lugar, não resta dúvida de que a Fenomenologia possibilitou o restabelecimento da subjetividade nas Ciências, especialmente nas chamadas Ciências Humanas. Em segundo lugar, porque, depois de hesitações iniciais, a Fenomenologia rompeu nos últimos tempos com o dualismo cartesiano, permitindo-se falar sobre linguagem sem alusões tímidas como Husserl tinha feito.

Se considero que a Psicanálise não pode, como venho insistindo, prescindir da linguagem, é natural que retome as contribuições oriundas da Fenomenologia que sustentam minha argumentação. É claro que a reflexão sobre Fenomenologia, linguagem e Psicanálise não se faz sem limitações, mas, por outro lado, ela é inegavelmente promissora.

#### a) A Linguagem da Fenomenologia

Desde o Primeiro Husserl e seus discípulos, é fácil identificar nas suas obras, bem como nas obras de Freud, preocupações que as distanciam entre si do ponto de vista epistemológico. Se as concepções naturalistas presentes nas Ciências estavam inteiramente voltadas para os fatos, a Fenomenologia - procurando fazer justiça ao próprio nome - preocupava-se com os fenômenos e seu sentido. A atitude de buscar reduzir a apreensão desses fenômenos à Psicologia passou a ser denominada *psicologismo*.

Mais tarde, a Fenomenologia toma posição diante desse estado de coisas. SARTRE (1965), por exemplo, se recusa a tratar ou considerar as emoções como mera desordem psicofisiológica e investe contra a Psicanálise de então, dizendo:

É contradição profunda de toda a Psicanálise apresentar 'ao mesmo tempo' um elo causal e um elo de compreensão entre os fenômenos que estuda. (pág. 45).

A crítica acima formulada baseia-se numa concepção da relação *Sujeito-Objeto* absolutamente diversa daquela prevalecente nas Ciências Naturais. Os fenômenos psíquicos ou vivências intencionais contêm um objeto, ou, em outras palavras, a *consciência é intencionalidade*. Assim, a Fenomenologia se afasta da concepção de um mundo factual, que prescinda do *Sujeito*, e elabora um programa de pesquisas onde se exercita a redução ou análise eidética, onde se faz uso da livre variação ideacional, variando sistematicamente na imaginação o objeto-pensado e permanecendo com a essência enquanto invariante nas diferentes representações. Em suma, busca-se aquilo

sem o qual a coisa não mais seria a coisa em questão. A partir desse ponto é desenvolvida a correlação noético-noemática enquanto tema central: minha percepção é *noética*, aquilo que é percebido se constitui no *noemático*. Esses pólos sempre se apresentam à consciência. Mas, como vemos, mantêm-se a dualidade. Além disso, se tomamos a Fenomenologia Husserliana como ponto de referência, é evidente que suas relações com a Psicanálise são antagônicas. Husserl, citado por HOUGAARD (1978) dizia que a "consciência é a fonte de tudo que é racional e irracional, que é justo e injusto, realidade ou ficção, todos os valores e não valores, toda ação e não ação". O mesmo HOUGAARD (1978) refere-se ao Freud da mesma época (1913-1915), que dizia que "precisamos aprender a nos emancipar do significado do sintoma 'consciência'".

Como disse, é claro e nítido o contraste existente nesses dois momentos de Husserl e Freud. O primeiro argumentava incisivamente o papel primordial da consciência, o segundo relegava-a a um mero sintoma. Entretanto, e a despeito desses antagonismos, o restabelecimento do Sujeito proposto pela Fenomenologia criou condição para, gradativamente, uma aproximação da Psicanálise. Isso fica claro, na medida em que paralelamente encontramos, cada vez mais, uma crítica oriunda do interior da própria Psicanálise ao seu *aparelho psíquico* concebido enquanto máquina.

Lentamente Psicanálise e Fenomenologia começam a se aproximar através dos fenomenólogos de língua francesa, tais como J.P. Sartre, M. Merleau-Ponty, De Waelhens e Ricoeur.

Mais tarde tem lugar a superação do dualismo, da qual o texto de DE WAELHENS (1958) é uma brilhante concretização. Esse autor começa por afirmar que se o homem só é ele mesmo exercendo suas relações com as coisas, coloca-se imediatamente um problema de linguagem e torna-se o homem igual à sua linguagem. O ato de linguagem instaura uma significação e esta tem lugar no *corpo*: esse corpo que não é nem "eu" nem coisa, ou é ambos. Diz ainda De Waelhens que a Fenomenologia se aproxima da Psicanálise exatamente quando o psicanalista, '

talvez sem exprimi-lo, admite que a linguagem é uma realidade e que os atos humanos são significativos. Se a Fenomenologia se volta para o corpo, definindo-o como portador de um sentido, autor e mediador de uma significação, e se a Psicanálise não pode esquivar-se de reconhecer no corpo o seu ponto de partida para a compreensão dos sentidos, é impossível deixar de afirmar a consequência dessa aproximação.

As pesquisas sistemáticas e o estabelecimento de correlações noético-noemáticas esbarram na necessidade de entendê-las e dar-lhes um sentido. Das categorias obtidas urge passar à compreensão e daí, *via Heidegger*, para a linguagem. Neste ponto, a linguagem não é tematizada de maneira meramente periférica ou com um entusiasmo efêmero ou incidental, mas passa a se constituir como cerne de todo o empreendimento fenomenológico.

#### b) A Fenomenologia da Linguagem

Se acompanharmos a própria seqüência das obras de Merleau-Ponty, encontraremos uma trajetória que tem início com uma crítica fundamental das tentativas de apreensão das relações entre a consciência e a natureza calcadas no objetivismo que invadiu a Psicologia (MERLEAU-PONTY, 1975 [1945]) e vai até uma franca adesão à Fenomenologia da Linguagem (MERLEAU-PONTY, 1971 [1964]). Em *Estrutura do Comportamento* (1975 [1945]) constatamos o início de uma sólida reflexão sobre as contribuições que recebeu dos filósofos e ao mesmo tempo a insistência na idéia de que o mundo não se apresenta diante de nós, mas nos rodeia. Seu texto *Fenomenologia da Percepção* (1971 [1945]) prossegue, por um lado com a crítica aos "preconceitos clássicos" e por outro propondo a substituição da Razão pela Percepção, e daí, visando o Corpo, diz:

Reconhecemos para o corpo uma unidade distinta daquela do objeto científico. Acabamos de descobrir até em sua "função sexual" uma intencionalidade e um poder de significação. Procurando descrever o fenômeno da fala e o ato preciso da significação, teremos oportuni

dade de ultrapassar definitivamente a dicotomia clássica entre sujeito e objeto (pág. 83).

A partir dessa obra não é mais possível negar a imersão da Fenomenologia na linguagem, levada pelas mãos de Merleau-Ponty. A Fenomenologia que buscava a apreensão das essências cede cada vez mais espaço para o acatamento da situação singular e existencial do sujeito falante.

Eloquente, Merleau-Ponty, logo no prefácio de seu livro *Fenomenologia da Percepção* (1971 [1945]), diz:

Mas a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade. (pág. 5).

Meu objetivo nesta seção é argumentar que a Fenomenologia surgiu oportunamente, quando denunciou a ênfase científicista que definia o Sujeito da experiência vivida como Objeto. Essa denúncia esteve no limiar de um lamentável retorno a uma variante do idealismo onde o contexto existencial da vivência era negligenciado. A obra de Merleau-Ponty resgata não apenas a consciência do mundo singular, como dá ao Corpo e ao Gesto as condições que possibilitam impedir a conspiração contra a intersubjetividade e o mundo compartilhado. Referenda definitivamente a linguagem, "esta linguagem que sei porque a sou" ou que "estã, diríamos nós, no ar, entre todos os sujeitos que falam, não se realizando plenamente em nenhum deles" (MERLEAU-PONTY, 1973 [1949-1952], pág. 60-61).

Pretendo rearticular a linguagem com a Psicanálise, desde que houve, na minha opinião, negligência nessa questão por parte dos psicanalistas tradicionais. É fundamental que se discutam, também, as relações - e como se processam - entre a linguagem e a questão central de que se ocupa a Psicanálise: o Inconsciente. Tenho a convicção de que explorar exaustivamente as relações entre o Inconsciente e sua simbolização via linguagem exigiria outra dissertação. Contento-me

então, em apontar meu itinerário.

É oportuno neste caso retomar, com o intuito de me valer das contribuições de MERLEAU-PONTY (1971 [1964]) expressas em *O Visível e o Invisível*, uma ilustração clássica mencionada por LAPLANCHE y LECLAIRE (1976) quando discutem o sistema inconsciente em seu aspecto econômico. Colocam de forma original o seguinte:

O que passa de uma Gestalt a outra é sempre um elemento isolado, equívoco, susceptível de ser captado pela "pregnância" da Gestalt inconsciente ou pré/consciente: a repressão, como aponta Freud, "trabalha" de maneira totalmente individual; cada retorno isolado do reprimido pode ter seu destino particular. (pág. 33).

Tomando FREUD (1915), especificamente o texto *O Inconsciente*, encontramos que os "processos inconscientes dispensam pouca atenção à realidade". Diz ainda que o Inconsciente possui características próprias, tais como: a isenção de contradição mútua, o processo primário, a intemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica (pág. 214-5). Em nota de rodapé, faz referência a outro privilégio marcante do Ics. que diferencia uma apresentação consciente de uma inconsciente. No Ics. tem lugar a representação da coisa e no consciente e pré-consciente a representação da palavra. Interessa-me a articulação que se tenta fazer entre essas representações. Considero o comentário de LAPLANCHE y LECLAIRE (1976) sugestivo na medida em que propõe uma articulação entre os processos Ics. e PCs. e Cs., de forma inequivocamente qualitativa. Estes aludem aos estudos clássicos da Psicologia da Gestalt, especialmente aqueles dedicados ao fenômeno da constituição da figura-fundo na percepção. Permito-me trazer de volta um exemplo através da figura que se segue:



FIGURA 1

Como se pode observar, a alternância da *figura* ou *fundo* que se impõe a nós independe das circunstâncias ou condições de representação; ocorre um processo subjetivo de organização, onde as condições objetivas pouco interferem. Ora impõe-se a *figura*, ora impõe-se o *fundo*.

Tudo indica que a hipótese aventada acima pode iluminar a compreensão do inconsciente concebido qualitativamente.

A linguagem que proferimos - ou seja, a *fala* - é passível de compreensão segundo o princípio da alternância da *figura-e-fundo*; em outras palavras, quando falo, minha fala apresenta uma *figura* que pode, a qualquer momento, sofrer a imposição do *fundo*. Curiosamente, e parece-me não se tratar de simples coincidência, da mesma forma que a fala é digital, os fenômenos *figura-e-fundo*, bem como sua alternância, também são di-

gitais. Daí, pretendo me valer das intuições cada vez mais incisivas de Merleau-Ponty em seus últimos textos, onde, em alguns momentos, fica fácil transmutar percepção e fala. Não há margem para duvidar de que este filósofo está mergulhado nas reflexões sobre a mesma temática. Considerem-se estas porções das notas de trabalho de MERLEAU-PONTY (1971 [1964]):

percepção como impercepção, evidência da não posse: é justamente porque se sabe muito bem do que se trata que não se tem necessidade de colocá-lo como 'objeto.

Comparemos com a porção seguinte, da mesma nota:

Sujeito falante: é o sujeito de uma práxis. Não mantém diante de si as falas ditas e compreendidas como objetos de pensamento ou ideatos. (pág. 190).

As implicações das aproximações entre a Fenomenologia e a linguagem, na minha opinião, apenas recentemente vêm ganhando a atenção dos estudiosos. Os comentários e referências feitos à contribuição de Merleau-Ponty são ilustrativos de uma tendência. Por outro lado considero importante o trabalho de BONOMI (1974), que busca articular significativamente a Fenomenologia e o Estruturalismo e discute consistentemente temas que geralmente são considerados antinômicos.

### c) Psicanálise e Fenomenologia

Introduzo agora, o papel desempenhado no desenvolvimento da teoria psicanalítica - especialmente enquanto *práxis* - pelas intuições da Fenomenologia.

É difícil negar, e todo e qualquer estudioso o sabe, que a obra de Freud abrigue uma Fenomenologia. Logo abaixo tento demonstrá-lo, referindo-me ao próprio texto freudiano. Parece-me correto afirmar, também, que a negativa envolve certo radicalismo. Freud chamou nossa atenção para aqueles fenômenos via de regra considerados acidentais ou destituídos de sentido. Os sonhos e os lapsos, por exemplo, dificilmente po

deriam ser compreendidos através de uma teoria que despreza-se uma hermenêutica, ou seja, eles trazem dentro de si um significado.

Já disseram que a escolha de Freud por Salpêtrière estava motivada por uma "atitude clínica e descritiva" lá presente, em contraposição a uma medicina teórica ao estilo germânico. Aliás, é conhecida a colocação de Freud a esse respeito:

Aprendi a controlar as tendências especulativas e a seguir o conselho não esquecido de meu mestre, Charcot : olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas. (FREUD, 1914, Vol. XIV, pág. 33).

Na verdade, Freud buscou também afastar a Psicanálise da descrição clínica e sempre que possível aproximá-la de uma Meta-psicologia. Depois ressentiu-se desse hiato e até mesmo chegou a justificar-se perante a comunidade científica na discussão que fez sobre o caso Elisabeth Von R. (BREUER e FREUD, 1893-1895, Vol. II).

Mais tarde Freud volta a externar sua preocupação com o significado do sintoma, conseqüentemente abrindo-se para uma Fenomenologia, quando diz, logo no início da Conferência XVII, intitulada "O Sentido dos Sintomas", o seguinte:

Na última conferência, expliquei-lhes que a psiquiatria clínica atenta pouco para a forma externa do conteúdo dos sintomas individualmente considerados, que a Psicanálise, entretanto, valoriza, precisamente este ponto e estabeleceu, em primeiro lugar, que os sintomas tem um sentido e se relacionam com as experiências do paciente. (FREUD, 1916-1917 [1915-1917], Vol. XVI, pág. 305. Grifo meu).

A Psicanálise, como vimos, não pode escapar inteiramente da reflexão fenomenológica - principalmente se consideramos o próprio texto de Freud.

HOUGAARD (1978) afirma que a Fenomenologia empreendeu uma

busca do Inconsciente e comenta a assertiva de Husserl segundo a qual para apreender plenamente as implicações da intencionalidade é preciso purificar a atitude reflexiva na redução fenomenológica. A partir de uma interpretação "otimista" de Husserl, Merleau-Ponty aponta para uma necessária aproximação entre Psicanálise e Fenomenologia através da noção de *corpo-próprio*, onde a intencionalidade opera *através* da consciência, *mais* do que *em virtude* da consciência. Esta, a *intencionalidade operativa e fundante*. Dessa maneira, para Merleau-Ponty o inconsciente é encontrado, não ao nível da consciência, mas ao nível do corpo, desde que este é quem torna possível sua existência (do inconsciente). Vejam:

Com mais razão ainda o passado específico que é nosso corpo não pode ser retomado e assumido por uma vida individual se não porque ela nunca o transcendeu, porque o nutre secretamente e emprega nele uma parte de suas forças, porque ele permanece seu presente, como se vê na doença em que os acontecimentos do corpo tornam-se os acontecimentos do dia. (MERLEAU - PONTY, 1971 [1945], pág. 98).

Acredito então plenamente possível, a partir de HARNEY (1978), tecer considerações sobre a "psicanálise como atividade lingüística".

A atividade lingüística pode ser vista como um texto: Um texto que esconde uma intencionalidade e não uma causalidade.

O que importa para o analista são as dimensões do mundo enquanto "acreditadas" pelo sujeito; o que é pertinente para ele não é o fato, mas o significado do que o fato possui na sua história. (HARNEY, 1978, pág. 75).

Porém, o afastamento da Psicanálise do modelo fenomenológico se torna visível quando sabemos que o autor do texto - o paciente - não conhece seu significado. Além disso, as distorções existentes são intrínsecas ao autor e fazem parte do texto. A alternativa que se nos apresenta é a auto-reflexão,

como veremos adiante (HABERMAS, 1982).

Afirmar que a Psicanálise e a Fenomenologia se equivalem seria um grande equívoco. Dizer que são áreas do saber antagônicas, também. Penso que atualmente é inevitável que a reflexão sobre uma perpassa a reflexão sobre a outra e remeta a ela.

Os comentários acima, no sentido de aproximar a Fenomenologia, especialmente aquela desenvolvida por Merleau-Ponty, da Psicanálise se condensam com a colocação de que a

institucionalização da linguagem é, ao mesmo tempo, uma condição necessária ' para o ato-de-fala autêntico e viciosamente enganador, quando tentamos penetrar o ato criativo (...). É necessário encontrar sob a enxurrada de palavras o silêncio primordial 'e' descrever a ação que quebra o silêncio. ' (COYNE, 1980, pág. 318).

Neste capítulo iniciei a discussão ressaltando o papel desempenhado pela obra de E. Husserl na crítica às Ciências Naturais. A Fenomenologia, ao tecer sua crítica, manteve a dualidade corpo-mente, mudando-a para as noções de noético-noemático. Afortunadamente, esse movimento é detalhadamente retomado por De Waelhens e Merleau-Ponty e, como apontei, a Fenomenologia configura-se a partir daí em Fenomenologia de Linguagem. Valho-me da noção de *corpo-proprió* para me acercar ' do inconsciente freudiano e da linguagem, que se constitui ' no objeto dessa dissertação. Ilustro o caráter qualitativo do Ics - e da linguagem - através das noções de figura-e-fundo ' oriundas da psicologia da gestalt.

Finalmente, demonstro a ambigüidade de Freud, ora fenomenólogo, ora neurólogo, ora psicólogo, tomando como referência ' seus próprios textos e casos clínicos.

\* \* \*

### CAPÍTULO III

#### A PSICANÁLISE DE JACQUES LACAN

Coube a um psicanalista francês, Jacques Lacan, analisado por Rudof Lowenstein (um dos mais eminentes fundadores da Psicologia do Ego), entender que o texto freudiano vinha sendo transformado, principalmente pelos americanos, num conjunto de técnicas *standard* que convertiam as grandes descobertas de Freud em meras trivialidades ou num catálogo de jogos interpessoais. Conseqüentemente, Lacan empreendeu uma longa, impiedosa e profunda cruzada crítica aos rumos da Psicanálise de então, propondo imediata re-leitura de Freud e afastando-a de, pelo menos, dois inimigos: a Associação Internacional de Psicanálise e o behaviorismo. No primeiro caso, porque a AIP, entre outras coisas e enquanto instituição, reivindicava o poder de autorizar alguém a ser analista e, para Lacan, o analista é quem se autoriza. No segundo caso, porque o behaviorismo com seus propósitos claramente tecnológicos infiltra-se na Psicanálise e acabava por transformá-la em um conjunto de técnicas destinadas a eliminar sintomas e adaptar o paciente às expectativas e injunções culturais (LEAVY, 1978; KURZWEIL, 1980).

É público o fato de a Psicanálise ter chegado à França mais tarde, o que pode ser interpretado das mais diversas maneiras. Ela

pode ter chegado mais cedo aos Estados Unidos não por miopia francesa, mas, quem sabe, porque o meio intelectual francês goza de senso crítico, presunção, xenofobia, pretensão e seriedade filosóficos que o faziam olhar com desconfiança as novidades. Até mesmo as obras dos grandes filósofos alemães dos últimos 100 anos chegaram à França com certo atraso.

Neste capítulo pretendo argumentar que, inegavelmente, excluindo-se o desnecessário porém deliberado hermetismo e maneirismo intelectual de Jacques Lacan, temos na sua obra uma proposta de compreensão de texto freudiano original e efetivamente coerente com os propósitos da Psicanálise. Sua contribuição, como veremos, vai desde a retradução de conceitos clássicos de Freud que, mal-compreendidos, escamoteavam o texto original, até a redefinição das principais descobertas freudianas.

Sabe-se que o objeto da Psicanálise é o inconsciente. Lacan jamais perdeu de vista que se fazia necessária uma definição clara deste objeto, a eliminação de formulações teóricas obscuras e tendentes a uma política de boa vizinhança benevolente e escusa com disciplinas tais como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Biologia. Essas disciplinas estavam sob a regência do positivismo, e a Psicanálise vinha evoluindo às custas de alguma forma adaptativa de Psicoterapia. Mas quais seriam as grandes propostas de Lacan?

a) Um novo paradigma?

É oportuno afirmar que a originalidade das propostas de *L'École Freudienne*, da qual Lacan foi Diretor, sugere a possibilidade de pensar uma total mudança de rumo do pensamento psicanalítico ou, quem sabe, uma mudança de paradigma.

Segundo KUHN (1975), o progresso das Ciências não se faz de forma acumulativa como somos ensinados a pensar, mas de acordo com mudanças relativamente súbitas em seu rumo histórico, determinadas por fatores subjacentes, em estado de fermentação, que no momento que irrompem têm a propriedade de eliminar a expectativa comum de linearidade na história do pensa-

mento científico. Esta seria, segundo ele, a "Ciência Normal"

Esta "Ciência Normal" fundamenta-se na crença de que a comunidade científica sabe o que faz e saberá como é o mundo. E quando, ao longo de suas descobertas, algum fato inusitado perturba o equilíbrio do sistema científico já conhecido, procura-se, na medida do possível, adaptá-lo ao conhecimento preexistente.

E quando isto ocorre - isto é, quando os membros da profissão não podem mais esquivar-se das anomalias que subvertem a tradição existente da prática científica - então começam as investigações extraordinárias que finalmente conduzem a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência (...). São denominados de revoluções científicas os episódios extraordinários nos quais ocorre esta alteração de compromissos profissionais. As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada. (pág. 25).

A releitura da Psicanálise empreendida por Jacques Lacan constitui-se numa mudança de paradigma. Apresenta as duas características de uma revolução paradigmática: a) compõem-se de realizações sem precedentes a ponto de aglutinar um grupo duradouro de estudiosos, e b) suas postulações se apresentam suficientemente abertas para possibilitar entender problemas até então não resolvidos pelos praticantes da Ciência Normal.

Retornando: qual é a proposta de Jacques Lacan? Diz ele que o cerne de toda experiência é a linguagem ou aquilo que se passa entre alguém que fala e um outro para quem se fala. A moeda fundamental na cena analítica é a palavra falada.

Se para Freud a estrada real de acesso ao inconsciente são os sonhos, pode-se dizer que para Lacan o caminho até o inconsciente se nos apresenta pela palavra. Se esta dissertação está interessada na palavra analítica, desnecessário en-

fatizar a importância da contribuição de Lacan.

Parece-me claro que Lacan promoveu uma revolução científica na Psicanálise enquanto sistema, até então, pretenciosamente seguro de suas fronteiras. É necessário admitir que suas idéias possuíam um grande e inegável lastro filosófico, fato aliás comum entre os intelectuais franceses da década de 40. Antes de publicar seu famoso *Manifesto de Roma*, em 1953, sabe-se que frequentava com assiduidade os filósofos alemães e que mesmo após o referido manifesto traduziu para seus colegas e analistas franceses um ensaio de Heidegger.

A formação filosófica de Lacan, na minha opinião, o credenciou para liderar a mudança que se fazia necessária na Psicanálise e, daí, uma efetiva e fundamentada crítica, por um lado, e nova sugestão paradigmática, por outro lado.

Na minha opinião, seria difícil para Lacan mudar o paradigma da Psicanálise - então nitidamente mecanicista - para uma forma de apreensão e reflexão de si mesma enquanto fenômeno linguístico, sem que pudesse contar com o clima intelectual efervescente de Paris da década de 60. A Psicanálise, ao ser resgatada da contaminação do positivismo americano e do biologicismo inglês, se fez acompanhar de outras disciplinas que são conhecidas, segundo WILDEN (1972), como as *Ciências Humanas*.

Aqui, pode-se dizer que Lacan não teria procedido à releitura do texto freudiano sem a influência do antropólogo Claude Lévi-Strauss. Este, que havia estudado Antropologia nos Estados Unidos, repudiava os métodos antropológicos empiricistas que lá prevaleciam e, impressionado com os recentes avanços obtidos pela Linguística Estrutural de Ferdinand de Saussure (dentre outros), transplantou este método linguístico para a Antropologia. Pode-se discordar dos resultados obtidos especificamente, mas não considero possível negar a oportunidade, genialidade e perspicácia de Lacan, ao tentar fazer o mesmo em relação à Psicanálise.

Considero importante que o leitor se sinta à vontade para li

gar Lacan e o Estruturalismo. Da mesma forma, numa dissertação que discute Linguagem e Psicanálise, a omissão de Lacan e da influência que recebeu da Lingüística Estrutural seria incompreensível.

## b) Lacan e o Estruturalismo

A Lingüística constitui-se efetivamente como Ciência a partir do célebre curso/texto de SAUSSURE (1975 [1916]), onde ele define claramente que a linguagem é constituída por dois campos distintos, a saber, a *língua* e a *fala*:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer a fala, inclusive a fonação e é psicofísica. (pág. 27).

Essa perspectiva, que reúne contribuições de autores anteriores a Saussure, inaugura formalmente o estudo científico da linguagem. A partir de então, mesmo outros autores que se utilizem de conceitos diversos o fazem, a meu ver, falando das mesmas coisas. Na distinção acima, Saussure relega a fala a um papel secundário. Eis como termina seu curso/livro:

... a Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma. (pág. 271).

Uma das conseqüências do *status* científico alcançado pela Lingüística a partir de então foi uma gradual atrofia dos estudos sobre a fala, desde que esta era considerada mutável, evanescente e individual. Se acho que essa atitude rendeu dividendos à Lingüística, indago, algumas dezenas de anos após, sobre quais seriam os dividendos auferidos pela Psicanálise.

A escola saussauriana enquanto posição metodológica rigorosa

e consistente inaugura o Estruturalismo (1) e com ele uma in<sup>in</sup>findável e respeitável série de descobertas. Essas desco<sup>des</sup>bertas são de tal ordem significativas que extrapolam o pró<sup>pr</sup>prio terreno da Lingüística. O antropólogo francês Claude ' Lévi-Strauss, que conheceu e trabalhou com Roman Jakobson em Nova York, entre 1942-1945, influenciou diretamente sobre Jacques' Lacan na proporção em que aplicou o método estrutural, tão bem sucedido na Lingüística, à análise de questões culturais. Lévi-Strauss, fugindo do empirismo, adotou o método estrutural desde que este se apresentava como não-empiricista, não-atomista e não-positivista, e conseqüentemente mais adequado para a bordagem científica das chamadas *leis de relação*. Para concluir, Lévi-Strauss aproxima a Etnologia da Linguística através de uma atitude semelhante àquela do médico que realiza uma cirurgia *by-pass*. Debruça-se para analisar as di<sup>di</sup>tas sociedades primitivas, suas estruturas de parentesco, ' suas leis de incesto e seus mitos, utilizando-se do método ' estrutural. Pretende, dessa forma, dar à Etnologia a cienti<sup>ci</sup>ficidade alcançada pela Lingüística. Estuda a "língua" das culturas e dos povos, e não sua "fala" (WILDEN, 1972).

Lacan, como dissemos, recebe diretamente a influência da ' Etnologia Estrutural, distancia-se definitivamente da "fala"

---

(1) Naturalmente estou pressupondo que o Estruturalismo possui, efetivamente, um método, na medida em que essa pressuposição possibilita dar continuidade e seqüência ao argumento. Acredito também estar acompanhado de inúmeros estudos e interessados. Entretanto, é importante dizer que, em relação a este ponto, não há consenso. Vejam, por exemplo a opinião de BOUDON (1974). "Nem Lévi-Strauss nem Chomsky chegaram aos resultados que eles obtiveram utilizando não se sabe que 'modelo estruturalista'. Mais modestamente, beneficiaram-se de uma longa tradição de pesquisa, à qual aplicaram uma imaginação científica fecunda e puderam dispor de um instrumento mental mais refinado que seus predecessores.

Em suma, não há 'método estrutural'. . . Não há 'método estrutural' no sentido em que há um método 'experimental'. Pois, se nenhum manual pode conduzir o pesquisador a efetuar experiências pertinentes, existe, por exemplo, uma teoria dos planos de experiência, balbuciante em Stuart Mill, adulta em Fisher. Não há mesmo método 'estrutural' no sentido em que há um método 'fenomenológico'. Pois, embora não haja, sem dúvida, ilusões sobre o interesse deste método, nem por isso seu 'inventor', Husserl, pôde descobri-lo graças a um pequeno número de regras. Não é o caso do método 'estrutural'. Há apenas teorias estruturais particulares. Uma são de importância científica fundamental. Outras são de menor alcance. Outras enfim - sobre as quais não nos estenderemos - não passam de hipóteses gratuitas e engenhosas que não deixam entrever a menor possibilidade de verificação". (pág. 149).

e adota a "língua". Passa a reinterpretar os textos freudianos à luz do estruturalismo. Lacan empreende a tarefa de responder à acusação - vinda até mesmo de Althusser - segundo a qual a Psicanálise não poderia ser considerada Ciência, na medida em que ainda não tinha ultrapassado o nível descritivo e classificatório. Redefine o objeto da Psicanálise como sendo o Inconsciente, acusando os psicanalistas de haverem perdido de vista essa evidência. Sugere que a teoria do inconsciente seja desenvolvida a partir da releitura de certos textos canônicos de Freud, tais como *A Interpretação dos Sonhos*, *Os Chistes e suas Relações com o Inconsciente* e *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (cf. RENDON, 1979).

Conforme afirmei há pouco, a obra de Lacan resultou numa clara mudança de paradigma da Psicanálise: de uma teoria firmemente ancorada na noção de "aparelho psíquico", suspeitamente mecanicista, ela passa a privilegiar a linguagem - tomada enquanto língua. Esta possui na Psicanálise papel absolutamente inegável e é através dela que alcançaremos cientificamente as intuições conceptuais de Freud.

### c) De Freud a Lacan

Quando Lacan argumentou que a Psicanálise tem como objeto o inconsciente e que este "*é estruturado como uma linguagem*", e mais, quando propôs que a Teoria da Linguagem, e não a Metapsicologia, é que se constitui no instrumento-medida da ordem e coerência para a experiência psicanalítica (MODELL, 1981), fundamentava-se nos textos originais de Freud. Além disso, sabe-se que Lacan aferrava-se à *língua* e suas possíveis articulações teóricas e, tal como Saussure, relegava *fala* a um papel secundário. Entretanto, apesar de a Psicanálise não manter relações neste ponto "visíveis" com a *língua*, desde que sua instância de *práxis* é a *fala*, para meus propósitos imediatos considero que na verdade Lacan tinha razão ao denunciar sistemática e perspicazmente a presença do fenômeno da linguagem ao longo de toda a obra de Freud. Esta constante *tensão* existente entre a Metapsicologia mecanicista e as interpretações, dificilmente enquadráveis naquele modelo'

científico-natural, podem ser ilustradas.

O interesse de Freud pela linguagem, mesmo enquanto neurólogo, torna-se pela primeira vez evidente quando publica um texto sobre afasia em que critica de saída a concepção mecanicista das teorias das localizações cerebrais e propõe uma alternativa funcionalista, que, como se sabe, não foi recebida com entusiasmo na época.

Entretanto, sua obra póstuma, *Projeto para uma Psicologia Científica* (FREUD, 1950 [1895]), está profundamente marcada por especulações mecanicistas sobre o funcionamento do sistema nervoso.

Mesmo assim encontra-se nela a preocupação de Freud com a comunicação. Quando fala da descarga dos neurônios e da experiência de satisfação, Freud afirma que o organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo sua ação específica de descarga, a qual se efetua por meio de *assistência alheia*. Conclui dizendo:

Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da Comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (pág. 422).

Antes de criar o método psicanalítico, Freud publicou com Joseph Breuer, o conhecido trabalho *Estudos sobre a Histeria* (BREUER e FREUD, 1893-1895, Vol. II), onde afirmam estar "mais perto apenas de uma compreensão do mecanismo dos sintomas histéricos, e não das causas internas da histeria" (pág. 59). Ambos estão procurando situar, a meu ver, essas considerações num marco naturalista. O leitor, porém, é assaltado pela surpresa desses autores quando dizem:

... e quando o paciente havia descrito aquele fato com os maiores detalhes possíveis e traduzira a emoção em palavras. (pág. 47).

Ainda:

Elimina a eficácia (patagênica) da idéia que não fora abreagida, por ocasião de experiência traumática, permitindo que sua emoção estrangulada encontre uma saída através da fala. (pág. 58, grifo meu).

A presença de *tensão* entre o modelo de causalidade e as elaborações sobre o papel desempenhado pela fala é evidente desde essa época.

Dentre os casos clínicos discutidos na mesma ocasião relatam os autores que a paciente Anna O.

descrevia esse método falando seriamente, como uma 'talking cure' enquanto se referia ao mesmo, em tom de brincadeira, como 'Chemney-Sweeping'. Ela sabia que depois que houvesse dado expressão e suas alucinações, perderia toda a sua obstinação e aquilo que descrevia como sua 'energia'. (pág. 73, grifo meu).

Vale a pena continuar insistindo nessas elaborações de BREUER e FREUD (1893-1895) sobre a linguagem, mesmo que ambos formularem construtos teóricos diversos daqueles que já apontamos como sutilmente naturalistas.

A paciente de Freud, Frau Emmy Von N., expressa suas dificuldades através de uma *gagueira* que havia surgido quando estava sentada junto à cabeceira de sua filha e desejava ficar absolutamente *quieta*. Disse Freud que

no curso desta análise habitualmente acontecia que a paciente expressava verbalmente, com uma mais violenta agitação, assuntos cuja emoção associada até então só havia se manifestado como expressão de emoção. (pág. 147, grifo meu).

Freud, ao discutir outro caso tratado por ele, Katharina, conclui seu relato inicial dizendo esperar

que essa moça, cuja sensibilidade se-

xual fora ferida numa idade tão precoce, tenha tirado algum benefício de nossa conversa. (pág. 186, grifo meu).

Curiosamente todo o tratamento, na verdade, ocorreu sob a forma de um diálogo inesperado para Freud, que vinha interromper suas férias nos Alpes. As explicações teóricas de Freud ocupam o papel de uma linguagem de segunda ordem, ou metalinguagem, desde que o tratamento em si transcorreu sob uma simpática forma de interlocução.

É bastante conhecido o caso, já citado nesta dissertação, de Elisabeth Von R.. Freud novamente parece se render à *fala* quando a paciente pleiteia que o analista não a interrompa. Chama, também, minha atenção o caso de Frau Cecilie M. A propósito desse caso, Freud disse que na histeria ocorre "uma expressão somática para uma idéia emocionalmente colorida, através da simbolização" (pág. 230), ou os pacientes tomam uma expressão verbal literalmente. Disse, ainda:

O que poderia ser mais provável do que aquela figura de linguagem, 'engulir' alguma coisa', que empregamos ao falarmos de um insulto ao qual não foi apresentado nenhuma réplica, tenha de fato se originado das sensações inervatórias que surgem na faringe quando deixamos de falar e impedimos a nós mesmos de reagir ao insulto? (pág. 230).

Enfim, se tomo a *fala*, da forma como o faz Merleau Ponty, ou seja, enquanto gesto de apropriação-aproximação do mundo-outro, é no mínimo curioso que os casos de histeria relatados por Freud nesse período apresentem uma constelação sintomática tão ligada à esta mesma *fala* ou *gesto*: vômitos, gagueira, tosse, perda da capacidade de falar, falta-de-ar, fadiga dolorosa ao andar e dificuldade para cantar; isto, para mencionar alguns destes sintomas. Não penso tratar-se de coincidências e não pretendo encerrar aqui esta demonstração da latente preocupação de Freud com a linguagem e/ou fenômenos correlatos. Continuemos.

A *Interpretação dos Sonhos* (1900-1901), considerada a obra - prima de Freud, constitui-se numa quantidade colossal de observações, reflexões e análises de sonhos, onde é praticamente impossível encontrar um só capítulo em que o fenômeno linguístico não seja mencionado. Nesse texto Freud trabalha extensamente os fenômenos e/ou conceitos de condensação e deslocamento que o lingüista Roman Jakobson interpretou como equivalentes às figuras de linguagem metáfora e metonímia, que por sua vez se tornaram tão caras à Lacan.

Quando Freud (1900-1901) discute a representação, faz alguns comentários que me interessam. Diz ele:

Não é preciso ficar surpreendido com o papel desempenhado pelas palavras na formação onírica. As palavras, visto serem os pontos nodais de numerosas idéias, podem ser consideradas como predestinadas à ambigüidade; e as neuroses (...), não menos que os sonhos, se utilizam francamente das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce. (pág. 362-363).

Dando prosseguimento ao rastreamento cronológico da constante preocupação de Freud com a linguagem, defronta-se inevitavelmente com a obra onde tal tendência se mostra de forma ineludível e fundamental: *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901). Nesse texto, considero esplêndida a demonstração do Inconsciente feita por Freud e relatada no capítulo II em um episódio por ele vivido durante uma viagem de férias, quando reencontrou uma pessoa conhecida da época de sua formação universitária. É, na minha opinião, contundentemente feliz e oportuno o diálogo mantido por Freud com esse senhor.

A partir de um incoseqüente diálogo sobre um verso de Virgílio, acompanhado de um certo ceticismo com relação à obra de Freud recém-publicada (*A Interpretação dos Sonhos*), essa pessoa esquece, ao recitar o referido verso, a palavra latina *aliquis*. Freud não aceita que o esquecimento seja incidental e parte para demonstrar, através de um diálogo, que o esquecimento era inconscientemente motivado. Chega a ser hila-

riante quando ao final da conversa seu interlocutor toma consciência das suas angústias e pede que Freud interrompa. O leitor que eventualmente não conheça o texto e seu desenlace, similar ao de um conto policial, o leia. Aqui interessa, também, argumentar que esse episódio ilustra cabalmente o fato de que a palavra latina esquecida - *aliquis*, que significa *alguém* - ao longo das intervenções de Freud seja analisada enquanto *imagem acústica*. Mais uma vez defrontamo-nos com a linguagem e prenciamos a dicotomia Significado/Significante.

Acredito dispensável discutir detalhadamente ou ilustrar a obra *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905), desde que é inteiramente dedicada à questão da linguagem. Penso o mesmo com relação ao clássico exemplo do jogo *Fort-Da*, presente no *Além do Princípio do Prazer* (1920).

Gostaria de finalizar esta seção referindo-me a Freud quando faz a defesa da análise leiga (FREUD, 1926). Diz ele num certo ponto:

Nada acontece entre eles, salvo que conversam entre si. O analista não faz uso de qualquer instrumento - nem receita quaisquer remédios. (...) Mas os tratamentos analíticos levam meses e mesmo anos; mágica tão lenta perde seu caráter miraculoso. E incidentalmente não desprezamos a palavra. Afinal de contas ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. (pág. 213-214).

A mudança de paradigma por mim sugerida quando procurei situar a contribuição de Jacques Lacan à Psicanálise, vinculase ao fato de que ele colecionou de forma minuciosa e fundamentada na obra de Freud episódios similares ao acima descrito e não teve dúvidas em repetir Freud quando afirmou que a psicanálise tem como lugar ideal para sua instituição a *universitas litterarum* (LACAN, 1966):

É verdade que a letra mata, como-se-diz,

quando o espírito vivifica. Não discorramos disso, tendo já a saudar por aqui uma nobre vítima do erro de procurar na letra, mas perguntamo-nos igualmente como sem a letra o espírito viveria. As pretensões do espírito permaneceriam no entanto irredutíveis, se a letra não tivesse dado provas de que ela produz todos seus efeitos de verdade no homem sem que o espírito tenha de interferir, à mínima. (pág. 239 - , 240).

É importante ressaltar que as incursões feitas pela Psicanálise - via especialistas - na linguagem se deram na minha opinião, um tanto mescladamente. Explico: quando a ênfase recaía sobre a linguagem, ora pouco se discutia sobre qual tipo ou forma de linguagem, ora era feita uma distinção entre a *fala* e a *língua*. Situo a contribuição de Lacan neste segundo caso. Entretanto, a *fala* e suas possibilidades de articulação teórica foram por ele negligenciadas: a *fala* se constitui numa mera ponte que conduz à *língua* do inconsciente.

Antes de discutir a possibilidade, na minha opinião sempre fecunda, de debruçar-se sobre a *fala*, é pertinentes referir-me a Lacan (1966):

Pois a função da linguagem não é de informar, mas de evocar. O que eu procuro na fala, é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito, é minha questão. Para fazer-me reconhecer pelo outro, eu não profiro o que foi senão em vista do que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para responder-me. (pág. 163).

#### d) O que Ouviria Lacan?

Lacan quase nada escreveu de próprio punho. A grande massa de sua obra é palavra falada. Depois, tudo era transcrito e reescrito, principalmente por ser genro, Jacques-Alain Miller. A ênfase de Lacan na palavra gradualmente encaminhou-se para a articulação de um modelo que perdeu de vista seu nascedouro. Passou da palavra viva à teoria lingüística do inconsci-

ente e daí para os matemas e nós borromeus. Pergunto: não seria um retorno a uma forma contemporânea de idealismo? (LEMAIRE, 1979; SCHNEIDERMAN, 1980).

Quando Lacan, seja no auditório do Hospital Sainte-Anne, seja depois, na Escola Normal Superior, realizava às quartas-feiras seus seminários, a platéia ávida gravava e anotava, sílaba por sílaba, tudo aquilo que pronunciava em voz baixa:

Não se trata de saber se eu falo de mim conformemente ao que eu sou, mas se, quando eu o falo de mim, sou o mesmo que aquele de quem eu falo. (LACAN, 1966, pág. 247).

A insistência por parte de Lacan sobre a linguagem atrai, inegavelmente, a atenção daqueles que, como Freud, pretendem apreender o fenômeno analítico *in statu nascendi*. Entretanto, a meu ver, a tematização torna-se mais obscura quando as referências são feitas ora à *lalangue*, ora à *parole*, deixando implícita a impossibilidade de compreensão da cena analítica atendo-se à *parole*. Penso que a eleição cega do "inconsciente estruturado como linguagem" traz o risco de redundantemente trocar uma noção positivista de aparelho psíquico por outra idealista, o que afetaria muito pouco a *praxis* na cena analítica. O intelectualismo "atuado" pouco fica a dever ao tecnicismo. Compreender a interlocução viva, atendo-se rigorosamente aos conceitos freudianos, e não se omitir na participação da cena, isto sim, exige engenho e arte.

\* \* \*

O cliente recosta-se no divã, respira fundo e ajeita-se na própria inquietude. Fala. Laçan ouve: "Quero penetrar surdamente no reino das palavras. Eu e elas estamos paralisados e em estado de dicionário. Quero conviver com as minhas palavras antes de escrevê-las".

Lacan ouve essa verdade. Fique tranquilo, pois ele jamais indagará sobre a geografia ou a latitude deste reino das palavras; jamais olhará para as pernas desse paciente aflito ou temeroso da sua paralisia; jamais aludirá à intrusão dessa

peessoa, querendo penetrar naquele reino. Talvez porque saiba de antemão que o homem, de saída, já é o reino das palavras' do Outro.

\* \* \*

Certamente, como já dissemos, em consequência de uma sólida' formação filosófica e literária, Lacan argumenta que o sujeito é determinado às avessas pelas suas palavras. As palavras habitam um reino, o do Outro, e delas faço uso para buscar ' me definir; existo através do Outro. Minha consciência ja- mais alcançará minha sujeição. Alimento, a despeito disso, a ilusão de preenchimento. Desejo que o Outro confirme mi- nha existência, buscando concretizar esse desejo e proferin- do uma demanda. O silêncio que se segue inculca dúvida sobre a realidade que esperaria encontrar. Subitamente, entendo ' que esta angústia me é familiar. Trata-se na verdade de uma outra cena que neste dia encontra novo *script* e cenário. Fa- lo. Exijo resposta confirmatória, tal como os telegramas dos correios. Meu corpo me diz sobre minhas dores, mas algo me diz, também, que meus gemidos não bastam. É preciso falar. ' Ouvir minha própria voz. Quando falo, finalmente, entendo ' que na verdade esperava poder construir a sintaxe daquele ' que assenta-se atrás de mim.

\* \* \*

Como disse, escrever sobre Psicanálise e linguagem e omitir' a contribuição de Jacques Lacan é, no mínimo, grave. Tecer considerações sobre sua obra e tentar despojá-la de seu carã- ter clerical e bíblico parece-me extremamente desejável. Por essa razão arrisquei-me a falar, também, um pouco da pessoa' de quem muitos falam e que poucos conheceram. Sou apenas mais um. Além disso, quero não apenas apresentar academicamente ' algumas de suas idéias e propostas, mas atrevo-me a terminar este capítulo com uma homenagem, emprestada de uma discípula, dedicada àquele que, reitero, insistiu como ninguém na Psica- nálise como disciplina necessariamente marginal:

Lacan, o homem dos dois destinos. Um

destino público, de clínico, de erudito, de docente, profeta, professor. Um destino secreto de paixão, poesia, loucura, amor de xamã. O psicanalista, nele, estava na encruzilhada dos caminhos: entre o público e o privado, entre o profeta e o xamã, preso entre duas paixões da língua. Sua história dupla foi, ao mesmo tempo, derrisória e desmedida. Derrisória, pelo aspecto público; desmesurada, pela força de uma paixão jamais desmentida. O pássaro de fogo resistiu a todos os ataques; mas a cada embate, perdia algumas penas. Acabou, como seria lógico, ele próprio, acendendo a fogueira de seus excrementos" (CLEMENT, 1983).

\* \* \*

## CAPÍTULO IV

### A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA PSICOSSOCIAL

Considero a temática desta parte da dissertação a que mais suscita meu interesse de pesquisa futura e, ao mesmo tempo, ceticismo dentre aqueles que procuram pensar Psicanálise, Sociedade e Cultura. Igualmente considero a mais controvertida.

Recusei-me, como já disse no início, a articular Psicanálise e Filosofia, utilizando-me de construções metateóricas. Optei por análises e demonstrações a partir daquilo que denominei matéria-prima ou *produto* que inegavelmente subjaz a ambas as disciplinas - no caso, a linguagem. Vou me valer do mesmo expediente para tratar de questões amplas e vagas como as que dão título a este capítulo. Em outras palavras, quero dizer que as interseções entre Psicanálise e Sociedade podem ser mais aparentes quando pensamos que a cena analítica envolve uma relação de poder virtual de uma pessoa sobre outra, ainda que esse poder se coloque analiticamente, todo o tempo, sob escrutínio. A Sociedade, na medida em que se constitui, grosso modo, num sistema de trocas, presuppõe igualmente o poder.

Ao definir a Psicanálise, Freud, insistiu na sua promessa terapêutica, ainda que pensasse nos seus aspectos ligados a uma teoria geral e a uma metodologia de investigação. Devido a um fato histórico e circunstancial, a Psicanálise teve sua origem marca-

da por uma sociedade politicamente adormecida. Suas condições de compreensão dos fenômenos sobre os quais se debruçou restringiram-se àquilo que atualmente chamamos clínica. A meu ver, essa circunstância agravou-se quando esta Psicanálise imigrou para os EUA, onde foi condenada a ser pensada exclusivamente como mais uma técnica psicoterápica e de ajustamento.

A teoria psicanalítica e o conjunto articulado de seus principais conceitos (Inconsciente, Transferência, Complexo de Édipo, Compulsão e Repetição, etc. ou bem lançam luz sobre a possibilidade de reflexão alternativa de uma Teoria da Sociedade, saindo de seu *gheto* exclusivamente clínico, ou seu interesse enquanto fato histórico passará a se definir como um mero modismo burguês e elitista. É importante ressaltar que, conforme já foi dito por RIEFF (1979), Freud nunca articulou uma psicologia verdadeiramente social e que seu interesse permaneceu no indivíduo. Ainda que tenha escrito que sua psicologia era tanto social quanto individual, seu interesse no social traz constantemente como pano-de-fundo o interesse pelo indivíduo.

Como se sabe, Freud empreendeu algumas tentativas para erigir o que poderíamos reconhecer como uma Antropologia em sua obra *Totem e Tabu* (1913 [1912-1913]). Retorna quase dez anos depois com *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) e termina com *Moisés e o Monoteísmo* (1939 [1934-1938]). Estas obras, por mais amplitude e abertura que apresentem, suspeito que seria benevolente e forçado afirmar que definam uma preocupação social e política inequívoca da parte de Freud. Argumento que as potencialidades da Psicanálise enquanto alternativa de reflexão sobre a Sociedade e seus problemas ganharam força, como veremos, por parte de alguns de seus discípulos.

Curiosamente, Geza Roheim e Bronislaw Malinowski empreenderam debates a respeito da teoria psicanalítica e suas implicações junto da cultura - como, por exemplo, o Complexo de Édipo. Fizeram-no, como se sabe, dentro de uma referência estritamente naturalista. Da mesma forma que Roheim aspirava reduzir a cultura à Biologia, Malinowski pensava o problema edipiano e sua origem na constelação familiar européia, desde que ingenuamente confundia

aquela organização familiar com a das culturas que vinha estudando. Um caso típico de etnocentrismo. Além desses autores, vários outros procuraram estudar essas questões e ganharam inclusive rubricas. Vejamos alguns.

#### a) Os Freudo-Marxistas

As ligações clássicas e conhecidas buscadas pelos psicanalistas do Instituto Psicanalítico e pelos sociólogos e filósofos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, a partir da década de 20, se revelaram, naquele momento, extremamente originais. Ao mesmo tempo, conforme ROUANET (1983), é incompreensível que as contribuições de Wilhelm Reich e Erich Fromm, por exemplo, sobre Marx e Freud - ambos considerados em função de sua obra da década de 20 - tenham sido silenciadas. Sugere que o próprio desenvolvimento das reflexões desses autores passou a ter relações cada vez menos pertinentes com a problemática que os teria motivado originalmente. Daí o evidente descaso global e até injusto com que suas obras são analisadas atualmente.

De qualquer forma, as dificuldades se tornaram crescentes: a Psicanálise seria uma teoria das funções psíquicas vazia e, posteriormente preenchida por um conteúdo social? A Psicanálise, com seu método, teria por objeto a história da vida psíquica e o marxismo, a história da sociedade? Em que momento se conectam essas histórias? Em suma, responder a essas questões, reduzindo a teoria freudiana ao marxismo ou vice-versa é uma atitude simplista (LORENZER, 1976a; 1976b; ROUANET, 1983).

Os freudo-marxistas cometeram um equívoco ao conceberem suas reflexões sobre a natureza e sociedade; não mantiveram uma perspectiva dialética. Ora apoiavam-se no pólo natureza e caminhavam em direção à sociedade, ora partiam da sociedade e encontravam dificuldades para chegar à natureza:

É conhecida a evolução de Reich, que acabou num biologismo cego para o histórico. (...) E a evolução de Fromm,

que implica numa mutilação do objeto e enlace da problemática da socialização familiar e consciência de classe que se diluiu numa teoria ambientalista. (LORENZER, 1976a, pág. 56-57).

Qual a proposta alternativa que se segue aos problemas acima apontados? Está evidente que permanece ilusório obter quaisquer resultados através da reflexão isolada sobre os pólos Natureza-Cultura. A própria história demonstra um deslizamento gradativo desses temas quando avaliados nos pratos de uma balança hipotética. Como consequência obtemos uma antidualética, onde o modismo ou desenvolvimento sazonal de uma área prevalece sobre a outra.

Seria necessário encontrar um objeto sobre o qual os psicanalistas, filósofos e sociólogos se debruçassem e que permanesse refratário a teorias provenientes de uma concepção epistemológica mecanicista (seja quando refletindo a sociedade, seja quando refletindo a Psicanálise) e, ao mesmo tempo, não se esgotasse, desde que tomando como manifestação exclusiva do mecanismo social. Esta dissertação argumenta que esse objeto "anfíbio", dotado de atributos, qualidades e manifestações próprias, é a linguagem, e a Psicanálise não tem condições de se omitir, mas, pelo contrário, apresenta-se como alternativa metodológica de reflexão sobre ela.

#### b) Sobre a Dialética Natureza-Cultura e a Linguagem

LORENZER (1976b), procurando ultrapassar esse dilema, que vem se travestindo sob várias formas e fórmulas ao longo dos séculos, indaga:

Como se enlaça a 'natureza interior' da criança com a práxis, de forma tal que o crescimento desta possa ser interpretado, em sua totalidade, como história natural e como história social de sua formação sobre a base de processos político-econômicos objetivos, e sem que em qualquer momento da argumentação deva-se supor a existência de competências e estruturas subjetivas alheias ao histórico? (pág. 12-13).

O próprio LORENZER (1976a), em outro texto que ele próprio ' admite tenha sido originalmente concebido como introdutório' ao acima referido, tenta responder inicialmente, dizendo que tomando como pontos de referência o materialismo histórico e a teoria das pulsões, desenvolverá a temática da linguagem . Em outros termos, a linguagem transfunde os pólos Natureza e Cultura. Isto, é claro, se a tomamos como fenômeno "anfíbio" e nos utilizamos de lentes ou marcos não positivistas para apreendê-la.

LORENZER (1976b) não nega que o problema que envolve a história das relações entre a Psicanálise e a linguagem vem desde o início daquela e que até o presente momento os pontos de contato não conduziram a qualquer sistematização produtiva e fluente. Não é fácil esboçar um programa de discussões sobre Psicanálise da linguagem sem correr o risco de caminhar em direção ao behaviorismo. Por outro lado, buscar o nexo entre linguagem e inconsciente, tomando com eixo central que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", significa retornar ao velho debate entre pulsões e Psicologia do Ego, e neste caso existe uma polêmica diante da qual se recomenda ' cautela.

O reconhecimento da importância fundamental da díade mãe-filho no processo socializador e do papel exercido por essa mesma díade na aquisição da linguagem torna possível ultrapassar os problemas levantados pelas análises isoladas da natureza e da cultura. Refiro-me, mais uma vez literalmente, a LORENZER (1976a).

Como surge a linguagem nesta linha de desenvolvimento? (...) o núcleo de seu esboço é o processo de predicação, ou seja, a coordenação de uma palavra com um objeto ou com uma ação. A palavra - uma determinada formação acústica - é atribuída a um objeto da mesma forma que se faz uma conta fazendo riscos na parede imputando-os aos objetos que se são somados; as palavras e os riscos são símbolos. Mas enquanto este processo de soma caracteriza uma situação monológica (...), a predicação, a atribuição

buição de palavras a objetos, é uma situação dialógica de aprendizagem que de acordo com [Kuño] Lorenz, apresenta rumos de forma esquemática:

Um falante diz a palavra "rosa" e aponta para o objeto; o ouvinte coordena o complexo acústico "rosa" com este objeto. A seguir pode-se empregar esse complexo acústico como símbolo para se entender com todos aqueles que participam do mesmo jogo-de-linguagem"(1). (pág. 129-130).

Nessa perspectiva é importante perceber claramente uma inversão dos vetores e termos clássicos da Linguística, a saber, sintaxe-semântica-pragmática. Dessa forma, ao gesto de coordenação entre predicadores e objetos (pragmática) assentam-se a semântica e sintaxe. Proponho, também, de acordo com ALMEIDA (1981), que.

A concepção tradicional de linguagem é subjetivista e idealista. Subjetivista, porque considera as convenções e regras linguísticas como dados imediatos da intuição do sujeito falante, e não como resultado de um processo de socialização do Sujeito. Idealista porque, ao se abstrair da função comunicativa da linguagem e ao pensar a linguagem como atividade subjetiva, se torna incapaz de enxergar nela uma atividade social que tem sua "materialidade" na medida em que se concretiza em práticas institucionalizadas. (pág. 24).

Não cabe nesta dissertação uma ampla discussão das consequências dessa perspectiva, bem como a reconsideração eventual de conceitos já consagrados na Psicanálise. Mas considero importante anunciar que, quando as interações entre a díade mãe-filho se chocam com o sistema social incorporado à linguagem, estas são excomungadas da consciência, perdem seu símbolo linguístico e são, enfim, dessimbolizadas. A partir

---

(1) A expressão *jogo-de-linguagem* deve ser entendida como: interação linguística entre, por exemplo, filho e mãe, quando esta ensina aquele a falar; como critério comparativo (descrição das situações que designamos com certas expressões); e finalmente como atividade linguística que faz parte de uma forma-de-vida simultaneamente natural e social.

desse momento, continuam a exibir sua força através do inconsciente. As comunicações são sistematicamente distorcidas e, conforme HABERMAS (1970; 1982), a Psicanálise passa a constituir-se como hermenêutica ou compreensão cênica, diferentemente de uma hermenêutica biográfica. Além disso, sabe-se que a comunicação que tem lugar através de uma língua natural nunca pode ocorrer entre observadores neutros, pelo simples fato de os interlocutores estarem presentes ou, como disse HABERMAS (1970).

qualquer tentativa de localizar a incompreensão na comunicação é, em si mesma, parte de um posterior (ou possivelmente o mesmo) processo de comunicação recíproca, conseqüentemente não o resultado de "observar" este processo. (pág. 206).

### c) A Linguagem como Trabalho e como Mercado

Estabelecer uma conexão inteligível entre esta seção e as anteriores, especialmente a última, é fundamental. Gostaria de referir-me a ROSSI-LANDI (1975), que me empresta o título para esta seção.

Enfatizo reiteradamente que a Psicanálise deve retornar à palavra ordinária - de onde surgiu - e abrir mão de suas análises subjetivistas ou objetivistas. Algumas idéias de Rossi-Landi caminham, também, na direção de eliminar o objetivismo e o subjetivismo da linguagem, visando integrar as contribuições de Marx com uma concepção da linguagem.

O autor começa seu texto argumentando que a distinção clássica entre trabalho não-lingüístico e trabalho lingüístico é equivocada. Trata-se, na verdade, da mesma coisa:

Da constatação segundo a qual as palavras e as mensagens não existem na natureza, porque são produzidas pelos homens, deduz-se imediatamente que elas também são produtos do trabalho humano. (pág. 114).

Diz, ainda Rossi-Landi, logo em seguida:

A unidade do homem enquanto animal que trabalha e fala, distinto de todos os outros, pode assim traduzir-se: ao produzir utensílios e palavras, forma-se historicamente a si mesmo por essa produção que é o social. (pág. 114).

Após a eliminação da distinção entre trabalho lingüístico e não-lingüístico, pode-se, juntamente com Marx e Engels, e como lembra Rossi-Landi, passar a entender que a "linguagem", como a consciência, aparece com a necessidade do comércio com outros homens" (pág. 116).

Sua demonstração é extremamente sugestiva quando caracteriza a *fala* individual como ilusão. Compara a fala com um trabalho idêntico à produção de um par de sapatos: uma concretização que, inegavelmente, é individual, mas cujo modelo é social. Continua:

O caráter natural do falar é de natureza social, fruto de longa experiência individual e de longa tradição social. Por essa razão, devemos falar de uma pseudo-naturalidade social (...). No mundo das abelhas, encontramos-nos perante uma pseudo-sociabilidade natural. (pág. 123-126).

Desde que falar envolve utilizar as palavras e não produzi-las, a comunidade lingüística pode ser considerada como o local onde as trocas de mensagens se efetuam, tal como num mercado, e onde as expressões assumem valores e, em função deles, são consumidas ou trocadas. Tais valores podem ser de uso ou de troca. São valores de uso quando satisfazem necessidades humanas, e dessa forma "ter um valor" equivale a "ter uma significação". Essas considerações possibilitam-me caminhar mais no sentido de apontar novamente a presença da palavra na cena analítica e qual a qualidade dessa palavra.

#### d) A Filosofia da Linguagem Ordinária

Da mesma forma que as descobertas provenientes da Lingüísti-

ca acabaram por se revelarem extremamente úteis para a compreensão dos fenômenos presentes na cena analítica e (não nos esqueçamos de que àquela época Psicanálise e Lingüística pouco tinham a ver ou ainda que Freud e Saussure não se conheciam), é possível pensar que um filósofo como Ludwig Wittgenstein, absolutamente distante da Psicanálise, pudesse, também, dar a ela sua contribuição. Ao que consta, Freud, em toda sua obra, não fez nenhuma referência a Wittgenstein. Entretanto, valho-me das idéias desse filósofo, e de desenvolvimentos posteriores obtidos por seus discípulos, para insistir que a cena analítica pode ser compreendida à luz das contribuições de AUSTIN (1962) e SEARLE (1974, 1980), dentre outros, que receberam influência da obra de Wittgenstein.

Não entendo as razões da negligência do estudo e trato *pragmático* dos problemas lingüísticos, especialmente aqueles que nos interessam neste momento mais de perto: a Psicanálise e sua *práxis*.

O projeto de Wittgenstein - promover uma terapêutica lingüística e, quem sabe, a prevenção dos falsos problemas filosóficos através de uma análise também lingüística - conduziu, na minha opinião, à publicação, sob a forma de conferências, de uma contribuição que nos interessa de perto e que vem de AUSTIN (1962): *How to Do Things With Words*. Austin começa por dizer que os filósofos sempre partem do pressuposto de que um "enunciado" deve "descrever" um estado de coisas ou, ainda, "enunciar um fato" como *verdadeiro* ou *falso*. É claro que essa pressuposição produziu na Filosofia um desenvolvimento inegável por um lado, mas criou pseudo-problemas por outro lado. Como já foi dito oportunamente por CARRIÓ e RABOSSI (1971), os problemas filosóficos surgem quando a linguagem "sai de férias" e passa a funcionar como uma turbina fora de suas engrenagens. É impossível considerar os problemas filosóficos ou psicanalíticos isoladamente, fora do quadro de vida que os impregna.

AUSTIN (1962) denomina constatativos aqueles enunciados passíveis de serem submetidos a testes de qualquer natureza e,

a partir daí, afirmados como verdadeiros ou falsos. Além dos enunciados constatativos faz-se necessário delimitar a idéia de um enunciado que indica que enunciar uma expressão é *realizar uma ação*, e que esta não se concebe normalmente como mero dizer alguma coisa. Trata-se de um enunciado performativo. Como é óbvio, quando digo: "Feche a janela!", não estou interessado nos elementos que me permitem dizer algo sobre a verdade ou falsidade desse enunciado, mas *estou fazendo algo* quando enuncio, e mais, dizendo para que *alguém faça algo*. Não acho relevante para meu propósito discutir, neste caso, as sutis implicações das propostas de Austin e seus colegas' que implementaram o desenvolvimento depois de Wittgenstein' da Filosofia Analítica da Linguagem. Penso que basta insistir que *dizer é fazer*, e que na vida cotidiana - *onde a cena analítica se inclui* - os proferimentos são predominantemente performativos e não constatativos.

Austin prossegue dizendo que um enunciado ou ato-de-fala pode ser *locucionário*, quando ocorre a emissão de certos ruídos, de certas palavras em determinada construção e com um certo "sentido". Pode ser *ilocucionário*, quando da consecução a uma ordem.

Finalmente, diz:

... normalmente, dizer algo produzirá' certas conseqüências ou efeitos sobre' os sentimentos, pensamentos ou ações' da audiência, ou de quem emite a expressão, ou de outras pessoas. É possível que ao dizer algo façamo-lo com o propósito, intenção ou desígnio de produzir tais efeitos. (...) Denominaremos a realização de um ato deste tipo' a realização de um ato perlocucionário ou perlocução. (pág. 101).

Pretendo argumentar que, na *cena analítica*, os proferimentos do paciente, desde o instante que este entra para a sessão' de análise, são perlocucionários, ou seja, visam produzir, consciente ou inconscientemente, efeitos sobre o analista. A qualidade e natureza da perlocução, *hic et nunc*, ou sucessão

de perlocuções ao longo de toda a análise, define, configura ou dá *gestalt* à Transferência, ao diagnóstico, à repetição, etc. Conseqüentemente, pode-se prescindir de quaisquer técnicas de exame ou testes para a obtenção desse fim. Ressalte-se que isso é válido, em se tratando de análise. Uma das suas características fundamentais: o próprio fenômeno já mencionado da Transferência é negado, desde que se possibilita nessa relação de anamnese uma terceira pessoa ou instrumento de exame. Suspeito, ademais, que todos aqueles conceitos clássicos da Psicanálise podem ser depurados do empirismo e intelectualismo através das propostas da Filosofia Analítica da Linguagem, desde que essas propostas não enveredem para sistemas de notação.

Quando afirmo que tudo que tem lugar na cena analítica, em última instância, pode ser interpretado como um ato-de-fala perlocucionário, recordo-me de AULAGNIER (1980), quando discute o que denominou "duplo princípio de causalidade".

Um paciente dirige-se à sessão de análise quando cai sobre Paris uma tempestade. Na sessão seguinte, justifica-se dizendo que sua ausência se deve ao problema atmosférico. Aulagnier, de forma extremamente perspicaz, interpreta a dimensão transferencial. Por quê? Diz ela que é fato notório para ela, para o cliente e para a cultura - que os fenômenos naturais têm uma *causalidade demonstrada* pelas Ciências. Entretanto, não podemos nos esquecer, enquanto analistas, que quando o paciente diz que não pôde vir à sessão anterior *por causa* da chuva, estamos diante de uma *causalidade interpretada*. A *causalidade demonstrada* refere-se à realidade, e a essa realidade o paciente apõe uma *causalidade interpretada* que se refere à sua realidade. Diz mais:

no registro da "causalidade interpretada" propomos ao cliente uma nova relação entre certos efeitos e o que ele não conhece sobre seu desejo e sua história. (pág. 55).

Em resumo, a *causalidade interpretada* proposta por AULAGNIER

(1980) sō se constrōi tomando como pano-de-fundo o desejo de produzir um efeito sobre o analista, seja qual for que venha a ser o efeito, desde que por sua vez seu rumo ē ditado pela transferēncia.

#### e) Psicanālise e Filosofia Analītica da Linguagem

SMITH (1981), como participante de um simpōsio onde estava sendo realizada uma retrospectiva dos desenvolvimentos da Filosofia na ūltima metade de sēculo, lançou alguns alertas aquilo que denominou *The Linguistic Turn*. Considerou inacreditāveis, por exemplo, algumas afirmações que pretendem ou pelo menos tendem a colocar toda a Filosofia como Histōria da Filosofia e na defensiva, desde que obscurecem temas fundamentais como: moral, estētica, religiāo e existencialismo.

Pessoalmente, e colocando o risco do reducionismo ā parte, creio que a Filosofia Analītica da Linguagem, no que respeita ā Psicanālise e, ē ōbvio, sua *prāxis*, tem muito a oferecer enquanto oportunidade de reflexāo e compreensāo dos conceitos fundamentais onipresentes na *prāxis* psicanalītica. Isso na medida em que dā a necessāria ênfase ā palavra em seu contexto clīnico, e procura evitar a elaboraçāo de modelos positivistas ou estruturalistas. Os primeiros pecam por um determinismo fisicalista, em moda nos EUA; os outros, por um determinismo cultural, que jā foi moda na Europa.

A insistēncia no ato-de-fala tende a provocar um certo receio de behaviorismo, desde que apōs a polēmica Chomsky/Skinner, qualquer atençāo ā *performance* ē associada ao behaviorismo. A ponderaçāo de SEARLE (1974), neste ponto, parece-me lūcida:

qualquer teoria que trate o ato lingŭístico, um fragmento do comportamento lingŭístico, como unidade bāsica do significado, tem que implicar, por força, numa espēcie de concessāo ao behaviorismo. Nada mais distante da verdade. Uma das ironias da histōria do behaviorismo ē a de que os behavioristas nāo tenham visto que o conceito de açāo humana (...) implica essencialmente o conceito de intencionalidade. (pág. 67).

Em resumo, a eleição dos proferimentos que têm lugar na cena analítica como objeto de estudo, a construção de teorias des cartáveis, tomando-se como pontos nodais os conceitos e termos clássicos da Psicanálise e a reabilitação da importância da *práxis* parecem-me compor um programa de pesquisa tentador. Repito que, lastreada na obra de Wittengstein e seus discípulos, a Filosofia Analítica da Linguagem apresenta, neste ponto de seu desenvolvimento, plenas condições de acolher e elucidar conceptualmente a Psicanálise, criando um clima de crítica sistemática a ela, que por muitos motivos insiste em se enclausurar nos consultórios e, conseqüentemente, empobrecer-se nesta sociedade ansiosa por resultados rápidos e soluções aparentes.

\* \* \*

## CONCLUSÃO

Quando falo da linguagem (...) devo falar a linguagem do cotidiano. Seria essa linguagem talvez muito grosseira, material, para aquilo que queremos dizer? E como se forma então uma outra? - E como é espantoso que possamos fazer alguma coisa com a nossa! (WITTGENSTEIN, 1945 [1975], pág. 59).

A Psicanálise emergiu no início deste século como *práxis*. Quero dizer que desde seu surgimento tratava-se de uma ação de homens sobre homens. Entretanto, essa sua marca inegável de *práxis*, concretizada na interlocução, foi escamoteada pelo *Zeitgeist*, desde que o positivismo e as Ciências Naturais, que regulavam a Medicina, ora a denunciavam como mera especulação e ora davam-lhe abrigo.

As ambigüidades, já mencionadas, de Freud deram margem a que seus seguidores se apropriassem da proposta freudiana como terra-de-ninguém.

Esta dissertação denunciou estes equívocos e na medida do possível, balizou o exercício da Psicanálise. Como?

Inicialmente e fundamentalmente, considerando situarem-se na *interlocução* as condições de possibilidade de apreensão da Psicanálise e promovendo uma destoca (que pode vir a ser considerada *impiedosa* por alguns) daquelas áreas ou tematizações que se aproximaram da teoria freudiana para viver ou sobreviver à sua sombra, mas que ao mesmo tempo e sutilmente impuseram-lhe uma moldura positivista. Referi-me tanto à Psicoterapia (sob suas infinitas versões) quanto às Teorias da Personalidade. Procurei, assim, afastar de forma clara e inequívoca a Psicologia e a Psiquiatria da Psicanálise, e o fiz mais segura e facilmente por considerar esta aproximação circunstancial.

Num segundo momento afirmei e discuti o visível retorno da Psicanálise a uma preocupação amortecida desde sua origem: a *interlocução*. Isso foi feito através de três caminhos distintos: via Fenomenologia, via contestação empreendida por Jacques Lacan e via argumentação de que a Psicanálise constitui-se como ciência psicossocial. Ao tratar desta última via, considerei o fato de que a Psicanálise, tendo permanecido como área médica por prolongado tempo, ganhou em cacoetes técnicos e rituais que lhe valeram justa acusação de elitista. Tal reflexão me levou a sustentar que a teoria freudiana ou atende aos apelos da sociedade contemporânea e seus conflitos, oferecendo seu aparato conceptual como alternativa de reflexão, compreensão e mudança, ou estará condenada ao

papel de simples terapêutica, tão temido por seu criador.

Em resumo, o ponto marcante para o qual chamei a atenção ao longo de toda a dissertação é que a Psicanálise "possui uma inteligência equivocada de si", conforme opinião de Habermas. Em outras palavras, a *interlocação* é o ponto sobre o qual deve se debruçar. Qualquer teoria - sobretudo da linguagem - que negligencie a dialética da interlocação simplesmente alargará o abismo hoje existente entre a teoria e a prática psicanalítica, bloqueando, portanto, sua consolidação enquanto *práxis*.

Assim, ao insistir no restabelecimento da interlocação *in statu nascendi* reiterarei a relevância do posicionamento inequívoco frente a uma linguagem isenta de teorizações perigosamente empírico-racionais. Escolhi apontar para a linguagem cotidiana ou ordinária como campo fecundo de abordagem não-empírica e não-intelectualista dos conceitos psicanalíticos. Essa linguagem deve ser abordada sob sua forma bruta. Em outras palavras, situo-me numa posição anti-intelectualista.

Esta dissertação possui, pois, em seu bojo duas histórias. A primeira, a da Psicanálise e seus travestimentos epistemológicos; a segunda história, a minha própria. Uma história de apontamentos para um itinerário por fazer e que refletem claramente o caminho que já percorri.

Se insisti na *cena analítica* como lugar de uma interlocação e se nesta reside a matéria-prima com a qual lida a Psicanálise, é necessário demonstrar em futuro próximo que são passíveis de compreensão, sob esta outra moldura, conceitos clássicos como Inconsciente, Pulsão, Transferência, Compulsão e Repetição. Esta, a empreitada por ser realizada.

\* \* \*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOOD, L.G. (1960) "A Chemical Approach to the problem of Mental Disease". In: D.D. Jackson, *The Etiology of Schizophrenia*, New York, Basic Books.
- ALLPORT, G. (1958) "What units shall we employ?" *The assesment of Human Motives*, págs. 239-260. Edited by Lindzey, G. New York, Rinehart.
- ALLPORT, G. and POSTMAN, L. (1947) "The basic psychology of rumor". In: NEWCOMB and HARTLEY, *Readings in social psychology*, New York, Holt.
- ALMEIDA, G.A. (1981) *Linguagem e Ação Comunicativa: introdução à Análise Pragmática do Discurso*, Tese para Professor Titular. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG.
- ALMEIDA, G.A. (1984) *Comunicação Pessoal*.
- ASSOUN, P. (1978) *Freud a Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- AULAGNIER, P. (1980) *Los Destinos del Placer: Alienación: Amor, Pasión*, Barcelona, Ediciones Petrel.
- AUSTIN, J. (1962) *How to do Things with Words*, Cambridge, Harvard University Press.
- BACON, F. (1973) *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza*. "Os Pensadores", Vol. XIII.

São Paulo, Editora Abril.

BARTHES, R. (1980) *Aula*, São Paulo, Editora Cultrix.

BONOMI, A. (1974) *Fenomenologia e Estruturalismo*, São Paulo, Perspectiva.

BOUDON, R. (1974) *Para que Serve a Noção de Estrutura?*, Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. (1975) *A Reprodução*, Rio de Janeiro, Francisco Alves.

BREUER, J. e FREUD, S. (1883-1895) *Estudos sobre a Histeria*, Edição Standard Brasileira, Vol. II. IMAGO Editora, 1972.

CARRIÑO, G. y RABOSSO, E. (1971) *La Filosofia de John L. Austin*. In: Austin, J.L. *Palabras y Acciones*, Buenos Aires, Paidós.

CHOMSKY, N. (1973) *Linguagem e Pensamento*, Rio de Janeiro, Editora Vozes.

CLEMENT, C. (1983) *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*, São Paulo, Moraes.

COYNE, M. (1980). "Merleau-Ponty on Language: An Interrupted Journey Toward a Phenomenology of Speaking". *International Philosophical Quarterly*, Vol. XX, nº 3.

DAHL, H, TELLER, V. MOSS, D. TRUJILLO, M. (1978) "Counter-transference Examples of the Syntactic Expression of Warded-off Contents". *Psychoanalytic Quarterly*, Vol. XLVII, 339-363.

- DARTIGUES, A. (1973) *O que é Fenomenologia?*, Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca.
- DAYAN, M. (1979) "D'Un Ci-Devant Sujet". *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, nº 20.
- DESCARTES, R. *Meditações*. "Os Pensadores", Vol. XV, São Paulo, Editora Abril, 1973.
- DE WAELHENS, A. (1958) *Existence et Signification*, Editions E. Nauwelaerts, Louvain.
- DOLLARD, J. and MILLER, N. (1950) *Personality and Psychotherapy*, New York, Mc-Graw-Hill.
- DRUMMOND, C. (1943-1945) *A Rosa do Povo*. Poema: Procura da Poesia. Obra Completa, Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1964.
- EDELSON, M. (1977) "Psychoanalysis as Science". *The Journal of Nervous and Mental Disease*, Vol. 165.
- EISSLER, R.W. (1968) "The Relation of Explaining and Understanding in Psychoanalysis". *The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol. 28.
- EYSENCK, H.J. (1964) *Usos e Abusos da Psicologia*, Ibrasa, São Paulo.
- EYSENCK, H.J. and RACHMAN; S. (1965) *Causes and Cures of Neurosis*, San Diego, California, Knapp.

- FERENCZI, S. (1912) *Philosophie et Psychoanalyse. Oeuvres Completes*. Publication originale en allemand. IMAGO, I, 519.
- FERNANDEZ, F.A. (1976) *Fundamentos de la Psiquiatria Actual*, Editorial Paz Montalvo.
- FERNANDEZ, F.A. (1977) *Psicologia Medica y Social*, Madrid, Editorial Paz Montalvo.
- FOUCAULT, M. (1978) *História da Loucura na Idade Clássica*, São Paulo, Perspectiva.
- FREUD, S. (1900) *A Interpretação dos Sonhos (1a. parte)*, Edição Standard Brasileira, Vol. IV. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1900-1901) *A Interpretação dos Sonhos (2a. parte)*, Edição Standard Brasileira, Vol. V. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1901) *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Edição Standard Brasileira, Vol. VI. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1905) *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, Edição Standard Brasileira, Vol. VIII. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1905 [1904]) *Sobre a Psicoterapia*. Edição Standard Brasileira, Vol. VII. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1913 [1912-1913]) *Totem e Tabu*, Edição Standard Brasileira, Vol. VIII. IMAGO Editora, 1972.

- FREUD, S. (1913) *O Interesse Científico da Psicanálise*, Edição Standard Brasileira, Vol. XIII. IMAGO EDITORA, 1972.
- FREUD, S. (1914) *A História do Movimento Psicanalítico*, Edição Standard Brasileira, Vol. XIV. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1915) *O Inconsciente*, Edição Standard Brasileira, Vol. XIV. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1916-1917 [1915-1917] ) *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Edição Standard Brasileira, Vol. XVI. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1920) *Além do Princípio do Prazer*, Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1921) *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. Edição Standard Brasileira, Vol. XVII. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1923 [1922] ) *Dois Verbetes de Enciclopédia*, Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1925 [1924] ) *Um Estudo Autobiográfico*, Edição Standard Brasileira, Vol. XX. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1926) *A Questão da Análise Leiga*. Edição Standard Brasileira, Vol. XX. IMAGO Editora, 1972.
- FREUD, S. (1939 [1934-1938] ) *Moisés e o Monoteísmo*, Edição Standard Brasileira, Vol. XXIII. IMAGO Editora, 1972.

- FREUD, S. (1950 [1895] ) *Projeto para uma Psicologia Científica*, Edição Standard Brasileira, Vol. I. IMAGO Editora, 1972.
- GOLDSTEIN, A. et alii (1966) *Psychotherapy and the Psychology of Behavior Change*, New York, John Wiley.
- GROSSMAN, W. and SIMON, R. (1969) "Antropomorphism: Motive, Meaning and Causality in Psychoanalytic Theory". *The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol. XXIX.
- HABERMAS, J. (1970) "On Systematically Distorted Communication". *Inquiry*, 13, 205-18.
- HABERMAS, J. (1982) *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- HALL, C.S. & LINDZEY, G. (1966) *Teorias da Personalidade*, São Paulo, Herder.
- HARNEY, M. (1978) "Psychoanalysis and Hermeneutics". *Journal of the British Society for Phenomenology*, 71-81.
- HARTMANN, H. (1927) "Verstehen und Erklaren" (tradução espanhola de Manuel de la Escalera, *Comprensión y Explicación*). In HARTMANN, H. *Ensayos sobre la Psicología del Yo*, org. por Ramón de la Fuente, México, Fondo de Cultura Económica, 1978.
- HARTMANN, H. (1939) *Ego Psychology and the Problem of Adaptation*, New York, International Universities Press. (trad. brasileira. HARTMANN, H. *Psicología do Ego e o Problema de Adaptação*, Rio de Janeiro, Biblioteca Universal Popular, 1968).

HEGENBERG, L. (1965) *Introdução à Filosofia da Ciência*, São Paulo, Editora Herder.

HOLLAND, R. (1979) *Eu e Contexto Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

HOUGAARD, E. (1978) "Psychoanalysis and Phenomenology: Freud and Husserl". *Journal of Phenomenological Psychology*, Fall.

HUSSERL, E. (1935 [1973] ) *La Filosofia como Ciência Estricta*, Buenos Aires, Editorial Nova.

JASPERS, K. (1973) *Psicopatologia Geral*, Rio de Janeiro, Livraria Atheneu.

JOYCE, J. (1966) *Ulisses*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

KOLANSKY, H. (1967) "Some Psychoanalytic Considerations on Speech in normal Development and Psychopathology". *The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol. XXII.

KUHN, T.S. (1975) *A Estrutura das Revoluções Científicas*, São Paulo, Perspectiva.

KURZWEIL, E. (1980) "Jacques Lacan: French Freud". In: KURZWEIL, E. *The Age of Structuralism*, New York, Columbia University Press.

LACAN, J. (1966) *Escritos*, São Paulo, Perspectiva.

- LANGS, R. (1973) *The Technique of Psychoanalytic Psychotherapy* Vol. I, New York, Jason Aronson.
- LANTERI-LAURA, G. (1981) "Phenomenology and a critique of the foundations of psiquiatry", s.l.
- LAPLANCHE, J. y LECLAIRE, S. (1976) "El inconsciente: un estudio psicoanalítico". In: GREEN, A. et alii, *El Inconsciente Freudiano y el Psicoanálisis Frances Contemporáneo*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. (1970) *Vocabulário da Psicanálise*, Santos, Livraria Martins Fontes Editora.
- LEAVY, S. (1978) "The Significance of Jacques Lacan". *Psychiatry and the Humanities*, Vol. 3, 271-292.
- LECLAIRE, S. (1977) *Psicanalisar*, São Paulo, Editora Perspectiva.
- LEMAIRE, A. (1979) *Jacques Lacan: Uma Introdução*, Rio de Janeiro, Editora Campus.
- LENOBLE, R. (1957) "Origines de la Pensée Scientifique Moderne". In: *Histoire de la Science*, Paris, Gallimard.
- LEVENSON, E.A. (1978). "Psychoanalysis - Cure or Persuasion". In: WITENBERG, E.G. (Ed). *Interpersonal Psychoanalysis*, New York, Gardner Press.
- LOCKE, J. *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. "Os Pensadores",

Vol. XVIII, São Paulo, Editora Abril, 1973.

LORENZER, A. (1976a) *Sobre el Objeto del Psicoanálisis: Language e Interacción*, Buenos Aires, Amorrortu Editores.

LORENZER, A. (1976b) *Bases para una Teoría de la Socialización*, Buenos Aires, Amorrortu Editores.

LOTTO, D. (1982) "Another Point of View on Freud's Metapsychology". *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*. Vol. 10 , nº 3.

MAHONY, P. and SINGH, R. (1975) "The Interpretation of Dreams, Semiology and Chomskian Linguistics". *The Psychoanalytic Study of the Child*, Vol. XXX:

MANNONI, M. (1982) *A Teoría como Ficção*, Rio de Janeiro, Campus.

MARCUSE, H. (1973) *A Ideología da Sociedade Industrial*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

MARX, M. y HILLIX, W. (1967) *Sistemas y Teorías Psicológicas Contemporáneas*, Buenos Aires, Paidós.

MEISSNER, W.W. (1981) "Metapsychology - Who Needs it?". *Journal of the American Psychoanalytic Association*, Vol. 29, nº 4.

MERLEAU-PONTY, M. (1971 [1964] ) *O Visível e o Invisível*, São Paulo, Perspectiva.

- MERLEAU-PONTY, M. (1971 [1945] ) *Fenomenologia da Percepção*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos.
- MERLEAU-PONTY, M. (1973 [1949-1952] ) *Ciências do Homem e Fenomenologia*, São Paulo, Edição Saraiva.
- MERLEAU-PONTY, M. (1975 [1945] ) *A Estrutura do Comportamento*, Belo Horizonte, Interlivros.
- MEZAN, R. (1984) "Psicanálise e Filosofia". Conferência pronunciada no Instituto de Estudos Psicanalíticos (IEPSI), Belo Horizonte.
- MODELL, A. (1981) "Does Metapsychology Still Exist? *International Journal of Psychoanalysis*, 62, 391.
- MORRIS, C. (1964) *Signification and Significance: A Study of the Relations of Signs and Values*, Cambridge, M.I.T. Press.
- PERLS, F.S. (1976) *Gestalt-Terapia Explicada*, São Paulo, Summus Editorial.
- POLITZER, G. (1975) *Crítica dos Fundamentos da Psicologia I e II*, Lisboa, Editorial Presença.
- RAPAPORT, D. (1982) *A Estrutura da Teoria Psicanalítica*, São Paulo, Perspectiva.
- RENDON, M. (1979) "Structuralism in Psychoanalysis". *American Journal of Psychoanalysis*, Vol. 39, nº 4, 343-350.

- RICOEUR, P. (1977) *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, IMAGO Editora.
- RICOEUR, P. (1978) *O Conflito das Interpretações: Ensaios de Her<sub>menêutica</sub>*, Rio de Janeiro, IMAGO Editora.
- RIEFF, P. (1979) *Freud: Pensamento e Humanismo*, Belo Horizonte , Interlivros.
- ROAZEN, P. (1978) *Freud e seus Discípulos*, São Paulo, Cultrix.
- ROGERS, C. (1961) *Psicoterapia Centrada en el Cliente*, Editorial, Paidós, Buenos Aires.
- ROGERS, C. (1973) *Tornar-se Pessoa*, Livraria Martins Fontes, Santos.
- ROKEACH, M. (1960) *The Open and Closed Mind*, New York, Basic Books.
- ROKEACH, M. (1972) *Beliefs, Attitudes and Values*, San Francisco, Jossey-Bass.
- ROSSI-LANDI, F.A. (1975) "Linguagem como Trabalho e como Mercado!" In: SCHAFF, A. et alii, *Linguística Sociedade e Política*, Lisboa, Edições 70.
- ROUANET, S.P. (1983) *Teoria Crítica e Psicanálise*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

SARTRE, J.P. (1965) *Esboço de uma Teoria das Emoções*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

SAUSSURE, F. (1975 [1916] ) *Curso de Linguística Geral*, São Paulo, Editora Cultrix.

SCHNEIDERMAN, S. (1980) *Returning to Freud: Clinical Psychoanalysis in the School of Lacan*, New Haven and London, Yale University Press.

SEARLE, J. (1974) *La Revolución de Chomsky en Linguística*, Barcelona, Editorial Anagrama.

SEARLE, J. (1980) *Actos de Habla*, Madrid, Catedra.

SHOSTROM, E.L. (1967) *Man, the Manipulator*, Nashville, Abingdon Press.

SHIZUTO, M. (1973) *Fruticultura*, Campinas, Instituto Campineiro de Ensino Agrícola.

SKINNER, B.F. (1967) *Ciência e Comportamento Humano*, Brasília, Editora Universidade de Brasília.

SLOANE, R.B. et alii (1975) *Psychotherapy versus Behavior Therapy*, London, Harvard University Press.

SMITH, J.E. (1981) "A Fifty-year Retrospective in Philosophy!" *International Philosophical Quarterly*, Vol. XXI, nº 2.

TIZÓN, J.L. (1978) *Introducción a la Epistemología de la Psicología y la Psiquiatria*, Barcelona, Editorial Ariel.

WACHTEL, P. (1977) *Psychoanalysis and Behavior Therapy*, New York, Basic Books.

WILDEN, A. (1972) *System and Structure: Essays in Communicating and Exchange*, London, Tavistock Publications.

WITTGENSTEIN, L. (1945 [1975] ) *Investigações Filosóficas*, Os Pensadores", Vol. XLVI, Editora Abril, São Paulo.

WOLPE, J. (1958) *Psychotherapy by Reciprocal Inhibition*, Stanford, Cal., Stanford University Press.

\* \* \*